

MEMORIAL DE CONCURSO PARA PROFESSORA TITULAR

Carreira do Magistério Superior - UFSC

Ilka Boaventura Leite



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

MEMORIAL DE CONCURSO PARA PROFESSORA TITULAR

Promoção à Classe E, DE - Professora Titular da Carreira
do Magistério Superior

Ilka Boaventura Leite

Memorial de Atividades Acadêmicas (MAA) produzido segundo as exigências normativas para a promoção a professor titular da carreira do Magistério Superior, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Documento complementar ao Memorial de Avaliação de Desempenho (MAD).

Florianópolis, maio de 2019

“A compreensão de si é uma interpretação que encontra na narrativa uma mediação privilegiada; essa última se vale tanto da história quanto da ficção, fazendo da história de uma vida uma história fictícia ou, se quisermos, uma ficção histórica.”

Paul Ricoeur, *Temps et récit*, III Paris, Seuil, 1985, pp. 435-490.

Para Silvio Coelho dos Santos (*in memoriam*), um dos fundadores da Antropologia catarinense, por seu compromisso pioneiro com a descolonização do pensamento e os Direitos Humanos, seu exemplo de luta pelo respeito aos Direitos Indígenas.

SUMÁRIO

PRELÚDIO	o memorial	07
ANTECEDENTES	em busca de uma voz narrativa	09
FORMAÇÃO	estudando a vida inteira	13
CAMPOS DISCIPLINARES	história, literatura e antropologia	21
ENSINO	teoria, etnicidade e estudos afro-brasileiros	29
PESQUISA	viagens, territórios e diásporas africanas	45
NÚCLEO DE PESQUISA	coletivo NUER, lugares e entre-lugares	69
EXTENSÃO	patrimônio, educação e direitos constitucionais	77
ADMINISTRAÇÃO	colegiados, comissões e laboratórios	83
PRÓXIMOS PASSOS	caminhando, cantando e seguindo	87
REFERÊNCIAS	bibliografias citadas	89
APÊNDICES		93

PRELÚDIO o memorial

Desde que ressurgiu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a possibilidade de chegar à etapa de titular, depois de muitos anos sem a existência de vagas para ascender ao topo da carreira, voltei a alimentar a ideia da uma tese inédita, a realização de um trabalho denso e finalista no qual eu pudesse refletir sobre o que aprendi em mais de três décadas de vida acadêmica. Para isso, fui reunindo, ano a ano, a cada etapa de renovação da bolsa do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), arquivos crescentes, planos e análises fragmentadas e sequenciais de algo que, ao final, levasse à candidatura condizente com o patamar considerado da carreira em uma universidade federal do Brasil. Sumários, textos, mais de cem páginas escritas e a grande surpresa ao constatar que eu seria a primeira e única a defender uma tese inédita no CFH, na UFSC. Isso me gerou alguma apreensão, sobretudo depois de uma conversa com o colega congolês/brasileiro Kabengele Munanga, que me relatou sua experiência em uma banca desse tipo e, ao final, entre suspiros enigmáticos, convidou-me a ponderar minhas “pretensões”. Permaneci por algumas semanas com esse diálogo em minha cabeça e me perguntando se, com esta escolha, eu não estaria perdendo a oportunidade de escrever uma memória de minha trajetória acadêmica e se não estaria diante até mesmo da perda de uma oportunidade (afinal, a escolhida por todo(a)s), de fazer esse exercício recordatório e analítico. Depois de várias semanas pensando, cheguei à conclusão de que este seria um momento ímpar, voltado principalmente à autorreflexão, ao trabalho de repensar sobre as escolhas, os desafios, os trajetos percorridos, as conquistas, as perdas, o destino (Será?). Afinal, o livro da suposta tese já gozava de sua vida própria anterior, podendo seguir seu formato de modo independente e sem atropelos, como fruto de momentos criativos nas noites frias, mornas e quentes da Ilha. Olhando dessa forma, um memorial poderia ser outra coisa, talvez um mergulho reflexivo na própria trajetória. Então, resolvi optar por ele.

O passo seguinte foi encontrar uma voz, a minha voz narrativa, capaz de fazer convergir, ao mesmo tempo e no mesmo lugar, as exigências formais do regimento da carreira universitária, as informações completas sobre a produtividade acadêmica, as opções feitas e as etapas de formação intelectual, o engajamento na instituição e na própria vida social local como desdobramento de tudo isso. Encontrar um tom para responder às exigências formais e ainda encontrar uma voz autoral, um grande e novo desafio sobretudo para mim, que passei toda a vida acadêmica, desde a chegada à universidade, ainda na graduação até os dias atuais, escrevendo relatórios. Relatar e mais relatar, existe escrita mais árida? Minha longa vida de bolsista, desde a iniciação científica até os dias atuais, praticamente me especializou nessa modalidade de texto descritivo; e confesso hoje que, se não fosse o contraponto oposto, o da atividade poética – iniciada em torno dos dez, onze anos de idade – eu nunca teria conseguido chegar a escrever algo sequer razoável de ler, algo de cunho mais ensaístico, ou a alcançar alguma razoável voz autoral. Aliás, acho até que isso “de todo” não aconteceu, sendo ainda o meu maior desafio. Quando releio meus artigos e livros, vejo em grande medida um árido rascunho, contendo normalização e regras de escrita do trabalho científico, em estilo formal e em “academês”. Para mim, a escrita é a mais importante das atividades da vida intelectual e do exercício de pensamento, o grande e maior desafio do trabalho humano, a expressão que identifico como meta. Se eu tivesse tido uma boa iniciação na escrita, como tento hoje despertar nos estudantes, eu teria sido uma escritora de romances, ensaios, poesia e não propriamente uma antropóloga/historiadora/cientista social. Se é fato ou pura lenda antropológica, não há como saber, mas se diz por aí que o grande antropólogo Victor Turner afirmou, pouco antes de morrer:

“a antropologia quase me matou, quem me dera eu tivesse sido um poeta”.

em busca de uma voz narrativa

Como encontrar a voz narrativa - esse é o ponto de partida dessa etapa. O que antecede não é o que já passou, é o agora, o chamado presente, a dádiva até aqui alcançada. Tento evitar o modelo relatorial, a ordem sequencial cronológica e evolutiva do que consideraria mais relevante, do que “produzi” durante minha vida acadêmica. Para além dos produtos, tais como cursos, diplomas, livros, artigos, eu considero que criei estratégias, ganhei e perdi, realizei alguns projetos, outros ainda estão por concluir - tudo o que envolve esse ponto de parada reflexivo sobre os passos dados sem começo e sem fim. O desafio maior de escrever um memorial é o de encontrar a reciprocidade, poder agradecer. E isso não seria possível se apenas descrevesse as minhas opções profissionais, teóricas e os trabalhos realizados: uma tarefa nada simples!

Se penso agora que foram através de travessias e trajetos não lineares que inventei certa identidade profissional, como escreveu Paul Ricoeur, esse é um nó espaço-temporal constituído por simultaneidades, justaposições, sincronicidades. No plano do sensível/inteligível, o próprio narrar já é uma expressão de subjetividades múltiplas, um processo inacabado de busca de si por si mesmo, um enigma que nunca é totalmente decifrado (DUBAR, 2009: 240). Nessas incertezas sobre a possibilidade de encontrar um tom certo e adequado, há muitos riscos. Há também desejos, principalmente o de encontrar uma fala que não seja excessivamente autocentrada, enfadonha e cansativa. Em toda história pessoal, é possível vislumbrar e seguir certos fios condutores e, através deles, destacar o que nos parece mais significativo ou intrigante. Devo, por vezes, me referir a isso como “etapas da vida”, verdadeiros fluxos intervalares em que gestos ganham sentido e se reproduzem em cadeia até o ponto em que se completam, para abrir novas etapas. Nesse sentido, penso o memorial não como um relatório, mas como um tipo de oportunidade para a reflexão pois o que está em jogo aqui é o vínculo institucional em um espaço temporal antes de chegar na UFSC, agora e depois, em um tempo que virá- e assim me situo em tempos alargados em várias etapas da minha vida profissional, que recobre a formação como parte da vida e dos interesses sempre renovados em certos assuntos, o tempo institucional, contratual e talvez outros, que virão depois deste. Mais do que uma cronologia linear, vejo um deslocamento, por diversas linhas que se cruzam em forma de etapas da vida. Paul Ricoeur denomina **intriga biográfica**, uma escrita que persegue a noção de etapas da vida, algo como “jogar um jogo complexo que se situa entre história e ficção”. Seria uma espécie de nó da identidade pessoal e coletiva que se mostra numa desordem espaço-temporal, criando subjetividades e seres sempre em busca de si mesmo sem “de todo” encontrar e, ao mesmo tempo, produzindo uma imagem inacabada, enigmática: “[...] Já não se trata aqui de ‘construção de mundos vividos’ nem mesmo de ‘trajetos no interior dos mundos’, mas antes de uma interpretação de si por si mesmo, da intriga da narrativa biográfica, entre história e ficção” (PAUL RICOEUR, 1985, op. cit. Dubar, Claude, 2009: 246). Em cada vida, o que menos há é linearidade, cronologia, passado, presente e futuro numa sequência evolutiva. As linhas que nos constroem são cheias de cortes, interrupções, encruzilhadas e formas espiraladas.

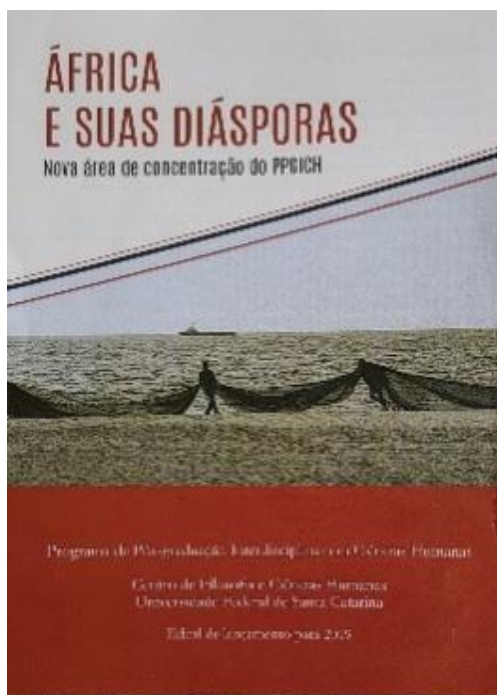
Posso me descrever em linhas gerais como uma migrante proveniente de Minas Gerais via São Paulo, deslocada por obra de (a)caso amoroso ou matrimonial para a Ilha de Santa Catarina, onde cheguei pela primeira vez em 1982, com um mestrado em curso, depois um doutorado, para unir-me a uma família local germano-descendente. Desde então, nunca mais deixei a Ilha, exceto por um tempo delimitado. A UFSC foi uma opção real, mas se tornou um fato quando conheci o poeta Cleber Teixeira e o antropólogo Silvio Coelho dos Santos, duas pessoas extraordinárias que me levaram a achar que valia a pena ficar. A conclusão do doutorado após idas e vindas para São Paulo e o início da docência na UFSC foram acontecendo nos anos seguintes à minha residência e, em 1985, quando me aproximava da defesa da tese, eu passei a levar a sério o projeto de Silvio: iniciar uma área de estudos afro-brasileiros na UFSC, no recém-criado curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Então, corri atrás. Considerei nossas conversas como uma espécie de compromisso – e, junto com a defesa da tese, fiz um primeiro projeto para concorrer a uma bolsa de Recém-doutora, programa criado pelo CNPq para agregar jovens doutores nos programas de pós-graduação em fase de consolidação. Hoje me surpreendo ao ver como levei a sério esse plano de trabalho e o compromisso assumido com o então Pró-Reitor Silvio, o quanto movi mundos para viabilizar os estudos afro-brasileiros na UFSC. Esse esforço acabou tomando corpo no que hoje constitui o Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas - NUER. Os gestos, movimentos e ações que me moveram até o momento estão relacionados com esse plano inicial que irei mencionar diversas vezes nessa minha narrativa, pois as estradas, os percursos e as direções me fizeram sempre retornar a ele. De 1986, quando iniciei como docente na UFSC até 2019, trinta e três anos se passaram, sendo que três deles passei entre idas e vindas para o exterior: Chicago, Lisboa e Buenos Aires, em busca de aprofundar minha qualificação acadêmica, em estágios pós-doutorais.

Através das perambulações constantes por outros ambientes intelectuais, como professora, conferencista, integrante de bancas examinadoras, como consultora e como pesquisadora, ou seja, como antropóloga, fui me situando em um (in)certo lugar. Cultivei ao máximo os trânsitos institucionais em longas e breves viagens, que me possibilitaram ver o mundo de fora e de dentro, atravessar muros e romper as minhas próprias fronteiras interiores e pessoais.

Foi, contudo, quando coloquei o pé no continente africano, em 2007, que ascendeu a chama ardente que iluminou os últimos passos até o presente momento. Foi então que comecei a desenhar o livro que estou atualmente escrevendo, sobre as concepções de arte africana nas artes visuais contemporâneas e as linguagens das diásporas. O projeto “Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora”(2007-2013) aborda o Brasil, Portugal e Moçambique; em seguida, o projeto “Kadila: Culturas e ambientes, diálogos Brasil-Angola” (2014-2018), segue em Angola; e ainda, em seguida a esses dois, o Projeto “Diásporas Africanas, poéticas e políticas” (2015-2016), realizado com artistas negros em Buenos Aires. Eles representam hoje a síntese de um projeto maior iniciado em Chicago em 1997 e que foi sendo costurado durante décadas, reunindo um conjunto de imagens e modos de pensar e conceber as artes visuais contemporâneas na África e nas diásporas.

Considero este último como o ponto de chegada, que se consolidou com a criação da nova área de concentração “África e suas Diásporas”, no doutorado do Programa de Pós-Graduação

Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH). O início de 2019 foi o marco inicial do curso recém-criado, a nova área de estudos que reuniu, pela primeira vez na UFSC, um grupo de professores de diversos campos disciplinares, formações e experiências de pesquisa e ensino. Considero este o ponto de inflexão da caminhada iniciada em 1986 quando cheguei na UFSC.



África e suas Diásporas Folder PPGICH (2018)

Esses foram, portanto, os rumos seguidos, em meio a um turbilhão de rotas, trilhas e encruzilhadas por onde transitei e ainda transito até a atualidade. Nesse percurso, um detalhe, fato curioso dessa intrigante jornada: reencontrei com o meu sobrenome “Boaventura” em situações muito especiais, como o nome dado aos ancestrais do mais antigo terreiro de candomblé fundado em Florianópolis e também como nome de um dos líderes fundadores da comunidade quilombola existente na Ilha de Santa Catarina. Boaventura como um elo de sentidos em minha vida e que ao mesmo tempo, une os territórios negros da Ilha de Santa Catarina. Nesse mundo afro que me construiu e que construí, procuro, não somente ser professora e pesquisadora mas sobretudo, viver a Ciência como parte indissociável das transformações sociais, das lutas e conquistas por uma sociedade mais democrática e justa.

Esses encontros, aparentemente inusitados me levam a reconfirmar que não existem acasos, e é por isso mesmo que inicialmente peço licença a Exu, que é o dono dos caminhos, de todos os movimentos, os que já passaram, este presente e os que virão.

FORMAÇÃO estudando a vida inteira

Aos vinte anos, eu vislumbrava, mais do que entrar na Universidade, ser dona do meu próprio nariz. Desde os primeiros momentos, eu queria me profissionalizar, criar minhas próprias condições de subsistência e liberdade. Essa ideia, reconheço agora, não veio propriamente de minha cabeça, ela veio da convivência intensa com meu pai, que não cansava de narrar sobre o seu esforço para estudar odontologia enquanto dava duro à noite dirigindo programas na Rádio Mineira. Passávamos muitas horas juntos, enquanto eu fazia os exercícios escolares em uma mesa de canto na sua oficina de moldes dentários que se comunicava com o interior da nossa casa. Seus moldes de gesso eram como pequenas esculturas artísticas que meticulosamente retocava com diversos tipos de ferramentas e uma incrível habilidade estética. Sentada ao seu lado, ouvia muitas coisas, sobre seus programas de óperas e clássicos que ele transmitia na Rádio, sobre livros e revistas de sua biblioteca ali ao lado, fantástica. Lá era possível encontrar os clássicos da literatura russa, Dostoievski, Nabokov, Tolstoi, Gorki; da literatura francesa, Balzac, Flaubert, Victor Hugo, Guy de Maupassant, Émile Zola, Alexandre Dumas; da literatura inglesa, Charles Dickens, Graham Greene, Steinbeck, Hemingway; de portugueses como Camões, Fernando Pessoa; e também muita literatura brasileira, como Machado de Assis, Guimarães Rosa, Lúcio Cardoso, Jorge de Lima, Érico Veríssimo, José de Alencar, Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimarães, Carlos Drummond, Cecília Meirelles e tantos outros. Muito atento à educação dos seis filhos, meu pai ia com cada um, dosando, pela idade, o que um devia ler, como um verdadeiro professor. Por vezes, por ser a mais nova, eu lia escondida certos livros que eram liberados somente para minhas três irmãs mais velhas, Silvia, Luiza e Jô. Nos anos 60, as residências em geral não tinham televisão e raramente chegavam a ter uma radiola como a nossa, com uma espetacular coleção de discos “bolachões” incríveis, que ouvíamos depois do jantar: óperas, como Verdi, Puccini, Bizet e clássicos em geral. Papai era apaixonado por tenores – chorava ao ouvir Caruso, Beniamino Gigli – e cantava com a sua voz maravilhosa de *speaker* de rádio. Já minha mãe adorava Amália Rodrigues, boleros e tangos, Gardel. Pouco a pouco, foram chegando os novos ritmos, a Bossa Nova e a Jovem Guarda, pequenos disquinhos levados por meus irmãos e irmãs que já frequentavam a universidade. Os jornais e as revistas semanais traziam alguns assuntos que chamavam nossa atenção, como a causa palestina, que ele tomou para si com muito afinco e me deu uma aula inesquecível. Foi aí que descobri de vez o seu talento de professor que, além de dentista, dava aulas de Geografia e História no Ginásio São João Batista, onde cheguei a estudar por alguns anos.



Edmundo e Ilka, meus pais e a nossa casa, onde nasci. Fonte: Acervo pessoal

Ter e ser de uma família numerosa foi uma vantagem, dois irmãos, três irmãs, muitos tios, primos e primas me levaram a viver intensamente coisas muito além da idade e, sendo a filha mais nova, eu queria viver e estar sempre nos tempos dos mais velhos. Das conversas com minha mãe, volta e meia surgiam as narrativas mais trágicas de nossa família, ciganos vindos de Açores, através de Santa Catarina, uma incrível coincidência. Nosso bisavô materno, e também o avô, ambos tropeiros, viveram uma vida dura de constantes viagens pelo sertão entre Minas e Goiás. Meu avô casou-se com Maria Sóter Gonzaga, que além de raízes com o poeta Inconfidente, nos presenteou com uma tataravó indígena, Joana Lopes. Essas narrativas familiares e a vida política de meu avô como um líder na Revolução de 30 teve em nossa infância e juventude uma força de verdade e ativava o nosso imaginário sobre a colonização e as lutas contra injustiças aos “nossos povos”. Volta e meia surgiam conversas e discussões familiares sobre esses personagens e lá pelos anos sessenta, na adolescência, comecei a me interessar verdadeiramente por essa questão da identidade e da pertença, porque efetivamente reconhecia em meu avô paterno um afro-brasileiro casado com uma provável herdeira de portugueses cristãos novos, e ainda do lado materno, uma forte herança cigana e indígena. Reconhecendo nossos ancestrais, nunca me vi como branca, embora em alguns momentos tenha sido incluída no ideal de branqueamento cultuado pelo resto da família.

Por meio da afirmação da herança negra, cigana e indígena, eu e minha irmã Marijô, as mais novas da casa, mobilizávamos nossa imaginação, recriávamos nossa identidade, deixando sempre em segundo plano as ancestralidades associadas aos colonizadores. Nossa atitude visivelmente política frente ao passado exalava certo incômodo e incompreensão em algumas primas e tias que apostavam fortemente na origem portuguesa e espanhola da família. Percebo hoje que, desde muito cedo, um tipo de consciência se esboçava para transformar em escolhas profissionais, teóricas e políticas.

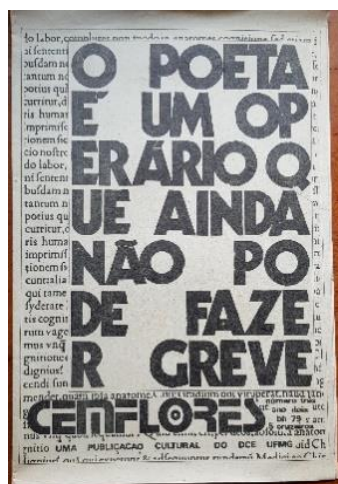


Quando concluí o curso secundário, no Colégio Padre Machado, em Belo Horizonte, eu tinha dúvida se queria seguir o professor Rubens que via em mim algum dom para a literatura; ou a professora Sonia, de História, que apostava em minha empolgação com as suas aulas preparatórias para o vestibular. Acabei optando pelo Curso de História e fui aprovada na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A vida universitária de 1976 a 1980 refletia um período de reorganização da sociedade civil brasileira e diversas formas de resistência ao Golpe Militar de 1964. Havia ainda um clima muito pesado na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-

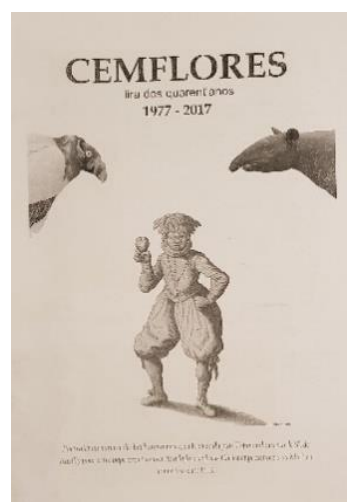
FAFICH, que funcionava na rua Carangola, no bairro Santo Antônio. A FAFICH vivia um resquício dos anos de maior repressão; a Faculdade foi inúmeras vezes invadida pela polícia e muitos professores e estudantes foram presos, torturados e mortos. Alguns desapareceram e sequer foram substituídos, e certas aulas e cursos ainda ficavam sem professor e sem serem dadas. Era um vazio que não sabíamos ao certo de quem ou de quê; havia um certo clima de terror e medo no ar. Embora com grande cautela, falava-se muito sobre a repressão nas assembleias de estudantes e havia uma técnica utilizada pelos militantes do movimento estudantil de passar em arrastão nas salas de aula levando todo mundo para o saguão da Faculdade. Ali se ouviam discursos inflamados contra a ditadura e se organizavam muitos atos e ações de protesto. Lembro-me perfeitamente, com doze anos, o dia em que as ruas foram invadidas por militares armados e tive que desviar o caminho de ida para o colégio de freiras onde estudava. Meu irmão mais velho, aluno de economia da UFMG declarava abertamente suas preferências políticas o que deixava minha mãe preocupada, e discutia com meu pai, que era bem mais moderado; e as notícias de prisões chegavam todos os dias em nossa casa. Minha irmã Sílvia viu uma de suas melhores amigas, Valkíria sair para ingressar nas fileiras da Guerrilha do Araguaia de onde nunca mais retornou. Mas, em 1976, o pior parecia já ter passado e os novos ares iam se instalando, apesar de uma espécie de paranoia que nos acompanhava em todo tempo e lugar.

Foi também nessa etapa da vida que a poesia retornou, mais uma vez, para me salvar. Muitos episódios que vivi indiretamente me levaram a olhar criticamente para a militância naquele momento de ingresso na universidade e a preferir as “guerrilhas culturais”, como chamávamos o trabalho do grupo formado por poetas inicialmente vinculados ao Diretório dos Estudantes (DCE) e, depois, expulsos de lá pelas imensas divisões entre os diversos “istas”. Nosso coletivo era formado por Marcelo Dolabela, Luciano Cortês, Carlos Barroso, Jair Fonseca, Avaniilton de Aguillar, Juca, Virgílio Mattos e uns poucos que iam e vinham. Começamos a nos reunir aos sábados, em 1977, e, em 1978, lançamos o primeiro número do jornal. Carlos sugeriu o nome “CEMFLORES” inspirado em uma frase atribuída a Mao Tsé Tung durante a revolução cultural, “que cem flores e escolas de pensamento desabrochem [...]”, querendo enfatizar diversidade de pensamento, a difusão livre da cultura, a superação do capitalismo, a pluralidade, a arte como caminho para a libertação. Quem diria que essa frase hoje esteja sendo reabilitada para recuperar

as vozes silenciadas na vida em rede?¹ Em 1979, no Ato pela Anistia no adro da Igreja de São José, introduzimos a ideia dos volantes de uma página tipo *flyer* e recitamos poemas de Alex Polari, poeta preso e barbaramente torturado pela ditadura². O coletivo praticava um igualitarismo inexistente na vida política nacional, deliberando quem trabalhava, sendo que todas as pessoas deviam participar de todos os processos, desde a criação poética e, da concepção até a distribuição nas universidades, murais de escolas e bares da cidade. Era um tipo de militância poética. O primeiro número estampava na capa “O poeta é o operário que ainda não pode fazer greve“, que foi inspirada na frase: “O poeta é o operário da palavra”, atribuída a Vladimir Maiakóvski, um dos nomes mais importantes da vanguarda russa e uma referência constante em nosso trabalho, além de outros poetas como Arthur Rimbaud, Velimir Khlébnikov e Ezra Pound; e brasileiros, como Oswald de Andrade, Carlos Drummond, Torquato Neto e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Em 2018, quarenta anos depois, publicamos um número comemorativo do CEMFLORES e a estas alturas já estamos sendo citados em dissertações e teses de literatura.



Jornal CEMFLORES, 1977
Fonte: Acervo pessoal



Edição 40 anos do CEMFLORES 2017

Eu participava ativamente de alguns coletivos de poetas, mas principalmente do coletivo CEMFLORES, onde era uma das raras mulheres do grupo. De fato, este era uma espécie de “clube do bolinha” e, nessa época, já começava a exercitar minhas vocações feministas. Percebi que havia grandes barreiras para a mulher ser uma escritora, ser poeta. Emily Dickinson, Virginia Woolf, Simone de Beauvoir, Maya Angelou, tantas foram as confissões de mulheres escritoras sobre os preconceitos enfrentados. Foi desta vertente que me juntei a outras mulheres poetas e fundamos outro coletivo só de mulheres para resgatar as poetisas que, antes de 1930, enfrentaram todas as barreiras para se expressarem através da palavra. Foram se incorporando ao grupo as poetisas Sonia Queiróz, Thais Guimarães, Rita Espescht e Judith Azevedo.

¹ Slavoj Zizek afirma máxima maoísta: “que centenas de Wikileaks floresçam”. *In*: Outras Palavras, 2019.

² Alex Polari, em carta na prisão denunciou o assassinato pelos militares de Stuart Angel, filho de Zuzu Angel, que era prima de meu pai e que foi anos depois também assassinada por exigir que fosse apurada a morte de seu filho. Polari publicou depois que saiu da cadeia o livro de poemas “Inventário de Cicatrizes”.

Por último, chegou Lucia Castello Branco, que acabava de concluir um mestrado em literatura nos Estados Unidos e que, por ter ingressado na carreira acadêmica, solicitou ao CNPq, como coordenadora do projeto, um financiamento para a nossa pesquisa, que se denominou “Mulheres poetisas brasileiras – 1900/1930”. Esse grupo e o financiamento do CNPq propiciaram à Lucia a coordenação e o direito autoral da pesquisa. Um dos momentos mais criativos foi a nossa participação no I Festival Nacional das Mulheres nas Artes, realizado em São Paulo, em 1982, organizado por Ruth Escobar. Foi um momento memorável de explosão da luta feminista no Brasil em todos os campos, de surgimento dos discursos de gênero e de diversas bandeiras de luta que iam se fortalecer e ganhar visibilidade nos anos noventa. Durante mais de cinco anos, realizamos encontros e reuniões fervilhantes onde discutíamos poesia, política, literatura e ser mulher. Nutríamos um caloroso e transformador debate sobre poesia e feminismo. Esse coletivo se tornou uma fonte inesgotável de inspiração e não é difícil supor que até hoje ele produz os seus efeitos nas amigadas que se solidificaram nos trabalhos publicados e em certos diálogos que ainda permanecem.

Festival Teatro Ruth Escobar 1982.

Fonte: Acervo pessoal



Após muitos desvarios escolares por incompatibilidade com o ensino religioso e puritanamente hipócrita - não foi portanto o curso de história o que mais me atraiu, mas a entrada para o grupo CEMFLORES. Eram os anos que antecipavam a chamada Abertura que se deu no pós-golpe militar cujo clima de conspiração resistente se espalhava pelos ares. A poesia era uma arma poderosa para despertar as mentes adormecidas pela repressão e o repulsivo AI-5. Belo Horizonte respirava novos ares e, com eles, nós começávamos a surfar na nova onda democrática que se anunciava. Os estudantes mais velhos apontavam claramente para o *staff* e indicavam previamente os de direita, os “reaças” e os de esquerda. Além das inúmeras subdivisões dessas categorias. Eu comecei a andar e ir às festas da Libelu, onde até passar batom era considerado “coisa dos imperialistas”.

Do curso de História o que mais me encantou foram as histórias do Brasil de I a IV, sobretudo porque tínhamos a Prof.^a Maria Efigênia Lage de Resende, que nos conduzia através de aulas magistrais, em um misto de arroubos marxistas com enquadres conservadores, inspirada pelas leituras de Caio Prado Junior, Emília Viotti, Octavio Ianni, Florestan Fernandes, paralelamente a uma crítica ácida que ia destroçando tudo que representasse uma visão colonialista do país. Saíamos das aulas em estado de ebulição. Também o professor de metodologia, Caio Boschi, que seguia na mesma linha, procurava nos despertar para a pesquisa lendo o que havia de mais atual na Nova História Francesa: Jacques Le Goff, Jacques Revel, Marc Ferro, Paul Veyne, a chamada “virada antropológica” da história, de rompimento com o problema da causalidade histórica em um encontro com a narrativa, o estudo qualitativo das mentalidades, a história das sociedades e dos grupos, dos marginalizados e dos vencidos, mais do que a história dos grandes vultos e dos heróis. Através desses e mais uns poucos pouquíssimos professores, a História foi para mim adquirindo outros sentidos, por exemplo, o de valorizar muito mais a imaginação, o simbólico,

como escreveu em 1978 o historiador francês Paul Veyne (2008:50), “a história como uma atividade intelectual que opera através das formas literárias”. Sem dúvida, foi dessa confluência de questões vibrantes que passei a me interessar pela relação entre ficção e história, e foi quando passei a me dedicar à pesquisa sobre a literatura de viagem. As narrativas dos viajantes estrangeiros me permitiriam revisitar o Brasil com outros olhos, a ensaiar uma crítica histórica que poderia bem me levar a perceber como se construiu um certo imaginário, do qual se depreendia o racismo impregnado em grande parte da historiografia. Passei a procurar entender como o olhar estrangeiro modelou uma visão racista capaz de fazer predominar na historiografia brasileira uma opinião desfavorável dos africanos; busquei pelas relações entre imaginário, nação e o nacional. Ao retomar esse mote, eu reencontrava minha própria história e o que despertou minha sensibilidade para o social: a África e a presença africana no Brasil.

Nos primeiros anos da faculdade e na primeira oportunidade de obter uma bolsa para integrar projeto de pesquisa de um professor, eu logo me candidatei. E, ao conseguir a bolsa, vi-me completamente encantada com a atividade de pesquisa, que conciliei todo o tempo com a poesia. Gostei tanto da pesquisa a ponto de me interessar somente pelo bacharelado, mesmo considerando que a licenciatura era um caminho crucial para me tornar professora.

Pensando em minha formação universitária, não é possível “passar batido” por essa etapa sem considerar as longas tardes que passei no Arquivo Público Mineiro folheando documentos e jornais onde tive a oportunidade de conhecer e conversar por longas horas com Hélio Gravatá, um dos maiores eruditos bibliófilos brasileiros, que dedicou sua vida a reunir a maior coleção de referências bibliográficas sobre Minas Gerais. Era uma pessoa suave e sorridente, disposta a ajudar estudantes a encontrar o que quer que fosse. Outra figura espetacular que conheci ali e me propiciou muitos aprendizados foi o professor e historiador Francisco Iglésias. Embora muito reservado, logo descobri, pra minha surpresa que tínhamos nascido na mesma cidade. Que feliz coincidência!

Com uma bolsa concedida pela Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) para o Centro de Estudos Mineiros, trabalhei no Projeto Fontes de História de Minas, coordenado pela professora Norma Góes Monteiro. Esse projeto visava reunir subsídios para a elaboração de verbetes de um dicionário e recompor certas cenas da história mineira. Em seguida, passei a atuar como acadêmica-bolsista no Projeto Estatística Histórica de Minas Gerais durante a República Velha, coordenado pela professora Maria Auxiliadora Faria (FAFICH-UFMG) e pelo professor João Heraldo Lima (CEDEPLAR). Esse projeto ainda se desdobrou em outro, coordenado por esses mesmos docentes, sobre “História de Belo Horizonte” para a Fundação João Pinheiro. Isso ocupou todos os anos de minha graduação em que fiquei longas tardes folheando jornais antigos com exclusiva dedicação à pesquisa hemerográfica, juntando peças e mais peças de um quebra-cabeça de palavras e ações humanas em diversas épocas do passado. Foi também nessa árdua tarefa de pesquisadora e arquivista que fui percebendo uma antivocação para o trato com os papéis antigos, as “fontes primárias”, e fui me deslocando para outros tipos de interesses e fontes; fui então me aproximando da Antropologia.

Durante o curso de História, fiz um segundo vestibular e iniciei o curso de Ciências Sociais. Queria me aprofundar mais nas áreas de Política, Sociologia e Antropologia. Durante os anos do

curso, fiquei muito amiga do professor Romeu Sabará, o único naquela época a se dizer interessado e especialista em cultura negra em toda a Universidade e que, de modo meio tresloucado e com arroubos folcloristas, conseguia arrebanhar vários estudantes a sua volta, sobretudo pelo seu acalorado discurso antirracista. Também as aulas de Renato Ortiz e Paula Monteiro (então casados) eram muito instigantes e eu ouvia com muita atenção as intervenções dos alunos mais velhos, como Marcos Coimbra, que àquela época já era muito ligado em pesquisas com estatística e sondagens eleitorais.

Outros tipos de experiências se apresentaram nos últimos anos da Universidade, como a pesquisa sobre as eleições gerais no pleito de 1978, realizada durante o governo Ernesto Geisel sob a égide de uma suposta abertura “lenta, gradual e segura”. Integrei a equipe de entrevistadores do projeto coordenado pelos cientistas políticos Fabio Vanderley Reis e Amílcar Viana Martins, do Departamento de Ciências Políticas da UFMG. A pesquisa de campo investigava o comportamento político dos eleitores e foi feita em Juiz de Fora, cidade que já era vista como sendo um forte reduto conservador. A pesquisa aconteceu, curiosamente, no mesmo lugar dos episódios que marcaram as eleições de 2018, exatamente no fim do período democrático que então se iniciava. Uma ironia que não posso deixar de registrar.

Em seguida e já formada em História, realizei, em 1979, com as colegas também recém- formadas Maria Helena Machado e Ana Lúcia Duarte Lanna, uma pesquisa sobre as formas de assalariamento do trabalho dos médicos para o Sindicato dos Médicos de Belo Horizonte, presidido no período por Célio de Castro que veio a ser posteriormente, um dos prefeitos de Belo Horizonte na sequência dos governos do Partido dos Trabalhadores. Essa pesquisa, pioneira no assunto, investigava os níveis crescentes de assalariamento do trabalho médico, não mais visto como o típico liberal de atendimento em consultório. Uma *survey* de larga escala na cidade, com uma enorme equipe de entrevistadores sob nossa coordenação e recorrendo a uma metodologia pioneira no uso da informática e através de processamento e projeção de dados quantitativos e qualitativos, o que nos levou a enfrentar e até superar os enormes desafios. Tratou-se de uma experiência deveras marcante, sobretudo por ter me revelado a real dimensão e os desafios do mercado de trabalho na área de Ciências Sociais. Foi durante essa etapa que eu tomei a sábia decisão de prosseguir os estudos em direção a um mestrado, potencializando meus interesses em Antropologia.

Posso dizer que, durante praticamente toda a graduação, fui bolsista em diversos projetos e instituições. Vi nascer e ajudei a desenvolver e encerrar direta e indiretamente inúmeros projetos de pesquisa. Consolidei fortes relações de trabalho e amizade, convivi com ótimos professores e professoras, aprendi a fazer perguntas pertinentes, escolhas teóricas e metodológicas em diversos planos de abordagem, a me comportar como pesquisadora, a reconhecer os caminhos da ética e do decoro intelectual, numa formação rica e envolvente, da qual tenho grande orgulho e gratidão. Cada um dos meus passos foram acompanhados por excelentes professores como Caio Boschi, Maria Efigênia Lage de Rezende, Norma Góes Monteiro, Maria Auxiliadora Faria, João Heraldo Lima, Amílcar Viana Martins, Renato Ortiz, Paula Monteiro, Romeu Sabará, Francisco Iglesias, Hélio Gravatá, Fabio Wanderley dos Reis e tantos outros.

A conclusão que posso chegar até aqui é que essa etapa de definição, formação e consolidação profissional não teria sido possível sem a firme orientação e a companhia de uma família extensa e amorosa, de muitos professore/as, colegas e amigos/as de grande generosidade. Também concluo que foi absolutamente fundamental a existência de uma política pública voltada para a formação de quadros universitários no Brasil, em parte fruto desse período de redemocratização, de um conjunto de ações consequentes no âmbito das políticas educacionais no país. Sem esse enorme investimento público, tenho certeza de que não teria percorrido as etapas necessárias para me qualificar e também qualificar dezenas de estudantes ao longo de minha trajetória acadêmica, em que pude ensinar e conduzir novas carreiras por meio do ensino, da pesquisa e da orientação.

Nessa “intriga biográfica”, cheia de idas e vindas, não poderia deixar de destacar esse volumoso quadro de apoios que me propiciaram a formação universitária e acadêmica e as condições de trabalho necessárias até o momento atual. A educação universitária no mundo inteiro, sabemos, é condição para o crescimento intelectual e cultural de um povo, não é privilégio, é direito. Talvez não seja aqui o lugar apropriado para enfatizar tanto os apoios que recebi ao longo da minha vida profissional, porém passar por este ponto logo de início me parece crucial neste momento em que a educação brasileira está sofrendo graves ataques, os financiamentos educacionais estão ameaçados e as universidades públicas sob risco de extinção e privatização. Não posso deixar de registrar que o que recebi até o momento fez parte de uma política de desenvolvimento nacional e que, sem um conjunto de ações educacionais que me apoiaram ao longo de toda a minha trajetória acadêmica, eu não teria chegado a uma carreira acadêmica e nem tampouco a este pleito ao cargo de titular.

“Dentro do candomblé se acredita que tudo que é feito às pressas não é bom; a pessoa vai gravando uma quantidade de noção que ela não assimila. Então, o tempo tem que fazer as noções descansarem, vamos dizer, *décanter*, sabe essa noção de vinho francês que tem que deixar uma parte de borra? É a mesma coisa intelectualmente. As coisas têm que descansar. Você aprende, mas depois deixa pra lá. Quando vem a ser madura então você estrutura, você equilibra³.”
(SILVA, 2000:44)

Para mim, tem sido assim, as formas africanas que iluminam o olhar e a cena em minha vida estão diretamente associadas à doçura do *Fael*, como o chamava minha avó Amélia. Rafael era um homem negro que não tinha o dom da fala, mas sua mudez escorria para um olhar intenso, brilhante, uma gesticulação que transbordava palavras e frases completas, que se desenhavam com o seu corpo, como uma escultura africana viva, que contava histórias, brincava e lançava às crianças da família as maiores gentilezas, doçuras iguais às que vovó tirava de seu enorme tacho de goiabada. A luz daquele olhar era servido às crianças como cartilha para aprofundar sentimentos, ternura, força e coragem. Suas gesticulações livres e grunhidos, por vezes indecifráveis, desafiavam nosso medo e insinuavam mil formas de impressionante beleza que só o sofrimento e a dor emanam.

Nessa cena de imenso aconchego familiar, vislumbro vovô José ao piano, com o seu gestual elegante e olhar firme ou tocando no clarinete suas marchinhas, tentando ensinar a solfejar crianças desocupadas em férias. Certa ética, ou estética, eclode em minhas lembranças como época e lugar de memória e passagens inesquecíveis, no Morro da Garça e nas margens quilombolas do rio São Francisco, em Pirapora, onde nasci. Lembranças que descansam pálidas no tempo, agora uma longa estrada, margens se acomodando em edifícios de pensamentos, desenhos, palavras e poemas, ideias amadurecendo os primeiros sentidos, iluminando as possibilidades, os sonhos e os movimentos da vida.



Morro da Garça, inauguração dos correios e as pautas de “Zé do Boa”, início do século XX. Fonte: Acervo pessoal

³ Depoimento de Giselle Binon-Cossard, francesa iniciada no Candomblé por Joãozinho da Goméia no Rio de Janeiro em 1962, sacerdotisa, entrevistada por Wagner Gonçalves da Silva.

As formas africanas da escrita se si, conforme Achille Mbembe (2001), são como espelhos que acabam por se partir. Ao se estilhaçar mostram o vazio que a alteridade encobre, o nada que explode, o além de uma única superfície onde todas as possibilidades se mostram sem as camadas e hierarquias inexoráveis às condições humanas que as criam e recriam para fixar valores, regras e instituir poderes. É assim a ancestralidade negra, uma poeira muito densa que não está assentada na pele, pois ela é da alma das coisas, compõe partes que não podemos depreender facilmente ou separar. Nem natureza, cultura ou religião conseguem descrever, podem apenas evocar, em vários tipos de expli-citações, por exemplo, na cor da alegria, o som que desorienta o pulso, o movimento que desborda o corpo, as formas que desafiam o horizonte. A ancestralidade negra pode se apresentar como ventania, pois desafia os elementos vitais e até podem, por vezes, expor toda a beleza que a fealdade poderia conter.

Do hábito de menina que brincava a sós, imaginando mil coisas, surge o poetar constante sobre o mundo negro à minha volta. É esse mundo negro que me fascinou, que me construiu do melhor jeito. Nas tardes avermelhadas do Velho Chico as palavras poéticas se formaram primeiro, para expressar o encantamento do poente, os canoieiros, lavadeiras e suas crianças negras e pobres que desciam e subiam os barrancos do rio iam e vinham em busca de sustento. Imagens que reaparecem também nos relatos de viagens pelos rincões mais longínquos de Minas Gerais, que descrevem cenas interioranas como um *dejavú*, como matéria que esculpe o sensível.

Foi através da literatura que encontrei a história e a antropologia. Me debrucei durante os anos de faculdade sobre a literatura de viagem por perceber que essa escrita revelava uma face importante da sociedade brasileira, inscrevendo-a a partir de dois polos nitidamente antagônicos - os senhores e os escravos, embora suas inúmeras ambiguidades. Os próprios viajantes assim que punham os pés no país, tinham, para continuar a viagem, para montar uma expedição, que aderir à categoria senhorial, pois não conseguiam fazer a viagem sem passar pelo mercado de escravos que os conduzisse pelos caminhos e trilhas até as Minas. Charles Darwin foi um dos que mais se mostrou contrários à sociedade movida a escravos. Escreve em seu diário que nunca mais visitaria um país com tal situação de indignidade humana. Os Diários de Viagem, produzidos nessas condições, eram valorizados por serem considerados testemunhos oculares de fatos efetivamente vividos, sendo citados como documentos “fidedignos” sobre as sociedades visitadas. As crônicas de viagem tornaram-se, no século XX, enunciadoras do movimento, do deslocamento, do encontro e articulação das ações, situações e fatos vividos nas diásporas. Dessas experiências brotam obras realistas e com pretensão de ciência, feitas para passar das mãos de ávidos exploradores, comerciantes e negociantes de todo tipo, a raras senhoras românticas, leitoras fascinadas por mundos exóticos, chegando a filósofos e historiadores interessados em estabelecer comparações, cronologias e quadros evolutivos planetários. As crônicas de viagem, por sua vez, revelam um ambiente inusitado de diversidade humana, olhares e posições de sujeitos.

Compreendi que a viagem era uma metáfora da situação colonial. Todos se encontravam deslocados e isso criava condições específicas de percepção do mundo: os viajantes europeus recém-chegados, a classe senhorial, a força militar e de repressão, a população escravizada de África, os “reinóis” de todo tipo livres e libertos habitantes da colônia, todos em estado de

viagem. Deste encontro produzido pelo deslocamento, surgem as diásporas literárias, obras situadas no espaço/tempo de construção de alteridades múltiplas, obras produzidas de encontros e desencontros sucessivos e concomitantes, unidos pelos atos viajar, ver, viver, escrever, descrever. Por sua condição híbrida, a literatura de viagem antecipa, pelos contextos de produção e estilo de escrita, o que no século XX irá chamar-se Etnografia e que é coroada através dos famosos diários póstumos de Malinowski, a África Fantasma de Michel Leiris e os Tristes Trópicos de Levi Strauss, formando o legado moderno da antropologia acadêmica.

Dos livros de viagem depreendem-se imaginários senhoriais, visões de mundo informadas pelas teorias raciais, por vezes fundadas na Bíblia, ou instruídas pelas teses monogênicas, as teses poligênicas, ou ainda embaladas pelo determinismo histórico, cultural e geográfico. Embora respeitadas por exalarem verdades sobre esses mundos pouco conhecidos, a literatura de viagem permite mais, muito mais. Ela desnuda um campo relacional, ela revela posições de poder e sistemas de representação literária e autoral, ou seja, as condições de produção e estabelecimento de “verdades”. As perguntas centrais do trabalho que busquei desenvolver relacionavam-se e diziam respeito às relações humanas tecidas pelo ambiente e pela dominação colonial. Pela trilha da crítica literária e historiográfica tentei construir meu olhar antropológico, um olhar em busca de sentido não somente do que foi escrito no século XIX, mas a continuidade de certas visões e concepções de sociedade que persistem até os dias atuais, embaladas pelo evolucionismo, pelo determinismo e sobretudo fundadas nas teorias racialistas. Minhas perguntas partiram de um tipo de antropologia incomum, voltada para um campo situado no passado e para uma conversa com os mortos. Meu projeto, portanto, procurou incorporar o literário e o historiográfico para encontrar a antropologia, uma antropologia da viagem.

A pesquisa sobre a literatura de viagem feita na graduação me moveu em direção a um mestrado em antropologia. Um dia fui conversar com o carrancudo professor Renato Ortiz e ele me aconselhou a tentar o mestrado na Universidade de São Paulo, com o professor João Baptista Borges Pereira, pois, segundo ele, era a pessoa mais indicada para orientar esse “tipo” de projeto. De posse de uma carta de recomendação e minha pesquisa de bacharelado debaixo do braço, fui para São Paulo procurar o professor João Baptista. Ele me recebeu, para minha surpresa, com uma gentileza acolhedora e amiga. Relacionou de imediato minha proposta com a tese de doutorado de Thekla Hartmann (1970), um estudo profundo e único no gênero com base nos desenhos e pinturas realizadas pelos viajantes nas expedições às aldeias indígenas no Século XIX (HARTMANN, 1975). Naquela época era raro fazer “pesquisa de campo” na literatura mas o professor João reconheceu que havia pertinência na proposta apresentada e aceitou minha candidatura ao mestrado. Em março de 1982, fiz minha matrícula e iniciei a formação em antropologia na Universidade de São Paulo (USP).

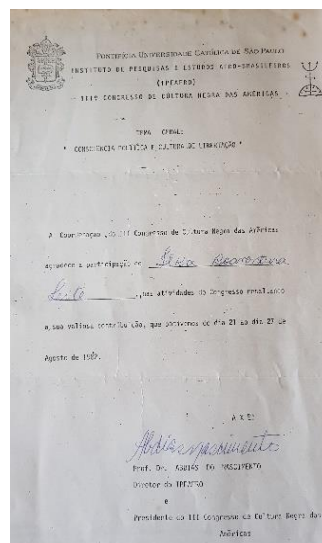
A USP passava por um momento de mudança importante em direção ao processo de democratização e nomes como Antônio Candido, Marilena Chauí, Fernando Novaes, Emilia Viotti e tantos outros, eram nossas grandes referências. Além de assistir aulas com o professor João Baptista Borges Pereira, frequentei os cursos de Eunice Durhan, Ruth Cardoso, Oracy Nogueira, Fernando Mourão, Renate Viertler, Lux Boelitz Vidal e Amadeu Duarte Lanna. Um dos cursos mais marcantes foi o de Ruy Galvão de Andrade Coelho. Suas aulas eram

absolutamente delirantes, ele gesticulava de forma teatral, tinha um humor ácido e inteligente e, acompanhada das colegas Marlene Cunha e Maria Helena, saíamos das aulas comentando que deveríamos ter levado guarda-chuva pra ouvir os discursos inflamados de Ruy, devido às cusparadas que emanavam de sua boca. Era um tipo de antropologia simbólica na veia e nós saíamos da aula em estado de encantamento com tantas expressões poéticas e deslizamentos eruditos, uma inspiração. Anos depois, eu me delicieei lendo o seu diário de campo publicado postumamente, “Dias de Trujillo, um antropólogo brasileiro em Honduras” em que logo na primeira página, para começar, escreve: “Hoje descobri que perdi meu diário” (COELHO, 2000). Que genial! Compreendi muita coisa do que ouvi nas aulas e também o quanto ele foi uma luz nos primeiros anos de minha formação como antropóloga.

Em agosto de 1982, como aluna de mestrado na USP, assisti ao III Congresso de Cultura Negra nas Américas, cujo tema era Consciência política e cultura de libertação, organizado pelo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO) e pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Presidido por Abdias do Nascimento, recém retornado após 13 anos de exílio, foi um evento memorável, que muito me marcou e gerou verdadeira transformação em mim, por dimensionar a questão negra como africana e das diásporas, a partir da presença de grandes nomes dos movimentos negros, artistas, intelectuais e ativistas africanos e de vários países das Américas Central e do Sul, Caribe e várias partes do Brasil.



Mesa de Abertura com Abdias (1982)
Fonte: ipeafro. Com.br



Certificado assinado por Abdias
Fonte: Acervo pessoal

Nesse congresso, reencontrei Raquel Gerber, colega da USP e totalmente dedicada à estética de Glauber Rocha, que filmava o tempo todo o evento; esse trabalho resultou no filme Ori, que tem no centro de sua análise o quilombo e em Beatriz Nascimento, a mulher intelectual negra militante anti-racista e feminista, que tinha sido brutalmente assassinada ao tentar defender uma amiga quando sofria um ataque misógino. Conheci Raquel através da Ieda Britto, figura conhecida nos meios culturais paulistanos e também orientanda do João Baptista na USP. Ela tinha concluído o mestrado e recém lançado o livro “O samba na cidade de São Paulo” (1981). Ieda conhecia e frequentava a Escola de Samba Vai-Vai, onde realizou sua pesquisa de campo; foi através de Ieda que passei a conhecer e frequentar o “mundo negro” do samba e funk que

explodia na cidade. Chegamos a dividir uma casa na vila Madalena e a praticar todas as modas naturistas das comidas orgânicas que os japoneses entregavam em cestinhas de porta em porta.

Por um semestre, dividi também um apartamento com Marlene de Oliveira Cunha, ex-aluna, orientanda e uma das integrantes do Grupo André Rebouças, fundado por Beatriz Nascimento no Rio de Janeiro. Marlene, uma mulher negra e militante de Niterói, estava como eu em São Paulo, ensaiando uma vida migrante e em busca de formação universitária. Ela estudava o gestual do candomblé e me levou para as aulas do professor Ruy, a quem ela tomava como uma espécie de guru. Vivendo na mesma casa com Marlene, sem saber, eu estava diante de duas histórias de mulheres intelectuais negras, Marlene e Beatriz que morreram violentamente, de forma injusta, vítimas das mesmas brutalidades e descasos de uma sociedade racista e misógina. Essa foi uma das lições mais duras da minha vida, sobretudo porque foi com elas e por meio delas que eu me percebi como mulher branca, ou parte de uma elite embranquecida que é sistematicamente preservada dos ataques diretos do racismo no Brasil. Esse foi um golpe muito pesado que me atingiu em cheio e aprofundou minha percepção dos efeitos do racismo em nossa sociedade.

No final do segundo ano na USP, tomei conhecimento dos planos do professor João para me fazer saltar direto para o doutorado. Naquele mesmo ano havia surgido essa via institucional e se discutia em prol de uma forte defesa da reformulação da pós-graduação, mais profissionalizante, na qual se procuraria evitar que as pessoas levassem até vinte anos para concluir um doutorado. Eu havia assistido a defesa da tese da Raquel Rolnik, e alguns anos depois a de Lilia Schwarcz e fiquei muito empolgada por concluir minha pesquisa, iniciada na graduação, já com mais de quatro anos de existência. Eu fui o tubo de ensaio, a geração do salto no escuro, conduzida pelo rito da qualificação diretamente para a outra ponta, o mercado. Confesso que além da oportunidade e estímulo real para concluir a pesquisa, pensei também nas melhores condições materiais para comprar livros de antropologia e poesia, formando minha própria biblioteca. A bolsa da Fapesp não somente me propiciou melhores condições para estudar, como um bom seguro de saúde, coisa que vai pouco a pouco desaparecendo dos financiamentos educacionais. O doutorado me conduziu muito mais rapidamente para a carreira universitária, para o mercado de trabalho, sem nenhuma experiência com Ensino. Tendo feito uma carreira de dez anos exclusivamente como pesquisadora eu cheguei a ter sérias dúvidas sobre meu desempenho como professora, chegando a temer um completo fracasso.

Durante a pós-graduação na USP, além de um marido catarinense, eu conquistei também uma nova família, os De Lamônica Freire. Licenciados da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) e vindos de Cuiabá para fazer o doutorado, Maria de Lourdes, em antropologia; e Júlio, seu marido, em arquitetura me acolheram com um enorme carinho. Nossa amizade começou porque morávamos em Higienópolis, eu, na Rua Dona Veridiana e a Lu e sua família, na Rua Maranhão. As caronas naquele trânsito infernal para a USP consolidaram uma amizade que dura até hoje. Além do mais, tínhamos o mesmo orientador e certas bibliografias muito familiares. Intensas trocas foram tecidas em longas conversas e interesses pelas comunidades negras rurais, assunto de sua tese. Sua pesquisa sobre Vila Bela, veio a ser publicada posteriormente com o título “Território Negro, Espaço Branco” (1986), pela editora Brasiliense, e constitui uma das

mais importantes referências sobre territorialidade negra no Brasil. Todos os anos nos encontramos, sobretudo no verão de Floripa, onde ela vem descansar com uma turma nova de netos.

Desde os primeiros anos do doutorado comecei a frequentar as reuniões anuais da Anpocs⁴, na qual me vinculei ao Grupo de Trabalho sobre Temas e Problemas da População Negra no Brasil, coordenado por João Baptista Borges Pereira e, em seguida, por Kabengele Munanga. Nas diversas reuniões do GT, conheci Neusa Gusmão, Peter Fry, Yvone Maggie, Livio Sansone, Luiz Eduardo Soares, Antônio Sergio Guimarães, Lilia Schwarcz, Raquel Rolnik e tantos mais que ao longo dos anos foram aderindo e também, implodindo o grupo, até que esse grupo seminal se transformasse em outros tantos, priorizando debates e abordagens renovadas no campo dos estudos afro-brasileiros e das chamadas “relações raciais”, étnico-raciais, diásporas, entre outros. Acompanhar esse fórum de debates permitiu-me renovar minhas próprias inquietações, dialogar e acompanhar um processo de renovação teórica e metodológica nesta ampla área de estudos que ia se formando.

Os últimos anos do doutorado foram os anos em que residi em Florianópolis, por conta do casamento. Em 1984, a cidade deixava aos poucos certas referências de província e embarcava em um momento de ruptura com o seu lado pacato, passando por grandes transformações urbanas. O aterro afastou o centro da cidade do mar e o saudoso Miramar, lembrado por ser lugar de sociabilidade, de encontros e diversão, ficou apenas na nostalgia que consumia a todos, já que, naquele momento, nada veio substituí-lo. Não havia ainda o Centro Integrado de Cultura e, para ver algum cinema, só viajando até o Teatro Adolpho Mello, em São José, aos sábados à noite para ver a programação do Cine Clube Nossa Senhora do Desterro, em raras sessões de filmes defasados. O contraste dessa vida pacata e quase interiorana com a vida agitada de São Paulo me levou a um tipo de desadaptação. Vivi esses anos em um misto de tédio e angústia profunda, chegando a momentos de depressão. O único lugar de refúgio era a tese e nunca imaginei ser tão difícil continuar percorrendo os relatos dos viajantes em Minas Gerais no século XIX às margens do litoral catarinense. Para driblar essa espécie de purgatório, inventava roteiros que passavam pela Editora Noa Noa, que se situava em um casarão antigo da Vidal Ramos. Ia até lá e dali caminhava com o Cleber Teixeira até o Ponto Chic para um café animado de conversas sobre poesia. Ou, então, ia até o Arquivo Público de Santa Catarina, no alto da Felipe Schmidt e ficava horas em conversas com o diretor e bibliófilo Iaponam Soares sobre livros raros, documentos antigos e arquivística. Foi nesta época que recebi a visita de meu tio João Batista, o “Padre Leite”, que me presenteou com uma cópia da carta que ele trocou com Guimarães Rosa sobre o conto O Recado do Morro⁵, que acabei, estimulada por Iaponam, publicando na Revista do Arquivo. Por vezes, ia também até a Universidade conversar com Silvio Coelho, quando ele elaborava relatórios e pareceres sobre os impactos das barragens em áreas indígenas;

⁴ Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciências Sociais. Fui pela primeira vez na cidade de Águas de São Pedro- SP. No ano seguinte as reuniões se transferiram pra Caxambu-MG.

⁵ Com a licença do Padre Leite, publiquei a carta na Revista do Arquivo de Santa Catarina e essa revelação teve um efeito bombástico nos grupos roseanos da USP que a partir de então invadiram a pequena cidade do Morro da Garça/MG e até hoje retornam para a Semana Roseana da cidade.

compartilhamos muitas ideias sobre direitos étnicos, quando ele me contou sobre sua participação no famoso encontro de onde saiu a famosa Declaração de Barbados⁶.

Por meio do meu cunhado, o jornalista Renato Modernell, conheci Marcondes Marquetti e sua esposa Regina, que estavam envolvidos com a criação de uma escola de psicanálise na Ilha, e passei a frequentar e fazer parte do grupo. Iniciei uma formação psicanalítica e em paralelo também fiz muitos anos de análise. Nessa mesma época, por meio do Cleber Teixeira, conheci Raul Antelo, Maria Lucia Camargo e Rita Barbosa, professores de literatura brasileira na UFSC, parcerias importantes na universidade e muito amigos até a hoje. Foi, portanto, entre a literatura, a história, a antropologia e a psicanálise que encontrei um clima intelectual estimulante para terminar de escrever a tese entre Florianópolis e São Paulo.

Em abril de 1986, defendi a tese “Relatos de Viajantes sobre escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX, “examinada por uma banca composta por Caio Boschi, meu primeiro orientador na UFMG, Carlos Guilherme Mota, do Departamento de História, Teófilo Queiróz Junior do Departamento de Antropologia e o renomado Antônio Candido, já aposentado.

Nos anos próximos à minha chegada, no Departamento de Ciências Sociais, sob a liderança sempre entusiasmada do Silvio Coelho, participei do processo de consolidação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, que se dividiu em áreas de Antropologia, Sociologia e Ciência Política. Havia interesse, como parte dessas novas áreas, na ampliação e diversificação de especialistas. Grande parte da equipe da área de Antropologia atuava em Etnologia Indígena e Arqueologia. Em longas conversas, Silvio planejava preencher as lacunas abrindo novos caminhos de pesquisa. Ao mesmo tempo, vivíamos o momento da expansão da pós-graduação no Brasil e as universidades precisavam, mas não conseguiam ampliar seus quadros com novas contratações. Foi nesse momento que surgiu o programa de “recém-doutor” do CNPq, voltado para a incorporação de quadros recém-formados. Foi por meio desse programa e de uma bolsa do CNPq que comecei minha experiência docente na UFSC. A estas alturas, o casamento que tinha me trazido à Ilha já tinha acabado e outro se iniciava.

Mais uma vez, eu me via na condição de profissional/bolsista e assim permaneci por dois anos, quando surgiu o concurso para minha agregação ao quadro permanente da instituição.

Formação e Atuação Profissional - Anexos Disponíveis em:

<https://drive.google.com/open?id=1QQiMAx7hJosUDBb4VeYMIxVdQdYdmX2n>

⁶ Trata-se da reunião de Barbados de 1971, que reuniu antropólogos da América do Sul para analisar a situação dos povos indígenas de vários países da região. Silvio Coelho dos Santos e Roberto Cardoso de Oliveira representavam o Brasil.

ENSINO teoria, etnicidade e estudos afro-brasileiros

Apreendi logo de início, nos primeiros anos de docência, que o ensino anda lado a lado, por vezes de braços dados com a pesquisa. Ensino e pesquisa desde a mais tenra formação são os motores para promover curiosidade intelectual, busca por saberes, troca e transmissão. O desabrochar intelectual, é primeiramente vivido na própria pessoa e à medida em que nos tornamos professor/as passamos a exercer uma busca e meio de crescimento contínuo. Ingressar no ambiente universitário foi extremamente prazeroso para mim. Ensinar e orientar, acompanhar novos talentos, uma fonte de realização pessoal e coletiva indescritíveis. Durante mais de três décadas, atuei como professora, pesquisadora e orientadora na área de antropologia da UFSC, compartilhando processos de consolidação institucional, criação de programas de pós-graduação, áreas, linhas de pesquisa e planos semestrais de ensino e extensão.

Quando comecei a lecionar na UFSC, já se encontravam há mais tempo na instituição além do estimado Silvio, as colegas Neusa Bloemer, Maria José Reis, Aneliese Nacke, Anamaria Becker e Maria Amélia Dickie. Jean Langdon e Rafael Bastos tinham chegado há poucos anos. Aquele foi um momento de ampliação e consolidação da pós-graduação e quase todo o grupo precisava se licenciar para realizar o doutorado, exceto Silvio, Anamaria e Jean Langdon, Rafael já estava escrevendo a tese. Como parte de um plano institucional os que já tinham doutorado precisavam assumir com afinco o rol de disciplinas obrigatórias e optativas e os muitos cargos administrativos para que os/as colegas concluíssem seus doutorados. Foi uma fase de forte investimento na antropologia catarinense e Silvio liderava o grupo com alta competência.

Por mais de três décadas fiz parte de dezenas de processos de formação de estudantes, provenientes de diversas partes do país e do exterior, através de ricos processos de trocas e aprendizagens mútuas. Quando cheguei na UFSC encontrei um projeto institucional delineado em forma de amplas preocupações futuras que priorizava áreas temáticas/teóricas de investigação que desde então se fortaleciam no país e no mundo. Silvio Coelho teve um papel importantíssimo nessa fase. Foi ele que percebeu a importância da educação étnico-racial e do aprofundamento de conteúdos afro-brasileiros. Esta especialidade vinha da tradição dos estudos da chamada “Escola Sociológica de São Paulo” que em nova fase se denominava “Antropologia das populações negras no Brasil”, cujo polo fundador foi a própria Universidade de São Paulo, onde o zeloso professor Silvio também se formou. Meus principais interlocutores no Departamento nessa época era o próprio Silvio, a Neusa Bloemer, que pesquisava sobre os caboclos no oeste catarinense e Neide Almeida Fiori, que iniciava uma pesquisa sobre políticas de nacionalização do ensino na região alemã durante o período Vargas. Nesta época surgia uma nova vertente crítica no Rio de Janeiro, identificada como “desigualdades e relações raciais”, liderada pelo argentino Carlos Hasenbalg na Universidade Candido Mendes /RJ; havia também os estudos da antropóloga catarinense Giralda Seyfert no Museu Nacional sobre questões étnico-raciais e colonização alemã em Santa Catarina. Um novo enquadramento teórico desloca-se para as pesquisas sobre identidades e territorialidades em cidades e regiões do país, com Raquel Rolnik e Maria de Lourdes Bandeira.

Em 1988, ano do centenário da assinatura da Lei Aurea, organizamos na UFSC um seminário sobre “Escravidão e Racismo” e mesclamos as diversas tendências e orientações teóricas nacionais através das presenças de João Baptista Borges Pereira, Carlos Hasenbalg, Kabengele Munanga, Ieda Brito, Maria de Lourdes Bandeira, entre outro/as. Organizamos a primeira mostra fotográfica sobre os territórios negros de Santa Catarina, o primeiro do gênero; em seguida reapresentamos a mostra ampliada ao encontro nacional da Associação Brasileira de Antropologia.



Seminários 1988, 1990

No final da década de 1980 havia no país um clima pulsante de redemocratização e o ano de 1988 fez convergir dois momentos muito relevantes: a promulgação da Assembleia Nacional Constituinte e as comemorações do Centenário da Abolição. Alguns anos antes tínhamos presenciado a reorganização do Movimento Negro, do Movimento Indígena, o crescimento do Movimento Feminista e novas articulações de novos atores da sociedade civil, a amplificação de vozes sociais vindas das lutas camponesas e novos protagonismos que ecoavam na vida política nacional, anunciando a volta dos ares democráticos na sociedade brasileira. Nas Ciências Sociais se intensificou o debate sobre conflitos e reivindicações de grupos étnicos e imigrantes nos contextos dos Estados-Nação, novas pautas civis como desdobramentos das lutas de libertação da África, o processo de redemocratização em diversos países da América Latina. Nesse ambiente os estudos sobre movimentos sociais e minorias étnicas tiveram uma presença maciça nas agendas científicas das academias em todo o mundo mas, sobretudo na América Latina.

Das primeiras disciplinas que lecionei na UFSC do quadro curricular que alcancei já em curso, destaco uma delas, a “antropologia das minorias”, termo que conquistou maior audiência na Sociologia e na Ciência Política na década anterior. Relevante observar que esse momento coincide com a separação das áreas em dois novos programas, ficando a Antropologia tributária de abordagens relativas às relações inter-étnicas e a análise dos conflitos étnicos enquanto a Sociologia se detinha mais no conceito de Raça e seus desdobramentos na sociedade de classes. Essas abordagens iam se delineando como vertentes investigativas e também como disciplinas acadêmicas, portanto Ensino e Pesquisa estavam diretamente interligadas e interdependentes.

No primeiro semestre ofereci uma disciplina para o mestrado em Ciências Sociais denominada “Antropologia das Minorias: temas e problemas da população negra no Brasil”. Minha docência

na UFSC começou por este curso, com o mesmo título do que tinha assistido na USP com o meu orientador João Baptista Borges Pereira. Eu tentei seguir o seu roteiro ao pé da letra quando então comecei a perceber algo mais profundo, que o ensino é uma porta que se abre e se comunica mais diretamente com o ato criativo; cada curso ministrado é um caminho novo que se abre, um novo exercício para novos conhecimentos. A cada programa, novas leituras, novos autores, novos passos a dar. Nesse curso encontrei as obras de Arthur Ramos sobre Psicanálise, os incríveis textos de Roger Bastide sobre Candomblé e sobre poesia afro brasileira, os estudos de Ruth Landes sobre a cidade das mulheres e por aí fui. Reservei também uma pequena unidade do curso para começar a investigar sobre as populações negras catarinenses, lendo autores e autoras como Osvaldo Rodrigues Cabral, Valter Piazza, Crispim Mira, Laura M. Hubener, Miriam Ellis com atenção especial na obra de Fernando Henrique Cardoso e Octavio Ianni “Cor e mobilidade social em Florianópolis” (1960). Queria motivar os/as estudantes a desenvolverem pesquisas sobre os negros em Florianópolis o que não pareceu muito difícil, havia muitos assuntos e questões novas e um grupo de alunos e alunas extremamente empenhados a prosseguir; dentre os quais, Pedro Martins, Vera item Teixeira, Aldo Litaiff, Doralúcia Bertúlio e Jeruse Romão. Dessa primeira etapa foram produzidas, sob minha orientação as primeiras dissertações sobre populações negras em Santa Catarina, que abordarei mais adiante.

Desde o meu ingresso na UFSC em agosto de 1986 até hoje, lecionei um vasto quadro de disciplinas obrigatórias e optativas para o cursos de Ciências Sociais, para o curso de Antropologia e os demais cursos da UFSC aos quais ministrei disciplinas introdutórias: Medicina, Serviço Social, Odontologia, Psicologia e Educação Física.

Nos anos noventa tivemos um período de consolidação da Antropologia como área de conhecimento relevante para a formação humanística em outros cursos da UFSC. O ensino com viés interdisciplinar, além de fortalecer a Antropologia permitiu a ampliação do corpo docente e a contratação de novos profissionais. Atuar em outros cursos me levou a enfrentar novos desafios e a testar ferramentas analíticas voltadas para diversas áreas e campos disciplinares, exercitando bem mais a interdisciplinaridade. Na medicina e na educação física percebi a urgência de um debate sobre as teorias racialistas e suas relações com as concepções de corpo e saúde. Procurei desenvolver um trabalho voltado para a desconstrução dos conceitos de raça que nortearam as divisões das populações pelo Colonialismo e a forma hierarquizada como eram retratadas, as graves distorções e preconceitos nos modos de ver e abordar os grupos e comunidades humanas, suas condições de vida e trabalho. Também no curso de Serviço Social fiz um trabalho focado em um conjunto de leituras críticas de desconstrução do racismo, dos mecanismos de dominação e da produção de regimes de verdade e produção de corpos dóceis; usando textos de Michel Foucault tais como a “Genealogia do Racismo”, para pensar as formas de inteligibilidade e a instauração de um campo de forças onde se joga com as relações de poder e controle das condutas (Foucault, 1996: 140). Foram nesses vários espaços de debate em sala de aula que percebi mais nitidamente o quanto a Antropologia pode contribuir para a formação crítica e humanística, sobretudo quando voltada para a compreensão da diversidade étnico-cultural, dos processos de discriminação racial, exclusão social e violência.

Durante mais de trinta anos de docência, acompanhei todos os processos de reformulação institucional, curricular e pedagógica em maior ou menor intensidade, nível de concordância, adesão e participação; o processo de criação do Departamento de Antropologia (1986-1995); do Laboratório de Antropologia (1993) - que congregou os grupos e núcleos já existentes; de criação do mestrado (1995); do doutorado (1998); e mais recentemente, a criação dos cursos de graduação em Antropologia e Museologia (2007-8). Por fim, a proposta em que me envolvi mais diretamente, de criação da área de concentração “África e suas diásporas” no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (2018), atualmente sob minha coordenação.

Considero desnecessário narrar em detalhes nesse Memorial todos os passos e os diversos projetos institucionais de consolidação da Antropologia na UFSC que testemunhei e participei nessas três décadas. Nesse longo período de permanência na UFSC lecionei quase todas as disciplinas obrigatórias dos cursos de graduação e praticamente todas as obrigatórias da pós-graduação. Essa experiência contribuiu significativamente para complementar e consolidar minha formação e suprir grande parte das lacunas evidenciadas após ter trilhado uma pós-graduação relâmpago e iniciado a carreira sem nunca ter pisado numa sala de aula. Viver intensamente a docência me levou a desenvolver uma sistemática de estudos aprofundada em teorias e metodologias, a me atualizar nos novos campos de estudos que acompanharam o desenvolvimento da Antropologia no Brasil e no mundo nessas décadas em que pude, principalmente, aprimorar os métodos de ensino adotados e as formas de troca e transmissão de conhecimentos em sala de aula e com os colegas. Nesse processo de aprendizagem desenvolvi um método de avaliação que aplico ao final de todos os cursos, através de um tipo de formulário próprio; talvez através desse material eu venha a desenvolver um ensaio futuro sobre formas de avaliação, metodologias de ensino e seus resultados. Tenho o hábito de fazer fotos com todas as turmas, criando uma memória das gerações que lecionei na UFSC e em outras universidades.

Nessas décadas de trabalho em sala de aula descobri o lado mais gratificante de ser professora: o de não parar de estudar, transmitir e trocar conhecimentos, estar em contato com novas gerações; constatei o quanto o trabalho com jovens nos possibilita renovar nossos ânimos e projetos de vida, o quanto ensinar é aprender e vice-versa. Também aprendi muito com colegas como Maria José Reis, Jean Langdon, Rafael Bastos, Maria Amélia Dickie, Miriam Grossi, Theophilos Rifiotis, Carmen Rial, Oscar Calavia Saez, Antonella Tassinari, Alberto Groismann e Alcía Castells. Nas disputas departamentais fortaleci minhas idéias e projetos de universidade e educação, por vezes transformando ácidos abacaxis em saborosos doces, reafirmando em cada etapa, diferentes tipos de realização com a docência.

Não há suficiente espaço nesse memorial para comentar detalhadamente todas as disciplinas introdutórias e de formação básica e avançada que lecionei nos cursos de Ciências Sociais e Antropologia e ainda, sobre a minha atuação nos diversos cursos de Graduação da UFSC, principalmente em Ciências Sociais, Antropologia e Museologia.

Nesse panorama geral da minha atividade docente gostaria de esclarecer dois pontos. Primeiro, considero a divisão graduação/pós-graduação apenas um marcador dos níveis e etapas de formação, não definiram graus de interesse e/ou relevância; tenho dado a mesma importância a ambos os níveis de formação e de fato, não tive preferência entre um ou outro. Segundo, embora

possa tomar as atividades de ensino a partir de dois blocos, de obrigatórias e optativas, isto não representa preferências ou escolhas, esta divisão visa apenas descrever os campos de atuação efetivamente desenvolvidos pois os projetos político-pedagógicos dos cursos em geral seguem modelos ditados por legislação vigente, orientações e supervisões do Ministério da Educação.

O primeiro bloco que vou apresentar diz respeito às disciplinas que são normalmente consideradas “obrigatórias”: as introdutórias e de formação teórico-metodológica intermediária e avançada. Desse bloco lecionei em torno de 20 disciplinas e ementas diversas. O segundo bloco diz respeito às disciplinas que compõem as optativas e as chamadas tópicos e debates temáticos que são mais abertas e voltadas para assuntos emergentes e contextuais. Nesse bloco lecionei mais de 30 disciplinas que envolvem a educação étnico-racial: as relações Inter étnicas e temas africanos e afro-brasileiros, a partir de vários enfoques e abordagens. Ao final desse item do Memorial vou apresentar um quadro demonstrativo por bloco das disciplinas que ministrei. Dado o longo tempo, as várias mudanças institucionais, não foi possível obter um quadro completo desses dados, trata-se de um quadro demonstrativo aproximado do que foi possível encontrar nos registros pessoais e nos que foram encontrados na secretaria do departamento.

O exercício de montagem desse quadro me permitiu chegar a algumas conclusões interessantes, ver melhor como foi minha atuação docente. Noto, por exemplo que atuei em igual frequência e intensidade nos dois blocos, tanto na graduação como na pós-graduação, confirmando minhas impressões iniciais, interesses e gosto.

Nesse bloco de disciplinas obrigatórias encontram-se os cursos que objetivam um panorama da história da formação da Antropologia como disciplina das Ciências Humanas; estão também as disciplinas que abordam epistemologias, focam em tipos de abordagens teóricas e metodológicas; são os cursos preparatórios para o desenvolvimento da pesquisa, a produção de trabalhos científicos. Nos cursos de História da Antropologia, por exemplo, reencontrei algumas das minhas preocupações antigas, sobretudo as críticas às abordagens cronológicas empreendidas em minha formação inicial; incorporei autores importantes que agreguei posteriormente, como Hayden White (2005) e as abordagens sobre narrativa e discurso. Recuperei os diários dos viajantes e cronistas do século XIX, o que denominei pré-etnografia em meu livro “Antropologia da Viagem” (Leite, 1996). Priorizei uma abordagem epistemológica em que autores, contextos, conceitos, teorias e escolas de pensamento antropológico se entrecruzam (Stocking, 1983). A noção de produção literária norteou o caminho para pensar Histórias da Antropologia, a partir de percepções diversas sobre cultura produzidas a partir das pesquisas de campo em diversas regiões do mundo. Incorporei a ideia de comentadores e cronistas como meio para situar a produção e reprodução das chamadas escolas de pensamento/vertentes interpretativas. Olhar seqüências diacrônicas permitiu-me estabelecer as inter-relações, ver contrastes, afinidades e “filiação” entre os diferentes autores, levando em conta o contexto intelectual e histórico-biográfico de cada autor. Enfrentei o debate sobre as noções de pais fundadores - geralmente heróis e pioneiros, homens brancos, vestidos de roupa cáqui, botas e esporas em busca de paraísos exóticos no planeta. Para desconstruir esses olhares, introduzi mulheres viajantes, escritoras, aventureiras e dispostas a mostrar outros pontos de vista (McClintock, 1995)

Na disciplina “Teoria Antropológica”, optei por examinar criticamente as produções contemporâneas, considerando, sobretudo, o mal-estar vigente em relação à demarcação rígida das chamadas escolas, teorias e paradigmas, apontando os trânsitos entre as classificações já consagradas e demonstrando uma sinergia potencializada pela tensão na união de contrários, muitas vezes descrita como pós-modernidade (Oliveira, 1988). Apoiando-me em Stanley R. Barret, “Anthopology: a student’s guide to theory and method” (Barret, 1996), trabalhei um conjunto de textos considerados imprescindíveis para a consolidação da antropologia na virada do século. Barret introduz tanto questões de fundo que ele chama de fase construtiva (do que se entende como Evolucionismo até o Estrutural-funcionalismo), a fase de acréscimos e remendos (Ecologia Cultural, Teoria do Conflito e a Teoria da Ação) e uma fase de demolição e reconstrução (Estruturalismo, Pós-Modernismo e Teoria Feminista). Modelos marxistas, formalistas, fenomenológicos são impactados pela teoria crítica, a crítica literária, a filosofia e a psicanálise (Clifford, 1986). Consultando os programas das disciplinas ministradas percebo que durante os anos de 1991, 94 e 95 me dediquei também a uma disciplina na graduação que abordava diversas questões teóricas mais pungentes e contemplando atualidades, cujo nome era “Tendências Atuais da Antropologia”. Essa disciplina saiu de circulação dos cursos, certamente pelos efeitos que o nome “atual” produziu, diante da intensidade, velocidade e inquietação teórica no interior dos debates antropológicos e das reformulações curriculares que se seguiram depois disso.

Nesse bloco de formação teórico-metodológica lecionei diversas vezes a disciplina “Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia”, o que me levou a maiores investimentos e dedicação. Ministrei cursos de Métodos na graduação em Ciências Sociais, na graduação em Antropologia e na pós-graduação. Começava com os processos que levam à formulação de problemas de pesquisa e na elaboração de projetos; as etapas seguintes abordei as principais discussões sobre pesquisa de campo, escrita e Etnografia. Percebo, nas últimas décadas que essa disciplina foi ganhando relevância na medida em que as carreiras universitárias foram melhor sendo estruturadas através de projetos pedagógicos que estimulam a pesquisa e a vigência de legislações voltadas para a intensificação das carreiras. Noto também o estímulo a uma maior produtividade acadêmica, na publicação de artigos e resenhas, desde a graduação, como forma de preparação para as monografias, dissertações e teses futuras. O campo das metodologias tornou-se fundamental em todos os níveis de formação universitária. Noto também que introduzi nos cursos a partir do ano 2000 exemplos próximos de pesquisas feitas sobre situações conhecidas e de caráter local, para despertar vocações.

Um dos assuntos emergentes na pós-graduação na última década tem sido o dos laudos periciais antropológicos, um dos trabalhos técnicos atualmente mais requeridos no campo da Antropologia. As pesquisas antropológicas passaram a ser mais requisitadas a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 e legislações complementares criadas para agirem como anteparo das lutas e demandas por reconhecimento de atores sociais com mais visibilidade e protagonismo, tais como os indígenas e quilombolas, as questões de impactos ambientais e as demandas por proteção do patrimônio cultural do país. Esse é sem dúvida um cenário importante para a afirmação da pesquisa antropológica e em certa medida, de seu papel político. Organizei em 2000 com o apoio da direção da Associação Brasileira de Antropologia à época, o

antropólogo Ruben George Oliven, a Oficina de Laudos Periciais Antropológicos que resultou em um documento denominado “Carta de Ponta das Canas”. Esse documento trouxe impactos importantes e recomendações sobre a forma de ver a pesquisa antropológica no país e como o assunto deve ser incorporado aos conteúdos curriculares da formação avançada no Brasil. Em vários cursos incluí o assunto como um tópico da disciplina de Métodos e mais recentemente passei a oferecer esta como uma disciplina optativa. Para isso, criei a ementa e ministrei as primeiras disciplinas especificamente sobre este assunto no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC. Paralelamente tive a oportunidade de ser palestrante e professora convidada em diversos mini-cursos e oficinas sobre Laudos Antropológicos realizados nas reuniões bianuais da Associação Brasileira de Antropologia e na reunião da região sul – a Reunião de Antropologia do Mercosul. Com os colegas Alfredo Wagner Berno de Almeida, Eliane Cantarino O’Dwyer, Gustavo Laranjeira Sampaio, entre outro/as vislumbro ser este também um campo ou área em construção e debate e que vem ganhando a cada dia maior importância na Antropologia. Voltarei a esse tema na parte relativa às atividades de pesquisa e extensão.

Desse rol de cursos teóricos considero relevante mencionar também as disciplinas *Relações Inter-étnicas* e *Teoria Pós-Colonial*, que vem sendo oferecidas, por vezes em um ou outro bloco. Interessante perceber que seus conteúdos curriculares acompanham a emergência e disseminação de certas questões, pensamentos e obras cujo marco é a chamada crise das identidades, que resulta da acumulação da racionalidade moderna potencializada como parte dos processos de colonização (Sec.XVI ao XVIII), a Partilha do Continente Africano e as duas Guerras Mundiais, que se expressa nas Ciências Humanas a partir do que vem sendo identificado como crise do paradigma da racionalidade. Questões de Raça, Etnicidade, Gênero e Classe estão inter-relacionadas. Políticas genocidas cientificamente validadas, em todos os campos do saber descredenciaram a ideia de raça enquanto um dos princípios ordenadores do pensamento moderno e até então vigente (Gilroy, 2007). As Guerras Mundiais produzem a quebra da razão piramidal, introduzindo maior conhecimento e consciência da diversidade, expondo o poder destrutivo do discurso determinista (Spivak, 1990). Os relativismos culturais, a semiologia e a psicanálise se afirmaram como trânsitos paradigmáticos e suportes à consolidação das Ciências Sociais, abrindo um caminho para os três sistemas analíticos: a Sociologia, a Antropologia e as Ciências Políticas. Em quase três décadas as teorias da etnicidade, com diversos enfoques e abordagens, examinam e problematizam o fenômeno das distinções e afirmações e disputas coletivas nos contextos da formação dos Estados-Nação (Cohen, 1969; Barth, 1969, Smith, 1986; Glazer e Moynihan, 1975; Williams, 1988, 1992, Eriksen, 1993; Wade, 2000). Importante considerar também que os marcos instaurados logo após as duas guerras mundiais, quando foi criada a ONU- Organização das Nações Unidas e com ela as Cartas, Tratados e Acordos estabelecendo a intenção de paz, as vias de resolução dos conflitos e as sanções em caso de não cumprimento, mudaram radicalmente o modo de ver e abordar a cultura (Anderson, 1983; Hobsbawn, 1983; Said, 1990). A Declaração sobre a Raça de 1945, elaborada pela UNESCO – *União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura*, órgão suplementar da ONU, instaura um campo fértil de reflexões em todas as academias do mundo sobre as fronteiras políticas, os processos de auto definição e identificação dos povos e este como um campo de

análise, interpretação e crítica cultural (Hall, 1980, 1991). Sem dúvida, é nos desdobramentos, nos períodos seguintes que os estudos de identidades étnicas irão se consolidar nas Ciências Humanas, desde as análises simbólicas sobre processos políticos e culturais, as classificações sociais e as construções categoriais que tornam visíveis fronteiras, alianças em torno de certos símbolos, que se pautam na relação entre a produção de discursos e projetos de poder (Kaufman 2001, Comaroff, 2009). A Raça entra portanto no escopo analítico das teorias da etnicidade, primeiramente por corresponder a um fenômeno que se reatualiza, a partir de novas estratégias, por se revelar como o grande pilar de sustentação das ideologias conservadoras, dos sistemas de exploração e dominação decolonial sob a égide do neoliberalismo, cuja força motriz não é mais e necessariamente, como ocorre na primeira globalização, os corpos humanos.

Nos cursos sobre *Teoria Pós-colonial* ministrados em 2008 e 2011, procurei abordar em vários tópicos, as principais abordagens sobre as relações, os acervos e as representações de identidade, cultura e discursos de nação e lugar (Bhabha 2001; Mignolo, 2000; Dzidziényo, 2002; Chatterjee, 2004, Quijano, 2007). Busquei também estimular a análise de teorias críticas e políticas fundadas em obras literárias e artísticas (Pratt, 1999; Prakash, 1995; Mudimbe, 1994, Clifford, 1997). E como último tópico procurei examinar conceitos e expressões mais correntes na literatura dita pós-colonial tais como tradição, diáspora, cosmopolitismo, discurso, entre-lugar e não-lugar, decolonial, descolonização epistemológica, nação, auto-determinação, direito positivo, fronteira, biopolítica, entre outros. Se, de algum modo, esses cursos resguardam as teorias contemporâneas como ferramentas analíticas elas se debruçam no entendimento dos processos de formação do pensamento social e em que medida ele se apresenta como uma chave de interpretação do mundo contemporâneo. Contudo, não se trata de examinar exclusivamente as teorias mas de perceber os contextos históricos e as pesquisas empíricas que as subsidiaram, através de exemplos concretos de situações históricas e fenômenos sócio antropológicos que atraíram a atenção dos cientistas sociais e promoveram relevantes debates nas e entre as academias científicas no Século XXI.

O segundo bloco que gostaria de destacar é composto por disciplinas optativas das áreas de especialização ou temáticas, que fizeram parte das ofertas de diversos cursos ou até mesmo como obrigatórias, o caso de “*Estudos Afro-brasileiros*”, que só foi incluída no rol das obrigatórias por força de uma lei federal. Posso ver agora e me dou conta disso quando passo a examinar as dezenas de planos de aulas de cursos que ministrei, as diversas estratégias que encontrei para tornar relevante esse assunto nas grades curriculares, já que até hoje, se não fosse pela força de uma Lei (Lei 10634/11642) (que foi derrubada pelo governo federal de 2016), provavelmente ela não existiria. Para introduzir esses conteúdos na formação dos estudantes lancei mão de ofertas indiretas, via os “seminários”, “tópicos” e “tendências” “debates”. *Foram cursos* em que procurei introduzir um olhar amplo sobre a formação do pensamento social sobre raça e etnia, buscando em seguida examinar os estudos temáticos recentes, contemplando uma enorme gama de questões em geral trazidas pelos próprios alunos e alunas.

No rol dessas optativas encontram-se aqueles cursos que versam sobre os assuntos e debates emergentes e portanto, é curioso observar que os cursos sobre temas afro-brasileiros durante duas décadas e mediante sua situação sempre periférica no currículo, nunca saíram dessa

condição de assunto emergente. Havia uma disciplina cujo nome dizia exatamente isso “*Debates atuais da Antropologia*” em que lecionei “*Antropologia das Populações Afro-Brasileiras*”; em outros casos o assunto irá surgir a partir dos chamados *Tópicos Especiais*”, em que incluí, por exemplo, a disciplina sobre “*o racismo no mundo atual*”, “*intolerâncias étnicas e a questão nacional*”, “*teorias da mestiçagem no Brasil*”, “*territorialidade negra*”, “*identidade e cidadania negra*”, “*direitos e conflitos étnicos*”, “*quilombos, diásporas africanas, poéticas e políticas*”, e inclusive, cheguei a lecionar como tópicos especiais com o nome da atual “*estudos afro-brasileiros*”. Foi através dessas estratégias que essa área foi se consolidando como parte dos conteúdos curriculares nas Ciências Sociais e na Antropologia pois ela nunca foi reconhecida como sub-área de conhecimento e especialidade plena, mas sempre tratada como assunto fundamental ou relevante no âmbito do Departamento e do Programa de Pós-Graduação. Foi no início dos anos 2000 que introduzi, entre as disciplinas da pós-graduação, o curso “*Etnologia Afro-Brasileira*”, para fazer frente à massa imperativa de informações que os estudantes recebiam proveniente das demais optativas, tais como Etnologia Indígena, da Saúde, da Antropologia Urbana, das Violências, dos Estudos de Gênero, Linguagem e Performance. Abordar o assunto a partir da ideia de educação étnico racial ou de uma etnologia afro-brasileira significava tentar quebrar o regime de prioridade instalado e introduzir ao mesmo tempo, novas propostas e epistemologias para, nos mesmos termos, introduzir as ferramentas críticas constitutivas do campo, a descolonização das áreas hegemônicas - fenômeno primeiramente descrito por Santos (2010). Se esta estratégia funcionou, tenho dúvidas, pois foi somente a promulgação e pelo imperativo da lei federal que a presença da disciplina ao rol das obrigatórias foi implantado, ou seja, a partir de 2009. Esse é um aspecto interessante de abordar pois os próprios estudantes se surpreendem com o fato de terem apenas uma única disciplina sobre o assunto em quatro nos de formação universitária. Constato que ainda há muito por fazer, insistir na educação étnico-racial e nos temas africanos e afro-brasileiros é mais do que uma atribuição institucional, é uma tarefa árdua de des-invisibilização do assunto, uma missão educativa, que requer uma postura engajada e infelizmente não vejo um futuro promissor nos quadros atuais para prosseguir com essa tarefa. Escrevendo isso pareço pessimista, contudo levo em conta o fato de que quando estudei na USP nos anos 80, meu orientador e professor João Baptista Borges Pereira dizia nas aulas e escrevia em seus artigos que os estigmas das populações pesquisadas eram tal, o racismo no país era tal, que atingia também seus pesquisadores e pesquisadoras. Aquilo que Clovis Moura descreve como sendo uma forma de ver o assunto como um “problema” e a imagem dicotômica que deforma e desfoca, impedindo que se possa conhecer o assunto, resultando em uma visão alienada e preconceituosa (Clovis Moura, 1983). Constato que isso mudou pouco, até hoje há enorme dificuldade de certos pesquisadores até em assumir esse papel e lugar nas identificações de suas áreas de atuação e nos currículos e carreiras. (Borges Pereira, 1971)

A partir de 2009 passei a lecionar em quase todos os semestres a disciplina obrigatória “*Estudos Afro-brasileiros*”, do currículo das Ciências Sociais. Sendo uma disciplina pouco disputada e de interesse difuso, pude desenvolver um trabalho que considero dos mais relevantes que fiz todos esses anos na UFSC. Tomei como meta sensibilizar os estudantes para a riqueza dessa área de estudos, as amplas possibilidades de entender o assunto e formular novas questões. A disciplina “*Estudos afro-Brasileiros*” foi criada como parte do Projeto Pedagógico do Curso de Ciências

Sociais da UFSC de 2007 e cuja matéria passou a constar desde 2009 como um curso integrante do chamado “regime de PCC” (Prática como Componente Curricular). Trata-se de uma medida adotada no projeto de 2007/8 para enfatizar ainda mais a articulação requerida de seus conteúdos com a formação voltada para as práticas profissionais futuras de ensino, pesquisa e extensão e uma exigência da Lei 10 639, atual, Lei 11.645. O curso deveria, para tal, estar voltado para os principais tópicos que norteiam o campo dos estudos afro-brasileiros. Sua ementa, muito geral, abarca uma grande grade de conteúdos, a serem ministrados em apenas 4 meses: “*Raça e mestiçagem no pensamento social brasileiro. Principais abordagens teóricas e temáticas nos estudos sobre populações afro-brasileiras: relações raciais e etnicidade. Identificação e classificação social. Discriminação e preconceito. Expressões culturais afro-brasileiras. Territorialidade rural e urbana. Movimentos e políticas de identidade.*” As turmas do curso Estudos Afro-brasileiros desde 2009 têm sido formadas por alunos de diversas fases, cursos e áreas de conhecimento da UFSC, incluindo muitos alunos estrangeiros, atraídos pela possibilidade de entender melhor o país. A diversidade das turmas tem requerido um trabalho extra de nivelamento informacional e teórico, diversificação das técnicas de aprendizagem e outros recursos pedagógicos extraordinários para cumprir as metas estabelecidas na ementa. Além disso, é preciso considerar que na última década, este campo compreende uma vasta plataforma multidisciplinar abrangendo conteúdos curriculares da antropologia, sociologia e política em diálogo com as áreas de história, educação, psicologia, literatura, artes, entre outros. Esta área de estudos vem portanto, incorporando novas questões e discussões, tais como demografia, línguas, oralidades, artes visuais, ritmos e musicalidades práticas corporais, estética, religião, gênero, políticas públicas, patrimônio cultural, quilombos, movimentos sociais e ações afirmativas. Trata-se de um programa guarda-chuva em que dificilmente se consegue abarcar uma discussão condizente com a amplitude e nível de produção e avanço alcançado nos últimos quinze, vinte anos através de pesquisas e publicações no país e Exterior. Por que o descompasso? Não vou conseguir responder nesse memorial, acredito que mais importante é deixar essa pergunta como uma interrogação que poderá, quem sabe, instigar estudantes e interessados.

Vou incluir nesse rol de disciplinas optativas os cursos e oficinas de *Poética Visual afro-Brasileira* que aconteceu inicialmente em 2009 em Buenos Aires, a convite do Centro de Estudos Brasileiros e a Universidade Tres de Febrero (Untref). Este foi um balão de ensaio elaborado a partir de um período de permanência em pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa em 2007, onde desenvolvi uma pesquisa sobre o conceito de arte africana nas artes visuais contemporâneas. Abordei nos cursos e oficinas que se seguiram a esta, as artes visuais contemporâneas de Moçambique e Angola como metáfora política, cultural e espiritual (Stuart Hall, 2003), e em diálogo com o Brasil, Estados Unidos, Portugal, e Argentina, principais lugares onde realizei a pesquisa. Foram analisados alguns dos marcos discursivos que integram as matrizes filosóficas e estéticas da diáspora africana nas Américas (James Clifford, 1986, 1997; Nicolas Mirzoeff, 2000; Paul Gilroy, 2001, 2007) e as trajetórias, discursos e obras de artistas dos países referidos. O módulo pensado para incorporar a pesquisa que venho realizando desde 1996 e ainda em curso se desdobram em planos de diversos através de cursos de curta duração que lecionei nas cidades de Buenos Aires/Argentina (2009), Natal (2010), Belém (2010), Manaus(2011), Belo Horizonte (2013), Florianópolis (2014) sendo o último realizado em

Mendoza/Argentina (2017). Devo retomar esse assunto nos itens a seguir sobre pesquisa e extensão onde irei detalhar essa experiência como decorrente da atividade de pesquisa e disseminação de saberes para além das fronteiras da universidade.

Como parte do primeiro edital de 2018 no PPGICH, estou coordenando o “Seminário “África e suas diásporas” em parceria com o colega Henrique Espada (Dep. de História) além da participação dos professores que compõe a área de concentração deste programa de doutorado. A proposta do seminário busca consolidar a área “África e suas diásporas” (ASD) do PPGICH da UFSC e integra-se, inicialmente aos argumentos apresentados no projeto de implantação da área de concentração do PPGICH, visando fortalecer os vínculos entre os professores e estudantes e os diversos campos de saber que integram o doutorado Interdisciplinar e ao mesmo tempo, permitindo o estabelecimento de diálogos mais amplos, incluindo professores/as e estudantes de outros cursos da UFSC. A área “África e suas Diásporas”, além de um espaço institucional de formação doutoral é um campo de formação, reflexão e produção que não está situado propriamente em um recorte geográfico, mas, a partir de uma proposta epistemológica fundamentação teórica encontra-se historicamente situada no eixo de consolidação dos vínculos entre o Continente Africano e as Américas, através do modo de produção escravista e seus efeitos na atualidade (Memmi, 1985; Fanon, 1975, Quijano, 2007). De acordo com o projeto aprovado no PPGICH: “... trata-se, portanto, não propriamente de inverter olhares, criando novas unilateralidades, mas de fazer circular significados renovando e alterando as lógicas de poder e saber já consolidados, gerando novo pensamento crítico capaz de alargar horizontes e buscar novas questões, de ampliar e questionar as visões já existentes, imaginar novos caminhos e possíveis soluções para os impasses geopolíticos e sociais do mundo atual.” (PPGICH, 2018).

A seguir, apresento o quadro de disciplinas ministradas de 1986-2019:

DISCIPLINAS MINISTRADAS NA GRADUAÇÃO					
ANO	TEÓRICA/OBRIGATÓRIA	CRÉDITOS	ANO	ESPECÍFICA/OPTATIVA	CRÉDITOS
1986-2	Antropologia Cultural II	4	1994-1 1996-1 1999-1 2000-1	Tópicos Especiais em Antropologia: Relações Inter étnicas	6
1987-2 1990-2	Clássicos da Antropologia	6	2001-2 2008-1 2009-2	Etnologia Afro-brasileira	4
1991-2 1995-1 1996-1 1992-2	Tendências Atuais da Antropologia	6	2004-1 2009-1 2009-2	Cultura Brasileira	3
1999-2 2000-2 2006-1 2016-1 2018-2	Métodos e técnicas de pesquisa	6	2010-1 2010-2 2011-1 2011-2 2013-1 2012-2 2015-2 2016-1 2016-2 2017-1	Estudos Afro-brasileiros	4
1999-1 2012-1 2012-2	Leituras Etnográficas III	6	1992-1	Antropologia, Identidade e Territorialidade Negra - Samba, Carnaval e Cultura Urbana	2
1998-1 1998-2 2005-2	Antropologia Cultural A	3	1995-1	Antropologia do Espaço	1
2001-1 2004-2 2005-1 2008-1	Antropologia Cultural B	3	1998-2	Debates Atuais em Antropologia: Antropologia das Populações Afro- Brasileiras	6
2006-1 2008-2 2009-2	Antropologia Social II	2	2015-2	Patrimônio Histórico e Cultural	4
2001-2 2006-1	Métodos e Técnicas em Ciências Sociais II	6	2005-2 2009-2	Tópicos Especiais Em Antropologia IV - Cultura Afro-brasileira	4
2016-2 2017-2	Seminário de Escrita	4	2008-1 2014-1	Tópicos Especiais Em Antropologia VI - Quilombos, diásporas africanas, poéticas e políticas	4
2018-1	Introdução a Etnografia	4	2013-1	Tópicos Especiais Em Antropologia I - diásporas africanas: movimentos artísticos e projetos libertários	4
2019-1	Prática de Escrita em Antropologia	4			

Quadro I: Disciplinas ministradas por Ilka B. Leite na Graduação

DISCIPLINAS MINISTRADAS DA PÓS-GRADUAÇÃO					
ANO	TEÓRICA/OBRIGATÓRIA	CRÉDITOS	ANO	ESPECÍFICA/OPTATIVA	CRÉDITOS
1990-1 1991-2 2010-1 2011-1	História da Antropologia	4	1986-2 1998-1	Antropologia das Minorias	4
1990-2	Teoria Antropológica I	4	1987-1	Papéis Sexuais na Antropologia	4
1993-1	Seminário de Pesquisa	4	1987-2	Reflexões sobre o racismo	4
2001-1 2002-1 2018-1	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia I	4	1992-2 1994-2	Identidade e relações Inter étnicas	2
2001-2 2015-2	Métodos e Técnicas de Pesquisa em Antropologia II	2	1998-1	Curso de Leitura: Relações Inter étnicas	4
2014-1	Seminários Avançados em Teoria Antropológica I - II	4	1995-2	Tópicos Especiais: Intolerâncias étnicas e a questão nacional	4
			2001-2 2004-1	Tópicos Especiais: Etnologia Afro Brasileira	4
			2001-2 2010-2	Tópicos Especiais: Cultura Negra e Identidade	2
			2003-1 2017-1	Tópicos Especiais: Laudos periciais em Antropologia	4
			2004-2	Tópicos Especiais: Territorialidade Negra	1
			2005-2	Relações Inter étnicas: teoria pós-colonial	4
			2008-1 2011-2	Teoria Pós Colonial: antropologia, poéticas e políticas	4
			2008-1 2015-2	Estudos Afro-brasileiros	2
			2012-1	Processos Políticos identitários	2
			2012-2	Teoria da Identidade e Etnicidade	2
			2013-2	Tópicos Especiais: The Black Atlantic de Paul Gilroy	2
			2019-1	Seminário África e suas diásporas	1,5

Quadro II: Disciplinas ministradas por Ilka B. Leite na pós-Graduação – PPGAS e PPGICH

Orientação acadêmica e troca de saberes

A iniciação à pesquisa começa evidentemente na sala de aula, no despertar para o interesse por questões relevantes, sejam teóricas e voltadas para o diálogo e a investigação na área de especialidade. Assim como me senti amparada pelos meus professores, orientadores e colegas, venho procurando cada vez mais exercer meu papel de orientadora procurando despertar vocações e formar novas gerações de antropólogos e antropólogas. Nessas três décadas lecionando na UFSC convivi com mais de uma centena de jovens pesquisadores, seja em orientação direta, seja como banca examinadora de seus trabalhos, seja no Núcleo de pesquisa, conduzindo supervisões, estágios, bolsas permanência e orientações de outra natureza e informais. Considero esse um trabalho de troca gratificante, de enorme aprendizado, seja no plano das relações interpessoais, seja no plano acadêmico.

Com Alexandra Alencar hoje doutora e pós-doutora em antropologia e profissional atuante na área de estudos afro-brasileiros desenvolvi a mais longeva das relações acadêmicas, tendo em vista que acompanhei o seu trabalho desde a graduação até os dias atuais, quando está concluindo o seu pós-doutorado, tendo como supervisora a colega Miriam Grossi. Além de pesquisadora do NUER, temos desenvolvido pesquisas, ministrado cursos e escrito relatórios e artigos em parceria. Com Raquel Mombelli, orientanda de mestrado e de doutorado, e que permaneceu por longo tempo vinculada ao NUER como pesquisadora aprendi importantes lições sobre acolhimento, reciprocidade e lealdade. Maria Eugenia Domingues, orientanda de mestrado e também colaboradora em alguns projetos do NUER é hoje colega no Departamento de Antropologia.

Com alguns ex-orientandos e ex-orientandas mantenho relações de parceria e coleguismo, através de bancas, comissões e diálogos acadêmicos diversos, sobretudo por estarem inseridos profissionalmente e com carreiras consolidadas como docentes em diversas instituições federais brasileiras: Pedro Martins (UDESC), Vera Item Teixeira (FURB), Miriam Furtado Hartung (UFSC), Lisabete Coradini (UFRN), Laís Maretta Cardia (UFAC), Angela Maria de Souza (UNILA), Marcio Pizarro Noronha (UFG), Osvaldo Martins de Oliveira (UFES), Frank Nilton Marcon (UFS), Luis Fernando Cardoso e Cardoso (UFPA), Esmael Alves de Oliveira (UFGD), Aloísio Reis (UNIVALE), Marcia Regina Calderipe Farias Rufino (UFAM), Jorge Mattar Villela (UNESP), Augusto Marcos Fagundes de Oliveira (UES-BA), Mauricio Pardo Rojas (UC-Colombia), Marino Leopoldo Manoel Sungo (Instituto Superior Politécnico/Huambo/Angola).

Quanto aos pós-doutorandos, todos são docentes de Universidades Públicas de Ensino no Brasil ou no Exterior, a saber: a) Bruno Reinhardt é atualmente Professor adjunto da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); b) Sonia Vespeira de Almeida é Docente no Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa (UNL), Portugal; c) Ricardo Cid Fernandes é Professor Associado em Antropologia Social na Universidade Federal do Paraná (UFPR); Lisabete Coradini é Professora Associada do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Marcia Regina Calderipe Farias é professora associada do departamento de Antropologia da Universidade Federal da Amazônia.

Importante registrar outras inserções no mercado profissional: *Marcos Farias de Almeida* é Analista Pericial do Ministério Público Federal, *Marliese Vicenzi* é ceramista e professora de arte, *Charles Raimundo da Silva* é Professor de História Fundamental e EJA na Secretaria Municipal de Educação (Florianópolis). *Saul Moreno da Rocha* é museólogo do Museu da Universidade do Ceará.

Além disso, importante considerar as inserções internacionais dos orientandos, dois são alunos estrangeiros, quatro fizeram Pós-doutorado no exterior nos países Portugal, Holanda, Canadá e Espanha.

Acompanhei também oito estágios de outra natureza, entre o período de 2007 a 2014. Quatro se referiam a orientações de projetos de extensão sendo um relacionado à orientação de graduanda estrangeira do curso de Graduação em Estudos Africanos da Universidade de Lisboa, Portugal vinculada como pesquisadora do NUER. Enquanto coordenadora do Projeto “kadila: culturas e Ambientes- diálogos Brasil-Angola”, em parceria com a Universidade Agostinho Neto/ Luanda fiz a supervisão dos estágios de mobilidade acadêmica por 1 semestre de 4 estudantes angolanos sendo dois de graduação e dois professores em etapa de pós-graduação (mestrado e doutorado).

Em resumo, sobre as atividades de orientação, de 1990 a 2019 foram 61 orientações concluídas e 6 encontram-se em andamento em um total de 67 orientações até o momento de acordo com o gráfico I:

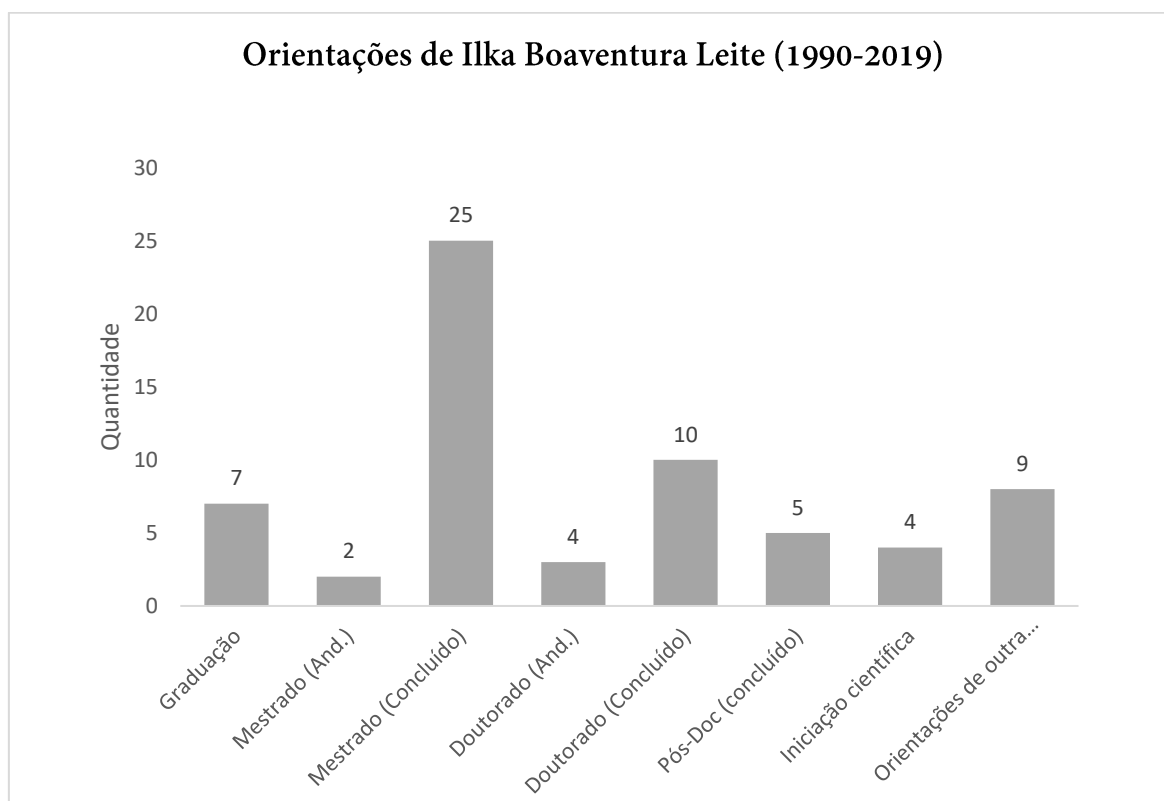


Gráfico I – Distribuição de orientações realizadas por Ilka Boaventura Leite no período de 1990 a 2019.

Fonte: Dados da Pesquisa (2019).

Para analisar as áreas e assuntos pesquisados dividi as orientações em três eixos temáticos, segundo o Gráfico II: 1-Estudos Afro-brasileiros e Afro-latinos; 2- África e suas Diásporas; 3-

Fronteiras Culturais e Processos identitários. É possível perceber que grande maioria das pesquisas realizadas e em andamento fazem parte do primeiro eixo. Somando-se as do eixo 2 temos mais de 77% nesse bloco. Se olharmos, contudo, detalhadamente, o conteúdo do eixo 3, é possível perceber que mesmo aí predominam aspectos que se relacionam direta ou indiretamente às populações e/ou expressões culturais dos dois primeiros eixos.

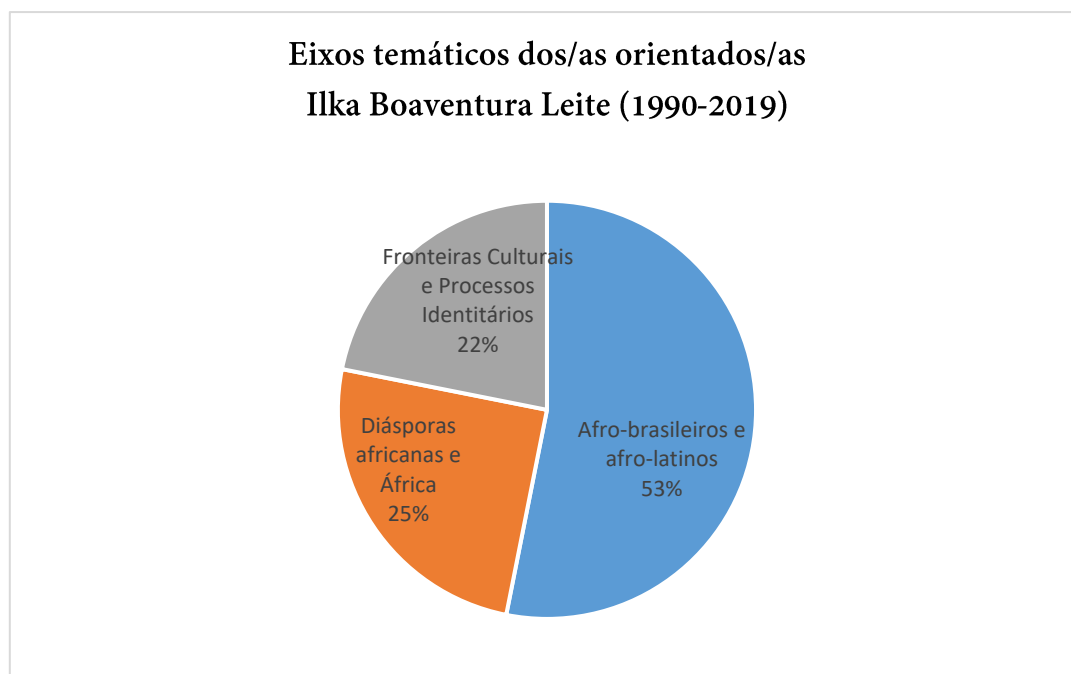


Gráfico II: Orientações de Ilka B. Leite por eixos temáticos. Fonte: Dados da Pesquisa (2019)

Lista completa de Orientações: Apêndice I – Atividade de Ensino

Anexos Disponíveis em:

<https://drive.google.com/open?id=1SPaLVr71yQd5q4RAGuIcKVAtJYBCl5mz>

O interesse pela investigação social foi se delineando ao longo da minha vida por diversos caminhos. Vivi parte da minha infância numa região chamada “polígono da secas”, no norte de Minas Gerais tendo convivido desde cedo com pessoas com grande carência material. Embora tenha nascido numa família de classe média e vivido sempre em razoáveis ou boas condições de vida, sempre estive entre pessoas pobres que eram minhas amigas e amigos, vizinhas, algumas delas inclusive, eram parentes. Estas formas de estar com e entre pessoas socialmente excluídas ou marginalizadas, incidu sobre o que, em menor ou maior grau, costumamos nomear de processos de subjetivação (Foucault, 1996). Nessas circunstâncias podem emergir diversas formas de solidariedade que conduzem a uma leitura específica do mundo, embora saibamos que nem sempre e nem com todo mundo isso ocorre do mesmo jeito. No meu caso, tive além disso, muitos exemplos familiares e domésticos, desde pequenos gestos de se colocar no lugar do Outro, até atitudes de verdadeira generosidade e compaixão. Desde muito cedo adquiri uma postura de inconformismo perante as injustiças sociais e sem dúvida alguma, isso influiu muito em minha postura investigativa, na formulação de certas questões e problemas de pesquisa, nas opções teóricas.

Um dia um amigo muito querido me perguntou por que eu me interessava tanto pelos negros, pelas questões raciais, afro, temas assim, sugerindo que talvez isso fosse um problema não resolvido. Eu nunca tinha parado pra pensar nesse aspecto. Mas logo pensei no provérbio citado por Abner Cohen: ‘Não há de ser o peixe que irá descobrir a existência da água’, eu estou tão implicada naquilo que faço a ponto de não conseguir me ver e ver como estando fora, portanto sempre considerei os aspectos sociais identificados nas pesquisas como sendo também meus, como parte de mim e do mundo ao qual faço parte. Embora possa identificar o compromisso com o projeto proposto pelo colega Silvio Coelho dos Santos, o mais evidente para mim agora é que existiu algo anterior, um interesse mais profundo em responder questões que certamente sustentaram minha própria agenda de crescimento pessoal, interno, profundo, existencial, portanto, não somente acadêmico, mas subjetivo, auto afirmativo, político.

Essa portanto é a agenda que tem me conduzido todos esses anos, que tem me levado a transitar numa esfera de interesses de investigação próprios, se refletindo, portanto em todas as perguntas e respostas que foram elaboradas até aqui: nos temas, abordagens, estratégias, teorias – tudo muito interligado, cada um potencializando o outro. Talvez possa identificar como estando entre as esferas de pensamento e ação formando um campo único, cujas perguntas convergem para certas respostas que se constituem em novas perguntas e assim por diante; por vezes penso que, ao final das contas, existiu sempre apenas uma única pergunta e tudo o mais são tentativas de respostas, por vezes incompletas, que se deslizam através da provisoriidade dos saberes; ou ainda, de um não saber como uma busca maior, que é fascinante. A curiosidade científica é energia potente e imparável, há que transformá-la em novos e novos projetos. É assim que me coloco diante da Ciência e é essa perplexidade radiante que procuro passar aos meus estudantes.

A seguir, vou apresentar em linhas gerais esses planos ou esferas de indagações que nortearam minhas pesquisas até este momento.

Antropologia da viagem: etnografia e a invenção do Outro

Lendo, durante a graduação em História, alguns renomados críticos, narradores e cronistas da virada do século XIX e do século XX tais como, Silvio Romero, Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Oliveira Viana, Gilberto Freyre, percebi nesses textos, a forte e marcante presença das crônicas de viagem do século XIX como base argumentativa para fundamentar as mais diversas interpretações e teses sobre a história colonial.

A emergência deste tipo de produção literária no final do século XVIII, antecipa a eclosão no século seguinte, sobretudo em um mundo editorial europeu em expansão, da chamada literatura de viagem: uma profusão de obras que narram viagens ao chamado “Novo” Mundo, que buscam, sobretudo, enunciar o que seria o novo, a novidade. No Brasil seu período áureo do ciclo de viagens acontece após a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil em 1808/9 e a abertura dos portos, até então fechada aos olhares e interesses estrangeiros. Essa nova possibilidade de viagem passa a exercer uma enorme atração nos diversos tipos de cientistas, naturalistas, filósofos, historiadores, engenheiros, zoólogos, artistas e a indústria editorial os incentiva a produzir diários de viagem, tornando este um estilo literário e artístico muito específico no mercado editorial, porque supostamente um jeito mais apropriado e convincente de narrar os mundos coloniais, as conquistas e anexações territoriais, de justificar a grandeza da conquista. Um dos aspectos que mais chama a atenção dos viajantes nesses locais visitados é a presença de africanos escravizados; descrevem com detalhes o que presenciam, as condutas e hierarquias sociais, montando um amplo quadro da formação multiétnica da sociedade brasileira em formação.

Essa literatura me impressionou muito. A viagem, que é contada a mim como parte da minha própria existência, reaparece como ato e como texto me inspirando a desenvolver minhas primeiras pesquisas, a colocar-me como alguém capaz de dialogar com um tipo de produção literária do século XIX a partir do presente, desde questões sociais, políticas e culturais do momento, a expor e testar minhas próprias perguntas, a ser autora. Foi a partir daí que construí minhas primeiras perguntas e hipóteses. Produzi, entre 1979-80, a monografia de bacharelado em História, “*Viajantes estrangeiros em Minas Gerais*”, com apoio parcial do CNPq e orientada pelo professor Caio Cesar Boschi. Entre 1982-1986 desenvolvi a tese de doutorado “*O Negro nas obras dos viajantes estrangeiros que visitaram Minas Gerais no século XIX*”, apoiada pela Capes e pela Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo /Fapesp, orientada pelo professor João Baptista Borges Pereira. Lembro-me que durante a pesquisa meu orientador me perguntou: você está estudando a literatura ou a escravidão? Eu respondi: os dois, estou interessada nas formas de representação social, na construção de um imaginário que produz efeitos sociais, moldando consciências e formas de agir no mundo. Acho que ele se satisfaz com a resposta, embora para mim fosse algo mais profundo se movendo em meus pensamentos.

Assim que concluí o doutorado, a convite do Suplemento Literário de Minas Gerais, escrevi um artigo sobre “A dança e a música dos negros na obra dos viajantes” (Leite, 1986). Esse texto foi reescrito, revisado e republicado no mesmo Suplemento em 2008 em um Numero Especial sobre os Vissungos⁷ com o nome “O toque dos tambores e os ritmos da liberdade”, (Leite, 2008). (Ver apêndice II- lista de artigos publicados)

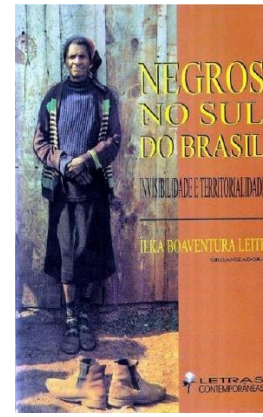
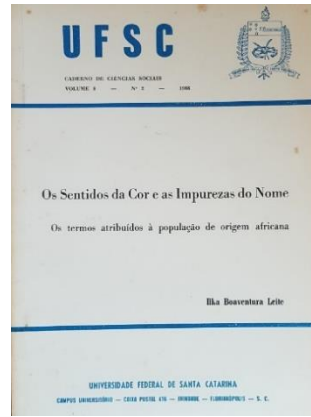
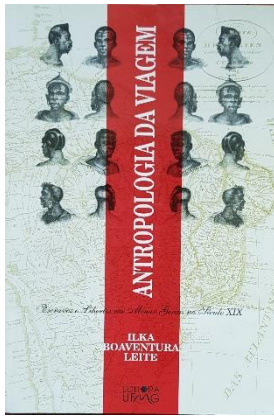
Em 1988, quando me candidatei ao concurso para o cargo de professora adjunta na UFSC apresentei um ensaio denominado “Os sentidos da cor e as impurezas do nome: os termos atribuídos à população africana”, em que levava adiante o tema da viagem sobretudo para problematizar os diversos significados dos termos usados para auto-denominação e identificação dos africanos e seus descendentes nas diásporas. Recorri aos relatos dos viajantes para analisar as expressões por eles descritas sobre as populações negras em seus diários. Esse ensaio foi publicado em 1988 no “Caderno de Ciências Sociais” editado pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFSC.

Durante os primeiros anos de docência na UFSC, incluí diversos tópicos sobre teoria da viagem nos cursos de Introdução à Antropologia, os Clássicos, Teoria antropológica e História da Antropologia e deste modo continuei pensando sobre o assunto e escrevendo alguns ensaios. Também proferi muitas palestras sobre o assunto, tais como “*As Fronteiras do exótico: o antropólogo e o viajante*”, no encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada, em 1993, tendo publicado o artigo na íntegra em seus Anais (Leite, 1994: 349-357).

No ano seguinte organizei alguns eventos, como o Fórum “Etnografia dos Relatos de Viagem”, na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia em parceria com o colega Paulo Roberto Albieri Nery, da Universidade Federal de Uberlândia. Começamos a organizar um livro que para nossa tristeza e frustração por diversos motivos, não foi publicado.

Dez anos depois de defender a tese de doutorado, publiquei o livro “*Antropologia da Viagem*” pela Editora da UFMG. Antônio Candido, um dos examinadores na banca de defesa da tese insistiu muito em que eu deveria publicar o trabalho e se dispôs a fazer o prefácio. Apesar de quase dez anos ser o tempo para levar adiante esse projeto de publicação, o Candido cumpriu sua promessa, me estimulando a transformar a tese em livro. Ainda não existia, nessa época, os computadores pessoais e, portanto, a tese foi redigida numa máquina *remington* e, com todas as dificuldades decorrentes da intensa vida acadêmica que se seguia, a publicação só saiu por insistência de Sonia Queiroz, então diretora da recém-fundada Coleção Humanitas, da Editora da UFMG. (Leite, 1996).

⁷ Vissungos são cantos de trabalho de africanos escravizados.



Viagem, Escrita e Poder: 1986, 1988, 1996

Durante esse período e já com os meus interesses voltados para investigações sobre a população negra no sul do Brasil, escrevi o capítulo “Descendentes de Africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação”, em que percorro a literatura sobre a região, incluindo as narrativas de viagem, para identificar o processo de produção de políticas de branquitude e de invisibilidade da população negra em diversos planos: na historiografia, nos estudos literários, socioeconômicos e demográficos. A coletânea sobre os negros no sul do Brasil, organizada por mim, apresentou ricas análises feitas por especialistas das áreas de antropologia, sociologia e história e estimulou inúmeras novas pesquisas sobre o assunto.

Mais recentemente colaborei para um dos números do dossiê da Revista História Viva, organizada por Jean Marcel Carvalho França, da Universidade Federal de Minas Gerais, com o artigo “A escravidão nas rotas da Arte e da Ciência” em que procuro demonstrar como as condições de viagem interferem no tipo de abordagem feita sobre os africanos escravizados e analiso as narrativas e pinturas dos viajantes que viviam as contradições de serem também proprietários de escravos.

Esta abordagem pouco comum na antropologia, vem a cada dia despertando mais e mais interesse, sobretudo a partir dos chamados estudos pós-coloniais, cujo marco fundador é, entre outras, a obra de Edward Said “Orientalismo: o oriente como invenção do Ocidente” (1978). A obra de Said, tendo sido elaborada entre 1975 e 77 apresentava um plano analítico e interpretativo com base nas narrativas de viagem, similar ao que eu formulava, na mesma época, durante a minha graduação.

Embora tenha me dedicado a outros assuntos correlatos, frequentemente recorro a este ponto em minhas aulas e ele permanece como preocupações teóricas e como pano de fundo em minhas análises. Orientei três trabalhos a partir de tal enfoque: a tese de Laís Maretti Cardia. “O meu lugar é aqui: trajetórias e memórias de colonos e seringueiros para Rio Branco, Acre uma abordagem antropológica”. (2004), a tese de Frank Nilton Marcon “Leituras Transatlânticas: diálogos sobre identidade e romance de Pepetela” (2005) e a monografia de Camila de Sousa “Etnografia e Missão religiosa: Alexander Henry Junod e "os usos e costumes Bantu", defendida em 2007.

Territorialidade negra e direitos étnicos

Para abordar este assunto, a primeira e mais importante questão a esclarecer é que em nenhum momento ela se configura para mim exclusivamente como pesquisa, como um interesse descolado do que se passa no plano da experiência social. Como o tema já diz, trata-se de tentar compreender o fundamento dos direitos étnicos que se interpõe ao processo de inserção dos africanos escravizados e seus descendentes no Brasil, até o presente momento não considerados de todo detentores de uma cidadania plena, uma vez que nunca foram efetivamente incluídos na pauta de direitos acessíveis a outros brasileiros. Acredito que há pesquisadores que tratam o assunto de forma distanciada e desprovida de um posicionamento que passa pela mera curiosidade científica. Pelo que apresentei até aqui, este não é o meu caso. O trabalho de investigação desenvolvido sobre as comunidades negras esteve desde o primeiro projeto voltado para resgatar as vozes dos sujeitos e amplificar essas vozes na direção de suas demandas sociais e políticas. Deste modo, defendo que não é possível situar essa modalidade de investigação apenas como uma pesquisa, mas uma atividade que reúne pesquisa, extensão e ação política. Parto do pressuposto de que a neutralidade científica e a ciência acima do bem e do mal não são possíveis nem exequíveis. A pesquisa em Ciências Humanas, por si só já exige um lugar de onde se vê, de onde se formulam as perguntas, sobretudo porque relações humanas são necessárias, as perguntas dialogam e envolvem vidas e pessoas com sensibilidades e horizontes reflexivos, que mudam e se renovam, como a nossa. Durante esse trabalho desenvolvemos laços de solidariedade, parcerias intelectuais e reciprocidades em diversos planos do cotidiano e da nossa própria existência.



Comunidade de Casca RS, 2001



Matalana, Moçambique, 2007

Meu percurso de investigação nesses trinta anos começa em 1986, pela tentativa de identificar, conhecer e perceber a presença da população negra em Santa Catarina⁸. A partir de um feixe de questões sobre Santa Catarina elegi aspectos sensíveis sobre a invisibilidade histórica, a segregação e o território negro como espaço de existência e resistência das famílias negras locais. Essa etapa acumulativa de questões e evidências encontradas em pesquisas de campo nas áreas centrais e periféricas da capital catarinense foi aprofundada através das dissertações de mestrado

⁸ Desenvolvi dois projetos nessa fase: “Comunidades Negras em Santa Catarina”, 1987-90 – CNPq e Edital Centro de Estudos Afro-Asiáticos/ Fundação Candido Mendes e em seguida o projeto “Identidade Étnica e Espaço: territórios negros em Santa Catarina”, 1992-94. Bolsa de Pesquisa - CNPq

e através delas conseguimos avançar nas investigações sobre os modos de vida rural⁹. Essas pesquisas nos permitiram obter uma visão mais ampla da problemática da segregação étnica, uma vez que ela não se caracteriza exclusivamente a partir do acesso à terra, mas, à todos os tipos de políticas públicas de atenção e desenvolvimento social a que teriam direito os grupos, famílias e indivíduos afrodescendentes no Estado. Vou mencionar algumas dessas pesquisas. A dissertação de Vera Item Teixeira, “*De Negros a Adventistas, em busca da salvação: estudo de um grupo rural em Santa Catarina*”. (1990), em seguida a de Pedro Martins “*Anjos de cara suja: etnografia da comunidade cafuza de José Boiteux* (1991)”, ambas etnografias sobre comunidades negras em Santa Catarina. No ano seguinte, 1992 foram concluídas, as dissertações de Miriam Furtado Hartung “*Nascidos na fortuna - O Grupo do Fortunato - Identidade e Relações Inter-étnicas entre descendentes de africanos e europeus no litoral catarinense*” e a de Lisabete Coradini “*Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis*”. Em cada um desses trabalhos já se anuncia a intenção em aprofundar a investigação sobre a fronteira étnica e os processos de segregação espacial e as lutas em torno dos direitos territoriais, políticos e de cidadania desses grupos negros perante o Estado brasileiro. Cada pesquisa, a partir de referenciais teóricos diversos e de pesquisa de campo etnográfica foi aprofundando a discussão sobre a diversidade como forma de organização social e política em estudos sobre a religião (Os Valongos), a língua (Os Cafuzos) o parentesco (a família Fortunato) e sociabilidade urbana (Florianópolis). As primeiras dissertações fizeram parte da Área de Antropologia do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, a partir de 1995 as áreas foram reorganizadas e foi criado o Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Foi portanto, a partir daí que novas pesquisas e abordagens prosseguiram, recortando o assunto através de novas e aprofundadas perspectivas.

Em seguida, movendo-se para o desenvolvimento de um quadro teórico sobre territorialidade negra nas áreas rurais e melhor urbanas, defini como meta uma pesquisa coletiva, no âmbito do NUER, procurando nos associar a outros pesquisadores, universidades e grupos de pesquisa para, através de uma ação mais abrangente compreender o modelo de relações étnico-raciais existente e o processo de marginalização e exclusão social dos negros e negras, através de sua inserção ou não na educação e no mercado de trabalho formal, tentando perceber também os modelos de sociabilidade e resistência das famílias, de segregação étnico-racial, a carência material e a expulsão e remoção das famílias das áreas residenciais e de cultivo nas periferias e nas áreas rurais. Nesse ponto da pesquisa ficou evidente que os afrodescendentes no sul do Brasil inseriram-se em certos padrões de relações pluriétnicas nas quais passam a ocupar a base da pirâmide social como grupos socialmente excluídos e com pouca condição para a organização e o enfrentamento do tipo de racismo vigente. Um levantamento nos três estados do sul do Brasil foi aos poucos revelando a existência de mais de cem áreas com a presença predominantemente

⁹ Nesse ensaio apresento o conceito de territórios residenciais e interacionais. Ver :LEITE, Ilka Boaventura. Territórios Negros em Área Rural e Urbana - Algumas Questões. *Textos e Debates*. Florianópolis, NUER v.2, 1991.

de populações negras, o que tornou evidente a confirmação das hipóteses sobre o território negro como expressão da cidadania brasileira negada¹⁰.



Projeto Plurietnicidade e intolerâncias: relações interétnicas no Sul do Brasil (1994-1996)

O projeto Plurietnicidade se desenvolveu a partir de duas áreas: I) Intolerâncias étnicas, fronteiras e construção de alteridades; II) Territorialidades negras: direitos e estratégias de reconhecimento. A investigação partia da constatação de uma pertinência ou eixo temporal no processo de ocupação territorial colonial por diferentes grupos étnicos e em processos articulados por estratégias contrastivas, disjuntivas e complementares de construção de fronteiras culturais, étnicas, econômicas e políticas. Ao debruçar-se sobre a dinâmica da construção dos territórios como espaços de criação e projeção de diferenças, os resultados levaram a uma melhor compreensão das posições ocupadas pelas populações negras na estrutura de classes e que estas deveriam ser elucidadas no conjunto dos processos de investigação sobre as relações étnico-raciais e o assunto teria que se dar naquele primeiro momento em conjunto e em perspectiva com os demais grupos humanos locais. Escrevi, como desdobramento dessa fase, alguns artigos sobre refletindo sobre os aspectos mais gerais que incidem sobre a região e o país¹¹

Em paralelo iniciamos o debate sobre o marco legal introduzido pela Constituição Federal, cujo Artigo 68 do ADCT menciona o direito de reconhecimento das terras dos 'remanescentes de quilombos' em todas as regiões do país. Esse assunto ganha importância no âmbito das reivindicações dos movimentos sociais negros, há discussões comuns entre as pesquisas acadêmicas e os processos de organização das comunidades e grupos negros pela regularização de suas terras em diversos estados do Brasil. A partir daí o assunto amplia-se em fóruns de Associações Científicas, de operadores do direito, de partidos políticos, de organizações não governamentais e dos movimentos sociais em geral. Ao acompanhar esse debate, agregamos

¹⁰ O projeto Plurietnicidade e intolerâncias: relações Inter étnicas no sul do Brasil (1994-1996) financiado pela Fundação Ford do Brasil, sob minha coordenação, agregou pesquisadores das seguintes instituições: UFSC, UNISC, UDESC, UFPR, FURB, UFRGS, MARCS< UNIJUI.

¹¹ Ver as publicações em que apresento alguns resultados obtidos nessa fase: LEITE, Ilka Boaventura. Plurietnicidade e intolerâncias no Sul do Brasil. Bulletin Of The International Committee On Urgent Anthropological And Ethnological Research. , v.40, p.197 - 204, 2000

LEITE, Ilka Boaventura; SANTIAGO, Jorge P.; HÉBRARD, Veronique .Le nouveau visage des vieilles intolerances ethniques. ALEPH. , v.10, p.19 - 40, 2002.

novas perguntas e procuramos responder, no âmbito da pesquisa social e antropológica as questões diversas que surgiam em torno do assunto, trazendo para o interior dos estudos e pesquisas as questões que estavam sendo debatidas pela sociedade brasileira em geral¹².

Importante até aqui registrar que a investigação conduzida por mim ou sob minha coordenação, teve dois momentos. Uma primeira fase desenvolveu-se entre 1986-1996 e o seu eixo principal girou em torno do modelo de relações Inter étnicas no sul do Brasil, cujo leque de questões resultou em um conjunto de trabalhos sobre a invisibilidade, territorialidade negra e direitos étnicos. A segunda, desenvolveu-se de 1997 a 2007 e corresponde ao momento em que ganha maior relevância a questão fundiária, dos direitos territoriais das comunidades quilombolas e do quilombo como forma de reconhecimento e ação afirmativa. Nessa segunda fase procurei atuar em duas frentes: na primeira, a discussão sobre os significados do quilombo e seus fundamentos conceituais que embasavam a legislação sobre direitos; na segunda, a aplicação da legislação às situações identificadas na primeira fase (1986-1996) de levantamento dos territórios negros, retomando, contudo esse recorte geográfico e regional para lançar novo plano investigativo nos três estados do sul do Brasil, sobre situações de terras de herança e a formação das comunidades negras. O objetivo central dessa segunda frente foi tomar essas situações como casos paradigmáticos para análise de tradições sucessórias de usos e usufrutos da terra como base de constituição dos processos de territorialização étnico-racial e construir as bases para a fundamentação antropológica dos direitos territoriais.

Levando em conta o caminho de análise que foi trilhado nesse período, investi fortemente na primeira frente, a conceitual. Era necessário evidenciar os diversos significados e dimensões do quilombo que antecipavam e transcendiam os marcos legais introduzidos, defendidos no período anterior por lideranças negras e parlamentares progressistas durante a Assembleia Nacional Constituinte, pelos indivíduos, organizações e movimentos diversos e que estabeleceram, a base legal contida no texto inscrito na Constituição Federal de 1988; esse texto constitucional defende a necessidade do Estado Brasileiro garantir os “direitos territoriais aos remanescentes das comunidades de quilombos”. Participamos ativamente, durante mais de dez anos da intensa discussão sobre os marcos conceituais, cronológicos e histórico-antropológicos que levaram à regulamentação do Artigo 68 do ADCT, através do Decreto 4887/2003. Fui convidada a participar de reuniões com a equipe ministerial encarregada de redigir os textos que foram assinados pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Algumas conclusões que cheguei ao longo dessa longa etapa, apresento nesse Memorial através meus próprios textos e argumentos. Nessa etapa, foi importante considerar que o Quilombo tornou-se, no Brasil do século XX, não somente nome de Jornal, como foi no início do século mas, *o tropo* que instaura o giro semântico, que agrega novos significados e as noções de mudanças sociais e políticas engendradas nos diversos processos sociais e políticos do processo

¹² Nessa fase criamos a série boletim Informativo do NUER, sendo que o primeiro número, organizado pelo jurista Dimas Salustiano da Silva registrou a primeira etapa de debate sobre a regulamentação do Artigo 68 da Constituição Federal e o seguinte chegou até o Decreto 4887/2004 que regulamenta as etapas da titulação dos territórios quilombolas.

de redemocratização brasileiro. O quilombo torna-se uma espécie de condensação de projetos emancipatórios que em diferentes momentos históricos reaparecem, ele surge como emblema maior das lutas dos afrodescendentes brasileiros. Estas reivindicações, em geral, nem sempre se expressaram pela literalidade da própria palavra “quilombo”, embora o termo, como é introduzido durante o período colonial escravista, tenha permanecido até o presente, agregado a inequívocos sentidos de revolta, rebelião, luta pela liberdade e pelos direitos dos afrodescendentes brasileiros (Munanga, 1996). É, sobretudo, mais recentemente que se nota uma maior ampliação e disseminação do termo, para denominar inclusive os sujeitos e atores políticos diversos ou por vezes os próprios militantes dos movimentos sociais negros. Por outro lado, a palavra quilombo, em certas ocasiões pontuais, aciona os horizontes emancipatórios do passado correlacionando-os a visões de futuro, a novos projetos de mudança social e política, como o quilombismo¹³, movimento político proposto por Abdias do Nascimento nos anos de 1980, ou mesmo antes disso, nos anos setenta, a missa dos quilombos, introduzida pela pastoral católica, posteriormente transformada em peça teatral, poesia e *performance* pública, nos anos noventa; ou o quilombo identitário, de Beatriz Nascimento em seu relato no filme Ori, de Raquel Gerber; ou os reclames introduzidos por alguns setores do Movimento Negro Unificado de que “somos todos quilombolas”, numa alusão direta à discriminação racial. No bojo das mobilizações nos anos de 1980 na Assembleia Nacional Constituinte, o quilombo retorna como reconhecimento da cidadania e territorialidade negada aos descendentes dos africanos, e através dos dispositivos enunciados na Carta Constitucional as então chamadas comunidades remanescentes dos quilombos ou remanescentes das comunidades quilombolas passaram a ser relacionadas aos direitos territoriais, introduzindo as noções de comunidades quilombolas e os sujeitos políticos denominados “quilombolas”, fortalecendo e conferindo ao termo quilombo cada vez mais abrangência e atribuição identitária, emancipatória e filosófica, o que me levou a considerar, em outra análise a metáfora do quilombo trans-histórico¹⁴ principalmente pela evidente manutenção dos significados vinculados a todos estes ideários e experiências e libertárias. Só para comentar alguns dos trabalhos que produzi, publiquei ensaios buscando desenvolver esses aspectos conceituais¹⁵ e a ressemantização que incide sobre os novos significados nas questões que envolvem o meio rural e as lutas atuais¹⁶.

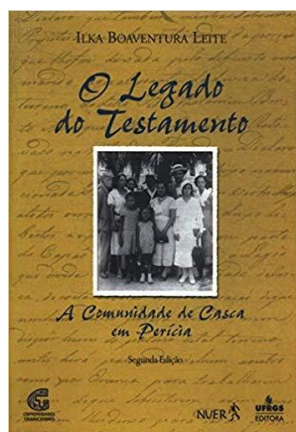
¹³ Ver a manifesto resumido por Abdias do Nascimento IN: Nascimento E.Larkin, 2009.

¹⁴ Particpei em 2006 em um projeto internacional sobre o conceito de resistência em que produzi o capítulo para o livro resultante do mesmo. LEITE, Ilka Boaventura. The transhistorical, juridical-formal, and post-utopian quilombo In: GLEDHILL, J.; *New approaches to resistance in Brazil and Mexico*. Durham: Duke University Press, 2012, p. 250-268.

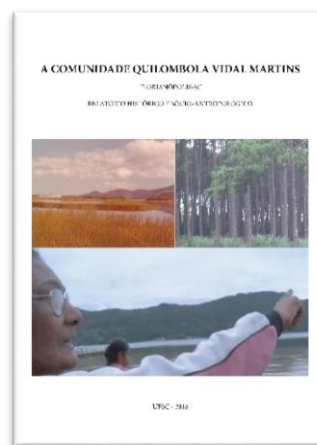
¹⁵ Ver, por exemplo, LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. *Etnográfica* (Lisboa). v.4, p.333 - 354, 2001. Esse trabalho foi republicado em outros veículos e tem sido fonte e referência nos debates sobre o conceito de quilombo.

¹⁶ LEITE, Ilka Boaventura The Brazilian quilombo: ‘race’, community and land in space and time. *Journal of Peasant Studies*, v.20, p.1 - 16, 2015.

Na outra ponta do projeto, segui com o trabalho de investigação das situações pontuais, identificadas anteriormente, através de pesquisas etnográficas, para embasar as demandas por reconhecimento de direitos territoriais, levados por diversas lideranças negras às instancias administrativas e jurídicas brasileiras. Contando com uma equipe de pesquisadores do NUER desenvolvi o projeto “O acesso à terra e a cidadania negra: expropriação e violência nos limites dos direitos” Etapa I (1998-2003) Etapa II (2002-2006), com apoio do CNPq. Nessa fase realizei pesquisa de campo na Comunidade de Casca/RS e concluí o relatório que embasou o processo de reconhecimento territorial desta comunidade quilombola. Coordenei em seguida o Acordo de Cooperação Técnica entre a UFSC e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária- INCRA (2005-2006) para a realização de três relatórios sócio antropológicos para fundamentar processos de regularização fundiária no Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Sobre esse segundo ponto também publiquei alguns artigos, organizei publicações e o livro com a perícia realizada em Casca/RS¹⁷.



Perícia Antropológica na Comunidade de Casca/RS 2002 e 2005



Relatório Vidal Martins 2015-2018

Após esta etapa, escrevi um artigo analisando os efeitos da Constituição Brasileira de 1988 e o reconhecimento territorial dos quilombos contemporâneos, assinalando aí, os seus avanços e os desafios futuros¹⁸.

Destacaria mais recentemente minha participação na equipe da UFSC para a elaboração do relatório de regularização fundiária da Comunidade Vidal Martins, a primeira comunidade quilombola reconhecida oficialmente na Ilha de Santa Catarina. Integrar a equipe do relatório interligou esta experiência com as tantas outras que tive oportunidade de vivenciar no NUER e

¹⁷ O Resultado da perícia foi publicado em livro: LEITE, Ilka Boaventura. *O Legado do Testamento: A Comunidade de Casca em Perícia*. Florianópolis: NUER/UFSC, 2002, v.01. p.436. Nova edição em 2004 pela Editora da UFRGS com apoio da Fundação Cultural Palmares.

¹⁸ Ver no livro organizado por Ruben Oliven e Marcelo Ridenti faço um balanço da situação dos territórios quilombolas nos 20 anos de existência da Constituição. “Ver: Os Quilombos e a Constituição Brasileira”. IN: Oliven, R. O e Ridenti (orgs.) *A Constituição de 1988 na vida Brasileira*. São Paulo: Aderaldo e Rothschild: Anpocs, 2008. Pp.276-295.

que foram relevantes nos processos administrativos previstos para a efetivação dos direitos territoriais das comunidades quilombolas na região Sul.

Como parte da discussão sobre o território negro e a questão quilombola, orientei alguns trabalhos de dissertação e tese, tais como a de Osvaldo Martins de Oliveira. “O Projeto Político do território negro de Retiro e suas lutas pela titulação das terras” (2005); Luís Cardoso e Cardoso “A Constituição Local: direito e território quilombola na Comunidade de Bairro Alto, Ilha de Marajó, Pará (2008); Raquel Mombelli. “Visagens e profecias: ecos da territorialidade quilombola. “(2009); Marcos Farias de Almeida. “Desantropomorfização no movimento de famílias rurais negras em Mimoso do Sul/ES. (2014); E também dois trabalhos sobre movimentos sociais negros, sendo uma dissertação, de Igor Thiago Silva de Souza. “Construindo o movimento: um estudo sobre o processo de mobilização do Moquibom e Aconeruq no Maranhão” (2016) e a tese de Maurício Pardo Rojas” Movimento social negro da região do litoral pacífico na Colômbia”. (2016). Acompanhar o desenvolvimento desses trabalhos possibilitou-me conhecer outras realidades, estabelecer novos parâmetros comparativos e aprofundar diálogos, ampliando o campo de interlocução com pesquisadores de diferentes regiões do Brasil e a Colômbia.

Perícia Antropológica: paradigmas e aspectos éticos

A perícia antropológica passou ao centro do debate na antropologia brasileira nas duas últimas décadas e se tornou crescente a produção dos chamados laudos periciais antropológicos que remetem a investigações aprofundadas sobre situações específicas envolvendo principalmente direitos territoriais, questões de impactos ambientais, patrimônio cultural, entre outros. Em 1991 aconteceu na Universidade de São Paulo o primeiro seminário sobre o assunto, promovido pela Associação Brasileira de Antropologia. Seguindo legislações específicas para cada caso, os chamados laudos ou pareceres, realizados por especialistas, visam orientar e instruir procedimentos administrativos e jurídicos sobre tomadas de decisões que envolvem as populações indígenas, quilombolas, ribeirinhos, entre outras.

Em 2000, com apoio também da ABA realizamos em Florianópolis uma oficina de trabalho para debater a situação do trabalho pericial e o Acordo firmado entre esta Associação e o Ministério Público Federal. Desse encontro saiu um documento cujo objetivo era o de estabelecer os parâmetros norteadores do trabalho antropológico e sobre a relações desses profissionais com as instituições várias que o envolvia. O documento ficou conhecido como Carta de Ponta das Canas¹⁹.

¹⁹ A Carta de Ponta das Canas foi publicada em 2001 nos Cadernos Textos e Debates do NUER e foi posteriormente divulgada no site da Associação Brasileira de antropologia, tendo sido considerado uma referência para os trabalhos que se seguiram

Desde 1998 passei a acompanhar de perto comunidades quilombolas no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul que estavam reivindicando ao Estado o seu reconhecimento e a titulação de suas terras. Ao aprofundar as pesquisas sobre terras de heranças deixadas a ex-escravizados a equipe do NUER, sob minha coordenação passou a desenvolver pesquisas tendo em vista a elaboração de possíveis relatórios e pareceres. Em 2003 Coordenei um Acordo de Cooperação Técnica entre a UFSC e o INCRA para a elaboração de três relatórios sócio-antropológicos.



Coordenação do Projeto Quilombos no Sul do Brasil UFSC-INCRA 2003-2006

Nosso envolvimento, portanto, no debate sobre os laudos periciais nos levaram a uma reflexão mais aprofundada não somente sobre essa modalidade de pesquisa antropológica mas sobretudo os debates envolvendo a interlocução com o campo jurídico e os aspectos éticos envolvidos.

Foi nesse contexto, entre a pesquisa e a docência, entre a reflexão sobre os métodos de pesquisa e as condutas a serem adotadas que passei a refletir sobre ética e a escrever alguns textos inspirados nas situações vividas durante os trabalhos e como parte do diálogo com os estudantes e entre pares. A ética que buscamos como desdobramento das concepções morais, como demonstrou Claude Levi-Strauss (1988) é matéria do sensível, algo que não se adquire propriamente nos bancos e matérias escolares, e por vezes, só conseguimos identifica-la plenamente através de um ‘olhar distanciado’, relativizando os próprios caminhos trilhados, as escolhas, os objetivos e os seus vários resultados.

Além de coordenar a oficina sobre Laudos Antropológicos, organizei uma coletânea que reuniu trabalhos de diversos especialistas sobre o assunto e onde eu escrevi a introdução e o ensaio “Debatendo a Carta de Ponta das Canas” (Leite, 2005a: 45-52). Na mesma época publiquei o capítulo “Questões éticas da pesquisa antropológica na interlocução com o campo jurídico” em um livro sobre Antropologia e Ética organizado por Ruben Oliven e Ceres Victora, professores da UFRGS. (Leite, 2004: 65-72). Em 2008 abordei aspectos do conflito e da criminalização dos quilombos em uma coletânea sobre Direitos Humanos organizada por Theóphilos Rifiotis e Tiago Hyra (Leite, 2008: 89-114).

A Ética está presente hoje em todos os planos do meu trabalho antropológico e ganhou mais relevância quando atuei como representante do Centro de Filosofia e Ciências humanas no

Conselho de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina (2004-2006). As reflexões sobre Ética passaram a fazer parte do meu trabalho de pesquisa e ensino.

Diálogos Brasil África: artes, diásporas, poéticas e políticas

Venho descrevendo meu interesse pela África desde as primeiras páginas desse Memorial. Foi a partir de 1997, quando realizava um estágio pós-doutoral na Universidade de Chicago que me aproximei dos estudos africanos e sobre a África. Talvez tenha sido por ter vivido em Hyde Park, um dos bairros negros mais populosos dos Estados Unidos, o berço do jazz e de muitos movimentos artísticos importantes, o fato é que ali já me senti um pouco na África. Em 2007 retomei esse interesse e iniciei uma investigação sobre arte e diásporas africanas, em Portugal e Moçambique, tendo realizado pesquisa de campo nos dois países. Em 2009, costurando diversas parcerias acadêmicas e artísticas, retornei a Moçambique em outro projeto sobre cinema. Em 2012 novas oportunidades surgiram para continuar a pesquisa em Angola, onde já retornei em 2013, 2015 e 2017. Esses deslocamentos atlânticos propiciaram novos ares, novas motivações, novos interesses, novos contatos profissionais, novas literaturas e novos campos investigativos que por sua vez abriram caminhos para orientar projetos sobre esse campo de estudos.

Meu interesse de longa data pela arte e a estética africana se aprofundou em 1997, o ano que passei em Chicago, cujo projeto principal era abordar questões relacionadas à territórios negros e direitos étnicos. A ida para Chicago me permitiu uma aproximação com a professora Manuela Carneiro da Cunha, me aproximar de suas pesquisas sobre direitos étnicos e discussões sobre diásporas africanas. Vivendo todo o ano de 1997 em Hyde Park, um bairro negro no sul da cidade eu me deparei com uma profusão de manifestações artísticas, sobretudo murais, que tematizavam a diáspora africana naquele país. Durante todo o ano em que passei em Chicago eu documentei trabalhos de vários tipos, entrevistei artistas e participei de coletivos, como o Chicago Public Art Group, que realizava uma proposta de Arte Pública e um tipo de ativismo através da arte mural na cidade.

Tendo retornado em seguida ao Brasil esse projeto ficou em segundo plano, com a retomada da atividades acadêmicas e forte envolvimento nos intensos debates sobre os quilombos e a regulamentação do decreto constitucional, que aconteceu em 2003²⁰. O envolvimento com os direitos territoriais me ocupou durante os quase dez anos seguintes. Em 2006 eu comecei a retomar a pesquisa feita em Chicago e a elaborar um novo projeto, voltado para a arte africana nas diásporas agora com interesse em realizar uma pesquisa no continente africano. Esta nova etapa, iniciada em 2006/7 através de estágio pós-doutoral na Universidade Nova de Lisboa não deixava totalmente de lado a abordagem sobre identidade e territorialidade negra, mas procurava agregar certas questões sobre artes visuais e sua íntima correlação com a identidade cultural de grupos humanos e suas representações (Didi-Huberman, 1998). De fato eu retomei a discussão sobre o papel da arte - mais especificamente das artes visuais contemporâneas - e um novo projeto de pesquisa foi construído, cujo enfoque central recaía sobre o estudo das obras

²⁰ O Decreto 4887/2003 que regulamenta o Artigo 68 da constituição Federal.

e dos discursos dos artistas sobre “arte africana” numa perspectiva comparada em três países: Brasil, Portugal e Moçambique.

Desde a pesquisa de campo realizada em Chicago, em 1997, quando entrevistei o artista plástico afro-americano Marcus Akinlana, venho observando nos movimentos artísticos e suas formas de dialogar com as imagens e visões de África, a variedade de imagens e retóricas com que artistas visuais apresentam em suas obras e por vezes para contestar significados então cristalizados, introduzindo novas propostas estéticas, ou mesmo reforçando os velhos estereótipos. Percebo que referências auto-identitárias são aí postas em relação, podendo ativar novos e diversos significados, por vezes interligados, transmutando os próprios sentidos de “aqui” e “lá” dos africanos e seus descendentes em diversas partes do mundo. Exílios traumáticos e histórias desfeitas pela escravidão em convergência com interesses que se expressam na consciência individual descentralizada e multifocada, noção referenciada como “dupla consciência” em W.E.B. Du Bois; processos coletivos, através de mobilizações políticas que integram e atravessam as fronteiras das nações-estados, metaforizada no “Atlântico Negro” de Paul Gilroy; processos de libertação colonial – inserem novas imagens e interpretações a estes processos identitários, consolidando o que vem sendo identificado como o contexto das múltiplas identidades (Hall, 1996: 70). A idéia de “diáspora”, mais comumente associada exclusivamente a deslocamento forçado, vitimização, alienação e perdas, passa então a ser incorporada nos discursos nativos ativando imagens e narrativas que identificam as produções visuais a partir de sua relação com a África, (ou mesmo de sua negação) (Moore, 2008). Almejam concebê-la desde suas diferenças em relação às demais, portanto, introduzindo novas noções de fronteiras. O termo diáspora negra, em foco nas discussões sobre pós-colonialismo, interligam as narrativas e as novas experiências dos africanos e seus descendentes em diversas partes do mundo, seja para onde foram levados no passado como escravos ou ainda, na atualidade, decorrentes da descolonização; ou ainda, pelos imperativos da migração em busca de trabalho, refúgio, repatriação ou viagem. São estes os lugares e entre - lugares revelados na arte nos vários contextos que passei a investigar. As relações da cultura com o lugar (“*ecologies of belonging*”) integram muitas das análises e comparações de experiências negras em várias partes do mundo (Gilroy, 2001). O caso português, comparado ao brasileiro e ao moçambicano permitiu um profícuo diálogo principalmente com as abordagens e modelos teóricos que têm enfatizado desde os anos de 1950 (principalmente no Brasil) - a miscigenação. Na primeira etapa, em 2007, propus como plano de trabalho abrir certas janelas e considerar os diversos “olhares”, ao iniciar uma investigação sobre Arte, buscando acentuar ou enfatizar em minhas análises o seu caráter risomórfico, de discurso pronunciadamente periférico, marcador de espaços, discursos e imagens, expressão de novos processos identitários. A escolha de Portugal para iniciar a pesquisa foi interessante e passei a levar em conta seu papel central no âmbito dos países de língua portuguesa (Almeida: 2002) e também quanto às produções discursivas que conformam as identidades étnicas e nacionais com o Brasil realçadas através de inúmeras pesquisas recentes (Leal: 2000). Para autores como Marcus & Myers (1995: 34/35) na vida cultural contemporânea, a Arte é um dos lugares de produção cultural que transformam a diferença dentro do discurso, para fazê-la compreensível para a ação e o pensamento. Assim, os/as artistas podem ser visto/as como uma espécie de mediadores/as entre diferentes discursos epistemológicos, linguagens

estéticas e códigos visuais que são capazes de revelar uma parte significativa dos sujeitos contemporâneos e de seus mundos. A pesquisa ao longo dos anos foi incorporando os debates situados no marco do que se convencionou chamar teoria pós-colonial e o de-colonial ao repensar lugares de saber, poder e representação presentes nas relações entre nações e culturas posicionadas desde o processo de articulação complexa no capitalismo contemporâneo. Destaco aqui as discussões já realizadas sobre a condição pós-colonial, mais particularmente os trabalhos de Young (2002), Journet (2002), Mirzoeff (2004) e Cohen (2003). Apoiando-me nessas e outras literaturas mais recentes, tenho procurado identificar e discutir as produções artísticas que foram ou que são hoje associadas à África ou como de origem africana – tendo como pano de fundo esses países já mencionados, Brasil, Portugal Moçambique, Angola, procurando incluir também um debate mais amplo sobre América Latina. Publiquei um artigo sistematizando os debates dessa fase (Leite, 2008)²¹. Na segunda etapa do projeto, apoiado também pelo CNPq, entre 2013-2018 para compor o livro que estou finalizando fiz ainda pesquisas de campo em Buenos Aires e Cartagena de Las Indias, na Colômbia. Publiquei um ensaio em 2016 incorporando as pesquisas realizadas em Angola. (Leite, 2016)²². Esse livro está sendo o centro de minha atenção no momento e penso em concluí-lo sem pressa, já que, ao contrário do que pensava, não devo mais apresentá-lo como tese de titular, como havia planejado anteriormente.

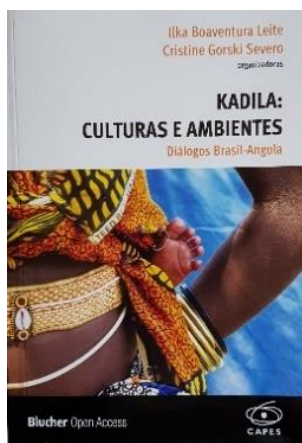
Retomando meus interesses por África, assim que retornei do período de pós-doutorado em Moçambique em 2008, iniciei, em parceria com Lisabete Coradini, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, o projeto “ Dinâmicas das novas famílias: ampliando o debate e o conhecimento sobre a dimensão sócio-cultural do HIV/AIDS no Brasil e Moçambique (2009-2010)” através do Edital Pró-África do CNPq. Este novo projeto permitiu-me intensificar ainda mais os diálogos com o continente africano ao reunir antropólogos, cineastas e especialistas do Brasil e de Moçambique para debater sobre HIV/AIDS, família e ritos funerários através de um conjunto de documentários fílmicos produzidos por cineastas moçambicanos e brasileiros. Irei abordar melhor esse projeto na parte sobre o NUER e as atividades de Extensão, uma vez que as atividades do projeto se adequam mais a essa área.

Foi também a partir do pós-doutorado em Lisboa que pude me aproximar de Angola, da Universidade Agostinho Neto e o Centro de Estudos do Deserto. Os diálogos e parcerias com este país se iniciaram em 2010 ao abrigo do Protocolo de Cooperação assinado em maio de 2009 entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Agostinho Neto. Mas antes já tinha feito aproximações através da orientação da tese de Frank Nilton Marcon “Diálogos Transatlânticos: identidade e nação entre Brasil e Angola”, defendida em 2003; e a pesquisa para a tese de doutorado de Margarida Paredes, iniciada em 2009 sobre as “Mulheres na Guerra de Libertação Colonial de Angola”. Margarida foi o elo entre nós e o professor Samuel Rodrigues Aço.

²¹ LEITE, Ilka Boaventura. Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora. *Tomo* (UFS). v.10, p.59 - 75, 2008.

²² LEITE, Ilka Boaventura. O sertão e o Deserto: diásporas, transumâncias e as deambulações cosmoagônicas de Ruy Duarte de Carvalho In: *Kadila: Culturas e ambientes -diálogos Brasil-Angola*.1, 2016, p. 277-298.

O Projeto “Kadila: culturas e ambientes – diálogos Brasil Angola” sob minha coordenação, foi elaborado e proposto por um grupo de pesquisadores do NUER, a partir de uma aproximação com o diretor do Centro de Estudos do Deserto/CE.DO o professor Samuel Rodrigues Aço, que era também professor da UAN. Tendo recebido o apoio do Programa de Mobilidade Internacional da CAPES/AULP, do Ministério da Cultura do Brasil (processo 0016/13). O projeto teve início em 2013 e foi uma feliz oportunidade de ampliar o raio de investigação, deslocando o olhar do oceano Índico para o Atlântico. O Plano de Atividade previu: o desenvolvimento de pesquisas sobre a mobilidade humana e a valorização de práticas e saberes sobre a itinerância como forma de existência na região Sudoeste de Angola onde está sediado o Ce.DO; o intercâmbio, formação docente e discente, pesquisa e, sobretudo, compartilhamento de interesses e curiosidades mútuas. Kadila, nome escolhido para o projeto, é uma palavra do quicongo que quer dizer, *ser ou coisa que traz boa sorte, felicidade, amuleto*. O Projeto teve a participação de docentes e discentes de diversas áreas: antropologia, história, geografia, linguística, literatura e psicologia atuando a partir de duas áreas interligada: 1-Língua, discurso, poder e identidades 2- Ambiente, paisagem, transformações e impactos.



Além dos artigos e do livro, que organizei com Cristine Gorski Severo, orientei a dissertação de Milena Argenta “Marcas da Etnicidade – Indumentária e pertença étnica no Curoca”, Sudoeste de Angola com Samuel R. Aço, trabalho que recebeu prêmio Pierre Verger de ensaio fotográfico da Associação Brasileira de Antropologia em 2012.

Coletânea organizada sobre os diálogos Brasil-Angola

Kadila: Produções Científicas Conjuntas		
Título do Trabalho	Periódico	Autor (es)
A kilomba e o kilambo: diálogos Brasil-Africa	Subtrópicos, n.8, Florianópolis: UFSC, PP.:2-	Ilka Boaventura Leite, Marcos Montysuma e Cristine Gorski Severo (UFSC)
As línguas atuais de Angola	Cadernos Textos e Debates do NUER Edição Especial	Cristine Gorski Severo e Daniel Sassuco (UAN)
Políticas Linguísticas em Angola	Subtrópicos n. 9 Florianópolis, UFSC, 2015	Cristine Gorki Severo (UFSC) e Daniel Sassuco (UAN)
Hot Site do projeto kadila	Publicação eletrônica www.kadila.net.br lançamento feito no dia 17/03/2015	Ilka Boaventura Leite, Cristine Gorski Severo, Juliana Okawati, Teresa Aço (UAN) Abel Pedro (UAN), Simoni Mendes e Nilo José (UFSC), e outros
Exposição kadila: Culturas e ambientes	Projeto Expográfico que apresenta as áreas do projeto e conteúdos e	Toda a equipe do projeto participou e contribuiu com textos e imagens. A

- Galeria do NUER CFH UFSC	imagens das pesquisas. Notícia site www.nuer.br	exposição encontra-se até o presente momento na Galeria do NUER. CFH/UFSC
Livro Kadila Culturas e Ambientes – Diálogos Brasil - Angola	Coletânea de artigos (ver sumário detalhado neste relatório). http://kadila.net.br/biblioteca-nuer/ ou https://www.blucher.com.br/livro/detalhes/kadila-culturas-e-ambientes-1235	Participação de todos os pesquisadores docentes e discentes do projeto e dos dois países, outros colaboradores convidados (ver e-book)
Total de artigos publicados: 3 artigos, 1 livro e 1 exposição		

Quadro III: Kadila: Produções Científicas (2013-2018)

Como desdobramento do Projeto kadila estou orientando a tese de Yérsia Sousa de Assis “*História e Cultura africana e afro-brasileira nos currículos universitários: entrecruzamentos educacionais Brasil-Angola*”. A tese de Yérsia, a ser concluída em 2020 insere se no plano de continuidade de nossas pesquisas e intercambio com a Universidade Agostinho Neto.

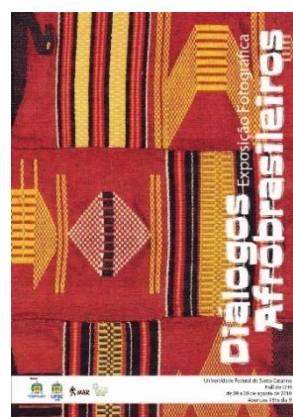
Educação afro-brasileira e pensamento social

A Educação esteve entre as pautas mais relevantes na luta histórica da população negra por cidadania plena no Brasil. A Frente Negra Brasileira, fundada em 1930, foi uma das organizações pioneiras e teve como uma de suas principais metas a alfabetização e a inclusão da população negra no mercado de trabalho através da formação profissional. Este é um dos assuntos mais relevantes no momento e nos desafia a pensar sobre a presença da população negra na universidade, a refletir sobre essa luta por acesso à educação e as políticas de Ação Afirmativa a partir de reservas de vagas e cotas para somente assim garantir o acesso dos negros e negras na universidade.

Quando comecei a lecionar na UFSC um dos aspectos que mais me chamou a atenção foi a ausência de estudantes negros e negras nas salas de aula. O ambiente higienizado pelo racismo e pelas políticas com base na meritocracia levava os próprios estudantes a não perceberem e nem conseguirem analisar as questões sociais de forma abrangente, crítica e sintonizada com a realidade social do país.

O maior desafio foi conseguir criar cursos que fossem capazes de introduzir de forma didática o assunto e que conseguisse motivar os estudantes a se interessar e a perceber a relevância desse aspecto em sua formação humanística. Era crucial desenvolver pesquisa sobre assuntos locais, capazes de despertar sensibilidades e novos interesses e investigações. Era também crucial pesquisar novas fontes bibliográficas, novas pedagogias educacionais e novos métodos aplicados aos temas afro-brasileiros.

Em 2010, para comemorar que vinte e quatro anos depois, este conteúdo curricular finalmente se integrou ao rol de disciplinas obrigatórias do curso, propus aos alunos e alunas uma pesquisa que refletisse as possibilidades diversas de pesquisas sobre o assunto. O trabalho transcorreu durante o semestre e cada estudante enfrentou o desafio de escolher um autor consagrado e após a leitura, trazer um tema de investigação para através dele elaborar um ensaio fotográfico que refletisse o assunto apresentado. O resultado foi surpreendente. Cada foto aliada ao texto, resultou em um mosaico variado de assuntos, revelando instigantes temas e questões a serem investigadas, trazendo novas reflexões, sugerindo infinitas possibilidades de leituras, inspirando novas pesquisas. Com estas fotos e textos, organizamos uma exposição que inaugurou a Galeria do NUER.



Diálogos Afro-Brasileiros: pesquisa e exposição da turma de 2010

Se os estudos focados na África e na cultura afro-brasileira chegam hoje, somente hoje, século XXI, aos conteúdos curriculares brasileiros, por força de uma lei, isto precisa ser tematizado enquanto tal. Há também a necessidade de fazermos um levantamento e tentar compreender sobre os rumos da produção massiva de material didático desde a implantação da Lei e sua consistência e relevância como suporte transformador na educação do país. Ou ainda, se a Lei chegou a ser implantada como isso aconteceu? Enquanto uma Lei que impõe conteúdos e atenção, ela seria suficiente para alcançar os objetivos aos quais se propõe? O que ela produziu e está produzindo, quais os seus impactos na formação básica até a formação universitária? Esses e outros assuntos estão sendo abordados em algumas pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores do NUER e também uma pesquisa realizada pelos estudantes durante os cursos nas escolas municipais de Florianópolis desde o ano de 2012 m com resultados em fase de análise.

A extensão e amplitude dos estudos relacionados ao assunto também requer nos últimos anos um olhar mais amplo para atravessar as fronteiras disciplinares e estabelecer amplas correlações temáticas e cruzamentos nos diversos campos de conhecimento nas áreas humanas: história, geografia, filosofia, psicologia antropologia, linguística, literatura, sociologia e política. E também os campos de religião, estudos de moral e ética, cosmologias, mitos e rituais, saúde, doença e morte, trabalho, tecnologias e artes, alimentação, línguas, literaturas, artes e estéticas. Abrem-se, em diversas transversalidades, os espaços de investigação, tematização e debate. Mais do isto: instauram-se especialidades, como a das músicas, musicalidades e etnomusicologias. Se

o assunto é direitos humanos, seguimos na direção dos estudos sobre racismo, intolerâncias e violências simbólicas, sociais e políticas. E aí por diante.

Formar uma biblioteca especializada no assunto vem sendo uma das nossas bases de pesquisa e passei a desenvolver o Projeto “Biblioteca Afro-Brasileira”, vinculado ao NUER, que reúne fontes bibliográficas temáticas, os acervos das pesquisas já concluídas, folders, banners, recortes de jornais, revistas, vídeos, cartazes e panfletos especializados no assunto. Reunimos até a atualidade um acervo que representa hoje mais de 5 mil recortes de jornais, 2.000 artigos fotocopiados e um banco bibliográfico de mais de 2.000 livros catalogados por palavras-chaves. Esse acervo tem sido fonte de pesquisas para TCCS, dissertações e teses e exige muita atenção, já que tem sido consultado por pesquisadores não somente da UFSC mas de outras instituições e lugares.

Nos últimos anos a pesquisa e o estímulo a elaboração de artigos vem se tornando uma prática frequente vinculada aos cursos. Há um interesse cada vez maior em desenvolver pesquisas nessa área e criamos uma seleção anual dos melhores artigos para serem publicados nos Cadernos Textos e Debates do NUER. Os dois últimos números trazem resultados de pesquisas dos estudantes da graduação. (www.nuer.ufsc.br/periódicos).

Por último, é importante mencionar o livro sobre “Pensamento Social: depoimentos e entrevistas” que está sendo produzido, também com a ajuda de estudantes, desde 2010 contendo depoimentos e entrevistas de pesquisadores que falam sobre seus mestres, a maioria já falecidos. Foram tomados entre depoimentos e entrevistas com 18 pessoas. O material procura revelar o ambiente intelectual de formação do campo de pesquisa e estudos afro-brasileiros e os processos de construção e transmissão de saberes entre professores e seus alunos.

Projetos concluídos em estágios pós-doutorais

Como docente efetiva da UFSC continuei meu processo de formação, tendo solicitado licença para pós-doutorado por três períodos intercalados por exatos dez anos entre cada um deles. O primeiro em 1997, na Universidade de Chicago, sob a supervisão de Manuela Carneiro da Cunha, onde desenvolvi o projeto *‘Black Territories in South of Brazil’* (Bolsa de Pós-doutorado CNPq). O segundo, em 2007, na Universidade Nova de Lisboa, sob a supervisão de João Leal, onde desenvolvi o projeto *“Olhares de África: lugares e entre-lugares da Arte na Diáspora”* (Bolsa de Pós-Doutorado CAPES). O terceiro, em 2016, na Universidade de Buenos Aires, sob a supervisão de Adriana Rodrigues Pérsico, com o projeto *“Diásporas africanas, poéticas e políticas”*.

A primeira etapa em que estive vinculada à Universidade de Chicago, a convite de Manuela Carneiro da Cunha tive uma rara oportunidade de estabelecer profícuos diálogos sobre identidade étnica, territórios direitos étnicos. Durante este período frequentei os seminários coordenados por George Stocking, Marshall Sahlins, Jean Comaroff, Braquette Williams e Arjun Appadurai. Na Chicago State University realizei um seminário a convite da professora Lucia

Villares. Na University of Illinois at Chicago realizei palestra a convite do professor Waud Kracke.

Durante a estadia na Universidade Nova de Lisboa acompanhei a organização do CRIA, Rede de Antropologia Social de Portugal e estive também como pesquisadora associada no Centro de Estudos de Antropologia Social- CEAS do ISCTE, onde participei de diversos seminários, ministrei palestras e realizei o curso “Patrimônio e Consumos Culturais” com Nestor Garcia Canclini. Participei, neste mesmo período, do Projeto “Rethinking Histories of Resistance in Brazil and Mexico”, coordenado pelo antropólogo inglês John Gledhill, da Universidade de Manchester. Este projeto realizou três encontros: em Salvador/Ba, na cidade do México e em Manchester/UK. Durante esses encontros escrevi um capítulo do livro publicado com o mesmo nome. Acompanhei também a instalação do projeto Artáfrica, coordenado pelos professores José Fernandes Dias e Manuela Ribeiro Sanches, da Universidade de Lisboa. Realizei pesquisa de campo em Moçambique e em Maputo estabeleci contatos com o professor José Teixeira da Universidade Eduardo Mondlane, Julieta Massimbe, diretora do Museu Nacional de Artes, Jorge Dias, diretor da Escola Nacional de Artes Visuais, com artistas do grupo MUVART e do Núcleo de Arte. Acompanhei o trabalho do artista Malangatana Valente Ngwenya, tendo visitado o Centro Cultural de Matalana, fundado por ele.

O estágio de Pós-doutorado na Universidade de Buenos Aires buscou dar continuidade aos diálogos iniciados em 2009, quando passei a integrar um grupo de estudos binacional com vistas à elaboração de um programa de estudos sobre Teoria Comparada das Artes, liderado no Brasil por Raul Antelo, do departamento de Literatura da UFSC e na Argentina por Adriana Rodriguez Pérsico, professora titular de Literatura Comparada da Universidade de Buenos Aires – UBA, em Buenos Aires. Neste mesmo ano participei naquela cidade do seminário binacional de Teoria Comparada de las Artes, organizado no âmbito deste grupo de pesquisadores e como integrante da equipe da UFSC. Neste Seminário, realizado na Universidad Nacional de Tres de Febrero, UNTREF, entrei em contato pela primeira vez com a profa. Diana Wechsler, investigadora do CONICET, diretora do Programa de doutorado em Teoria Comparada das Artes e autora de numerosos livros e artigos especializados nesta área. Meu Plano de Trabalho foi apresentado às duas professoras, da UBA e a UNTREF e tendo sido aceito, foi desenvolvido no período entre setembro de 2014 a setembro de 2015. Além destes contatos, aprofundei também minhas relações com o Departamento de Antropologia da Universidade de Buenos Aires, o Grupo de Estudos Afro-Latinos- GEALA, do Instituto Ravinatti, com a profa. Marisa Pinot, do Museu Etnográfico e o prof. Boubacar Traore, do Instituto de Culturas Afro Ile Osun Doyo. A convite de Mabel Grimberg, diretora do Instituto de Ciencias Antropológicas da Universidade de Buenos Aires, UBA, realizei uma conferência, e também a convite de Dina Picotti da Universidade Nacional Sarmiento participei do I Encontro de Africanismo y Linguística del Sur.

Participação em eventos científicos

A seguir apresento um quadro das principais conferências palestras realizadas no Brasil e Exterior

CONFERÊNCIAS E PALESTRAS DE DESTAQUE			
ANO	NOME	EVENTO	LOCAL
1987	Conferencista no(a) Encontro Latino Americano de Psicologia	II Encontro Latino Americano de Psicologia Marxista e psicanálise	CUBA
1997	Black Territories: Identity, Ethnicity and Politics in Southern Brazil	The workshop on the Anthropology of Latin America	EUA
2004	As comunidades Quilombolas hoje	Quilombo, a construção de um novo direito -Advocacia Geral da União	BRASIL
2007	Etnografia e perícia antropológica: desafios e dilemas contemporâneos	Aula Inaugural Ernesto Veiga de Oliveira no ISCTE	PORTUGAL
2007	Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora.	Conferência no Museu Nacional de Arte - Maputo Moçambique	MOÇAMBIQUE
2008	Europe and Black and White	Cartographies of Europe and The Nation.	PORTUGAL
2009	Reinventando la tradición La resemantizacion de los quilombos y de la identidad Afro	Del Amazonas al Rio de La Plata: I Jornadas Pueblos y comunidades Tradiconales de Brasil Y Argentina	ARGENTINA
2012	Simposista no(a) Missão de Trabalho SINTER - UFSC e a Universidade Agostinho Neto	Reunião na Reitoria e Embaixada do Brasil	ANGOLA
2013	Dimensions of the Brazilian Quilombos	Race and Ethnicity in Brazil - Palestra no Bard College	EUA
2013	Brazilian quilombos: their transhistorical, juridical and post-utopian dimensions.	Palestra na Columbia University	EUA
2014	Diásporas africanas, poéticas y políticas: las dimensiones del quilombo en el Brasil actual	Conferência na Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Buenos Aires	ARGENTINA
2014	Visibilizando la Herencia y la Presencia Afro en el sul de Brasil	Experiencias en educacion, religion y comunidades quilombolas - GAELA	ARGENTINA
2016	A CPI que investiga a Funai e o INCRA	A pesquisa antropológica no estado de exceção	BRASIL
2016	A questão fundiária e as políticas de reconhecimento para indígenas e quilombolas	A questão fundiária e as políticas de reconhecimento –UFGRS	BRASIL
2017	Diálogos iberoamericanos: froteras geográficas, históricas y culturales transnacionales	III Congreso Internacional Nuevos Horizontes de Iberoamérica	ARGENTINA

Quadro IV – Conferências e Palestras de Destaque

Divulgação científica, ações editoriais

Comecei a ser editora fazendo jornais e livros de poesia. Com a Poesia Concreta, influenciada por Maiakovski, Apollinaire, Pound e os irmãos Campos, aprendi que forma e conteúdo não se separam, que sem uma forma revolucionária, não há arte revolucionária. Escrever, inscrever, ato de desenhar, transpor pensamentos e ideias para o espaço em branco, estabelecer pontes e fazer deslocar para o plano do visível o que surge como o sensível e o inteligível. Aprendi que as palavras e as imagens são, ambas expressões de nossa existência e portanto estão situadas no mesmo plano de criação. Como escreveu Foucault (1996) as palavras produzem coisas porque elas também são coisas. O texto é um tecido que realiza a trama complexa de nossas roupagens, do que elegemos como condutor, ferramenta de expressão de nossos pensamentos. Portanto, nunca considerei o trabalho de edição um trabalho exclusivamente técnico, nem somente de divulgação científica mas inserido em um processo criativo mais amplo que enlaça no mesmo gesto, estética e ética.

Em 1998 organizei a coletânea “Ética e Estética na Antropologia”, onde publiquei um capítulo chamado “Escrever o texto, polir o olhar” em que abordo a antropologia como escrita insurgente da modernidade, ciência do deslocamento, do estar-entre, da incomodidade permanente que se expressa pela busca incessante de novas paisagens. O livro reuniu diversos artigos e ensaios sobre questões contemporâneas incluindo a questão do tempo, a poética, a crítica cultural, ética, a antropologia visual e contou com a colaboração de importantes antropólogos/as crítico/as e cineastas.

Em paralelo criei a linha editorial do NUER através dos Boletins Informativos, dos Cadernos Textos e Debates, dos livros e separatas, cada um deles voltado para o público universitário e também para outros públicos, como as comunidades quilombolas que participaram ativamente de nossas pesquisas. Essas edições estão sendo comentadas como parte do projeto desenvolvido no NUER.

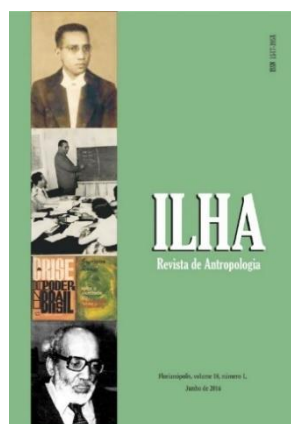
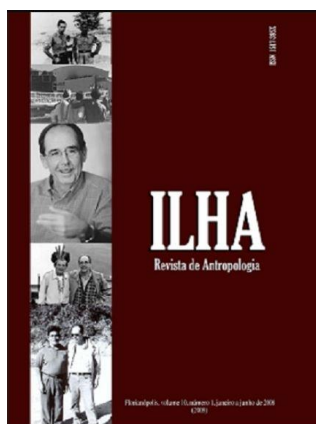
Em 2005 organizei e editei, com apoio da Associação Brasileira de Antropologia o livro “Laudos Periciais Antropológicos em Debate” (2005), que reuniu um grande grupo de antropólogos e antropólogas com o objetivo de refletir sobre a produção de laudos periciais antropológicos enquanto um novo cenário da prática antropológica. Na primeira parte apresento o debate sobre o documento elaborado em 2000, a “Carta de Ponta das Canas” e as demais partes trazem reflexões de um grande número de pesquisadores e juristas que abordam sobre o amplo quadro de produção de laudos no Brasil e o papel das instituições públicas. Esse livro foi um dos primeiros sobre o assunto no Brasil e constitui referência para o debate atual sobre a participação

da antropologia nos processos judiciais e administrativos envolvendo comunidades tradicionais, questões ambientais e patrimônio cultural, como já mencionei em outra parte desse memorial.



Edições de coletâneas: 1998 e 2005

Por duas ocasiões, contribuí com a Revista Ilha, do Programa de Pós-Graduação em Antropologia, organizando Dossiês sobre personalidades importantes que marcaram o pensamento social e a antropologia brasileira e internacional. O Dossiê sobre Silvio Coelho dos Santos, publicado no volume 10/n.1/2008, em parceria com a colega Jean Esther Langdon. E também o dossiê sobre Alberto Guerreiro Ramos, publicado no volume 18/n.1/2016 em parceria com o colega Amurabi Pereira Oliveira. Esses dois volumes tiveram a colaboração de especialistas de diversas áreas, do Brasil e Exterior.



Dossiês sobre Silvio Coelho dos Santos (2008) e Alberto Guerreiro Ramos (2016)

Trabalhos mais recentes de edição foram realizados nos portais virtuais, dos sites do NUER e do projeto Kadila, e também na organização e edição dos livros “Kadila: cultura e ambientes” em parceria com a colega Cristine Gorski Severo e “Territórios do Axé”, em colaboração com larga equipe de pesquisadores do NUER.

Além dessas atividades de edição de publicações e sites, considero também relevante mencionar as curadorias de exposições realizadas na Galeria do NUER, os folders do Núcleo, do Laboratório de antropologia, bem como os cartazes de divulgação de eventos, todos planejados com objetivo de levar mensagens sobre as pesquisas e trabalhos científicos que realizamos na universidade.

Prêmios e homenagens

A seguir apresento os prêmios e homenagens recebidos, alguns deles relacionados diretamente aos trabalhos realizados no NUER e/ou pelo trabalho em educação das relações étnico-raciais, ações afirmativas e direitos quilombolas.

2017 - Medalha de Mérito Cultural Cruz e Sousa, Governo do Estado de Santa Catarina - Conselho Estadual de Cultura

2013 - Camélia da Liberdade, Centro de Articulação de Populações Marginalizadas – Rio de Janeiro/ RJ

2012 - Medalha Cruz e Sousa, Câmara Municipal de Florianópolis

2001 - Homenagem - Cem anos de Antonieta de Barros, Secretaria de Estado e Justiça de Santa Catarina

1996 - Zumbi 301 anos, APROSUL - Associação de professores da Eletrosul



Lista completa de Produções: Apêndice II – Atividades de Produção Intelectual

Anexos Disponíveis em:

<https://drive.google.com/open?id=1EWIi1pL3v3YVbYbOEKbPZ74hIFI0jPIt>

Lista completa de Projetos: Apêndice III – Projetos de Pesquisa

Anexos Disponíveis em: [https://drive.google.com/open?id=1x3-](https://drive.google.com/open?id=1x3-mwONrtfHZJsH1XkM4TWubN4MKChnU)

[mwONrtfHZJsH1XkM4TWubN4MKChnU](https://drive.google.com/open?id=1x3-mwONrtfHZJsH1XkM4TWubN4MKChnU)

Lista completa de Eventos: Apêndice VII – Organização e/ou Participação em eventos de

pesquisa, ensino ou extensão. Anexos Disponíveis em:

https://drive.google.com/open?id=1XGrxxTTMctNIj-MDmlmumb_HC_09lpn7

Criado em 1986, o NUER se chamou nos primeiros anos “Núcleo de Estudos da População de Origem Africana” nome atribuído ao primeiro projeto aglutinador de um coletivo estudantes e pesquisadores. Alguns anos depois o nome apareceu como desdobramento final de uma instigante busca a partir de imagens, símbolos, metáforas e referências que estavam sendo mais frequentemente acionadas para situar o tipo de preocupação e o trabalho que nos unia: como se fosse um nosso sobrenome relacionado aos povos africanos. Uma emblemática referência aos interesses renovados nos estudos africanos e afro-brasileiros veio a partir da obra seminal de Evans-Pritchard, os NUER (1978). O nome foi dado. Contudo, esse processo de nomeação foi ganhando nitidez e pertinência, tendo alcançado hoje o seu sentido pleno. Durante o primeiro mapeamento dos territórios negros no sul do Brasil, em 1987 e em 2002 durante a pesquisa de campo na Comunidade de Casca/RS encontramos nos livros e inventários diversas referências sobre a procedência angolana daquelas pessoas. Mais um passo e vamos chegar em 2012 no Deserto do Namibe, do outro lado do oceano onde, pra nossa surpresa nos deparamos com a descoberta do antropólogo Ruy Duarte de Carvalho de que aqueles povos Hereros que lá vivem hoje são descendentes dos NUER, povos criadores de gado que migraram do Sudão para o sul do deserto, onde continuam as atividades de criação de gado. Passando pelos territórios negros do sul do Brasil, deslocamos nossa pesquisa para o sul de Angola e lá encontramos os descendentes dos NUER. Nosso atual projeto Kadila: Culturas e Ambientes (CAPES /AULP 2013-2018) vem estudando esses povos, que são pastores transumantes do deserto.

Esta é mais uma “intriga biográfica” que revelo nesse Memorial, intriga que conecta passado e presente, numa poética africana e afro-brasileira que une os dois lados do Atlântico.

O NUER surgiu, portanto, em novembro de 1986, a partir do primeiro grupo de estudantes dispostos a realizar um projeto coletivo, quando passamos a desenhar a pesquisa sobre territorialidade negra e invisibilidade no sul do Brasil através de pesquisas, consultorias, criação de acervos para consulta bibliográfica e projetos editoriais em sua maioria voltados para estudos sobre populações afro-brasileiras. Na interface das pesquisas realizadas sobre identidades étnicas, contextos migratórios, patrimônio cultural, expressões artísticas e performáticas, etnicidades e nacionalismos. Os principais campos de pesquisa estão situados na região sul do Brasil e algumas pesquisas foram feitas em países como os Estados Unidos, Argentina, Angola, Moçambique, Portugal, Suécia, Colômbia e Guatemala. A questão da auto-identificação, pertença étnica e das vozes dos próprios sujeitos vem assumindo um lugar de destaque na percepção, afirmação e questionamentos das fronteiras culturais que atravessam, recortam e integram os direitos individuais e coletivos no mundo atual. Estes aspectos interagem de forma dinâmica nos processos de subjetivação que é parte das tensões entre o individual e o coletivo, o privado e o público, o local e o global.



As pesquisas realizadas no NUER objetivam conhecer, compreender e, sobretudo, problematizar as identidades étnicas e as suas interfaces no âmbito das políticas culturais e dos direitos sociais. Construindo sua problemática desde a Antropologia, o NUER vem dialogando com diversas áreas das Ciências Humanas, tais como: Direito, História, Educação, Geografia, Literatura, Linguística, Artes Visuais e Museologia.

A partir de três linhas ou áreas o NUER desenvolve pesquisas, projetos de extensão, eventos, publicações e exposições em sua Galeria que se situa em frente à sua sede, localizada no segundo andar do CFH.

São as seguintes as linhas de pesquisa:

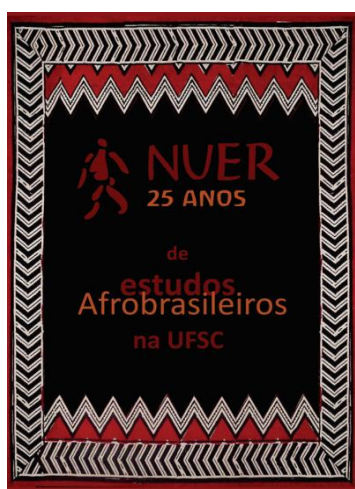
Linha de Pesquisa NUER		
Educação afro-brasileira	Direitos territoriais	Diásporas africanas
Essa área desenvolve pesquisas e projetos de extensão que buscam aprofundar conhecimentos e conteúdos curriculares relativos aos estudos afro-brasileiros da formação universitária e produzir materiais didáticos e organizar atividades voltadas para aplicação da lei 10639/03.	A área de Direitos Territoriais tem por objetivo investigar processos sócio-culturais, históricos e políticos de consolidação de direitos territoriais, noções de usos e usufrutos comuns em terras públicas, processos de expropriação e demandas por reconhecimento e inclusão em políticas agrárias.	A área de Diásporas Africanas congrega pesquisas que buscam correlacionar os legados africanos e os afro-brasileiros, suas práticas de resistência e afirmação identitária. Subáreas: -Artes e Tecnologias -Políticas Linguísticas -Movimentos e Organizações -Filosofia e Ética

Quadro V – Linhas de Pesquisa NUER

Esta atual configuração do NUER foi criada com a mudança nas instalações que se iniciaram em 2008 com a proposta de reestruturação do espaço físico do Laboratório de Antropologia e a sua transferência para o prédio do CFH. Em função dos acervos de pesquisa e da biblioteca, solicitamos à direção da Unidade uma sala para podermos dar continuidade aos projetos e as atividades tal qual vinham sendo feitas há mais de vinte anos. Nesse novo espaço houve a reorganização dos acervos e novo planejamento de atividades, reorganização das linhas de pesquisa e estratégias de ação. Em 2009 a disciplina Estudos Afro-brasileiros como matéria obrigatória do curso de Ciências Sociais estava sendo implantada. Potencializando os interesses de pesquisa, as ações de extensão e ensino, o NUER criou o Projeto Biblioteca Afro-brasileira, a

Galeria do NUER e o Seminário Funzana, atividades que hoje sustentam a programação anual do Núcleo.

Novos membros, inclusive de outros departamentos, como o professor Nazareno Campos, a profa. Cristine Gorski Severo passaram a fazer parte do Núcleo. Colaborações internacionais foram melhor aprofundadas, através dos professores Diana Brown e Mario Bick, do Bard College de Nova York que depois de uma temporada de um ano passaram a estabelecer um vínculo mais regular com a cidade, com a Universidade e o NUER, colaborando em inúmeros projetos. Também fomos autorizados a seguir como um prolongamento do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, criado pelo professor Alfredo Wagner Almeida e passamos a receber não somente estudantes intercambistas do Brasil e do Exterior, professores em período sabático e de curta duração e as comunidades quilombolas que frequentemente nos visitam e participam de nossos projetos.



Folder do NUER 2016



Palestra 25 anos do NUER 2016

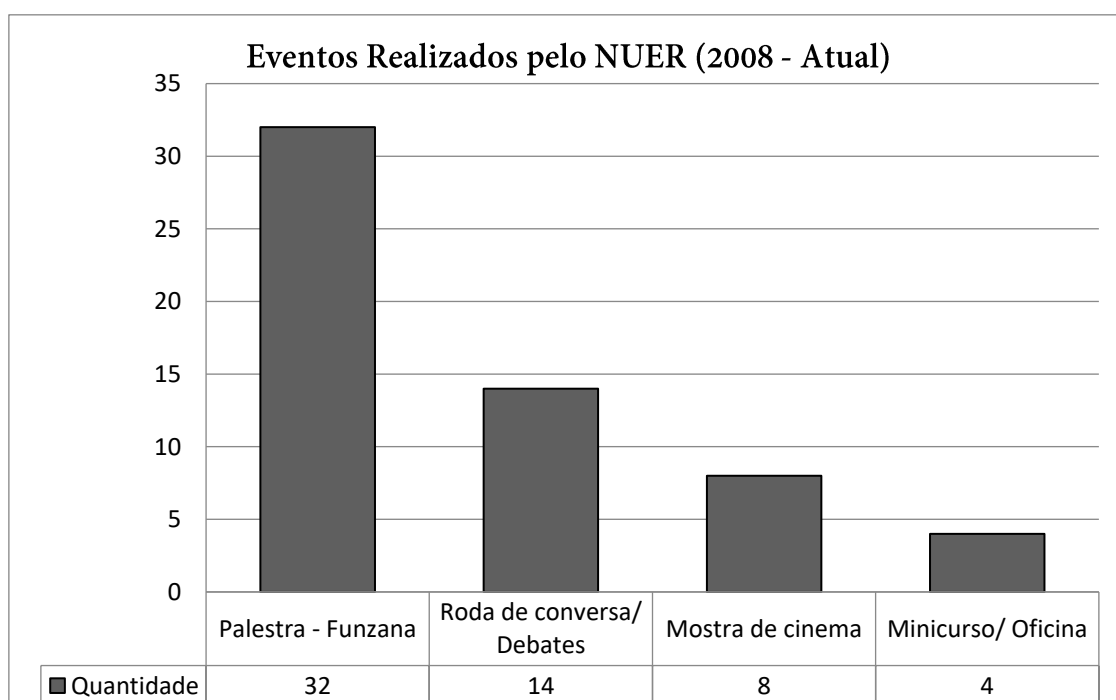


Gráfico III – Eventos NUER

O Evento mais frequentado do NUER é o Funzana, que em sua língoa quer dizer ensinar um ao outro/estudar junto”. Nestes encontros são apresentadas e discutidas as pesquisas realizadas no NUER e em outras instituições com interesses afins, propiciando diálogos e aprendizagens em diversos níveis de formação científica. Já estiveram presentes nesses encontros diversos pesquisadores tais como Leda Martins (UFMG), Hippolyte Brice Sogbossi,(UFS), Frank Marcon (UFS), Sinfree Makoni (State University of Pennsylvania), Lourdes Martinez Echazábal (California University of Santa Cruz), entre outros.

O NUER promove também debates e rodas de conversas envolvendo problemáticas atuais, tais como “Diálogos Brasil e Angola: 1º Encontro com Estudantes Angolanos”, “Narrativas, trajetórias e experiências dos/as alunos/as cotistas do PPGAS/UFSC”. Aberto ao público em geral, as mostras de Cinema NUER buscam contemplar uma série de filmes e documentários, sobretudo, africanos como serão melhor detalhados nas Atividades de Extensão.



Oficina de Trabalho sobre Laudos Periciais – a Carta de Ponta das Canas - Florianópolis, 2000

NUER/UFSC - Projeto Nova Cartografia Social em Santa Catarina, convidando

1º Seminário

COMUNIDADES QUILOMBOLAS & UNIDADES DE CONSERVAÇÃO
aspectos socioculturais e ambientais

7 de dezembro de 2010 - Auditório do CFE/UFSC - Das 8:30 às 18:30

OBJETIVOS

Propiciar um espaço de diálogo entre pesquisadores, comunidades quilombolas, movimentos sociais e poder público sobre assuntos relevantes, visando de maneira prioritária a construção de estratégias conjuntas para a defesa dos territórios tradicionais habitados por unidades de conservação ambientais.

Discutir e analisar o conhecimento nos aspectos jurídicos e administrativos no acesso aos direitos ambientais e culturais.

Analisar as políticas públicas as formas de inclusão social propostas pelas instituições públicas para as comunidades quilombolas.

PROGRAMAÇÃO

Das 8:30 às 12:00 horas

Abertura: Apresentação

Participação: pesquisadores, historiadores e membros de Comunidade

Coordenação Rafael Vinícius - (RFPSC)

Ricardo Cez - (UFRS)

Cláudia Guedes e Maria Madalena Veiga do Amaral - (Museu Universitário Osvaldo Cruz/UFSC)

Representantes das Comunidades Quilombolas (a ser definido)

Orador Anfitrião - (Presidente do Sítio de Cultura - SC)

Paulo Roberto Costa - (Professor da UFPA - ex-Região/SC)

Miriam Chagas - (Antropóloga do INPA/RS)

Marcos Santoro - (Antropólogo do INEAS/SC)

José Paulo Strazzon - (Superintendente do INEAS/SC)

Das 14 horas às 18:30 horas

Temática: Aspectos socioculturais das Unidades de Conservação

Coordenação Rita Evangelina Leite - (RFPSC)

Marcos Santoro - (Representante da Comunidade Quilombola do Sítio de Cultura do Sítio de Cultura)

Ricardo Cez - (Coordenador - CMIU) região sul

Isis Moraes - (Coordenadora do Projeto de Integração do Socioambientalismo)

Associação de Povos e Comunidades Tradicionais - (CPCT)

Forças Armadas e Cidadãos Militares - (Comunidade Militar do Litoral)

Movimento Negro Unificado - (MNU)

Rede Paulista de Estudos de Articulação Comunicacional - (RedePA)

Alfreda Wagner Almeida - (UFPA)

Participação: Comunidades e pesquisadores

Realização: NUER/UFSC, Sítio de Cultura, Sítio de Cultura, Agência Nacional de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Estético e Paisagístico do Brasil - (ANPHLAC/UFSC), Museu de História e Arqueologia - (MUSAC/UFSC), Comissão Interdisciplinar de Estudos de Comunidades Tradicionais - (CICET/UFSC), Comissão Interdisciplinar de Estudos de Povos e Comunidades Tradicionais - (CIPCT/UFSC), Museu de História e Arqueologia - (MUSAC/UFSC), Centro de Estudos de História e Cultura - (CEHC/UFSC), Núcleo de Estudos de Comunidades Tradicionais - (NECT/UFSC), Núcleo de Estudos de Comunidades Tradicionais - (NECT/UFSC)

1 CICLO DE DEBATES
sobre **ÁFRICA CONTEMPORÂNEA**

Conferencista

Jean-Michel MABEKO-TALI
Departamento de História | Howard University | Washington / USA

de Angola

Lutas de Libertação e Identidades Políticas na História Contemporânea da África

21 de Outubro de 2008, 18:30h. Auditório do CFE

Coordenação: Rita Evangelina Leite - (RFPSC)

Participação: pesquisadores, historiadores e membros de Comunidade

Coordenação Rafael Vinícius - (RFPSC)

Ricardo Cez - (UFRS)

Cláudia Guedes e Maria Madalena Veiga do Amaral - (Museu Universitário Osvaldo Cruz/UFSC)

Representantes das Comunidades Quilombolas (a ser definido)

Orador Anfitrião - (Presidente do Sítio de Cultura - SC)

Paulo Roberto Costa - (Professor da UFPA - ex-Região/SC)

Miriam Chagas - (Antropóloga do INPA/RS)

Marcos Santoro - (Antropólogo do INEAS/SC)

José Paulo Strazzon - (Superintendente do INEAS/SC)

Das 14 horas às 18:30 horas

Temática: Aspectos socioculturais das Unidades de Conservação

Coordenação Rita Evangelina Leite - (RFPSC)

Marcos Santoro - (Representante da Comunidade Quilombola do Sítio de Cultura do Sítio de Cultura)

Ricardo Cez - (Coordenador - CMIU) região sul

Isis Moraes - (Coordenadora do Projeto de Integração do Socioambientalismo)

Associação de Povos e Comunidades Tradicionais - (CPCT)

Forças Armadas e Cidadãos Militares - (Comunidade Militar do Litoral)

Movimento Negro Unificado - (MNU)

Rede Paulista de Estudos de Articulação Comunicacional - (RedePA)

Alfreda Wagner Almeida - (UFPA)

Participação: Comunidades e pesquisadores

Realização: NUER/UFSC, Sítio de Cultura, Sítio de Cultura, Agência Nacional de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Estético e Paisagístico do Brasil - (ANPHLAC/UFSC), Museu de História e Arqueologia - (MUSAC/UFSC), Comissão Interdisciplinar de Estudos de Comunidades Tradicionais - (CICET/UFSC), Comissão Interdisciplinar de Estudos de Povos e Comunidades Tradicionais - (CIPCT/UFSC), Museu de História e Arqueologia - (MUSAC/UFSC), Centro de Estudos de História e Cultura - (CEHC/UFSC), Núcleo de Estudos de Comunidades Tradicionais - (NECT/UFSC), Núcleo de Estudos de Comunidades Tradicionais - (NECT/UFSC)

Pontos de encontro entre os estudos africanos e afro-brasileiros

Convidados:

Hippolyte Brice Sogbossi*
Leda Maria Martins**

* Brice atualmente é Professor Associado do departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe. Membro do Conselho Deliberativo do reato/UFSC - CEDI, Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros. É membro efetivo do Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa em Antropologia da UFSC. Também é líder do Grupo de Pesquisa em Ciências da Religião e do Grupo de Pesquisa em Estudos Étnicos e Relações Interétnicas (GERE), ambos da UFSC. Vice-coordenador do NUBA. Tem experiência na área de Letras, com atuação em Lingüística, Sociolinguística e dialetologia. Tem trabalhos publicados sobre a presença lingüístico-cultural diáspora no Brasil, Haiti e em Cuba. Tem experiência também na área de Antropologia, com ênfase em Antropologia Cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: antropologia da religião, antropologia da morte, relações interétnicas, antropologia das populações afro-americanas (Cuba, Haiti e o Brasil) e africanas.

** Leda é Poeta e Ensaísta. Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da FALC/UFMG (Pós-UFMG), de 15 de maio de 2010 a 30 de maio de 2012. Diretora de Ação Cultural da UFPA a partir de 18 de março de 2014. Atua nas áreas de Letras (Estudos Literários) e de Artes Cênicas, com ênfase em teatro, dramaturgia, performance e nas interações entre a literatura e outros sistemas semióticos, dentre eles o teatro, a dança, a música e as performances rituais. Sua bibliografia inclui livros e capítulos de livros publicados no Brasil e no exterior, em português, inglês, espanhol.

03 Mar 2015
15h30
Local: NUER
3º andar CFH
UFSC

kadila
Observatório da Transmídia

NUER

Coordenação do III Seminário Kadila: Prof. Letícia Cesario

Eventos Organizados pelo NUER

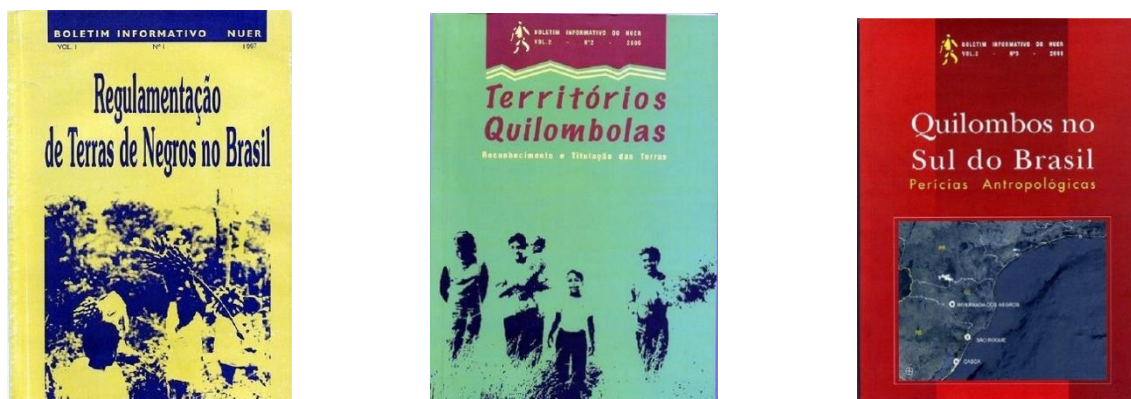
O projeto editorial do NUER

As publicações do NUER integram séries de periódicos e livros organizados da seguinte forma: os **Cadernos Textos e Debates**, iniciados em 1991, tiveram 18 números editados; O **Boletim Informativo do NUER**, iniciado em 1996 e com 3 números editados; A coleção de **Livros do NUER**, iniciada em 1996, e até o momento com 7 livros publicados.

Cadernos textos e debates:

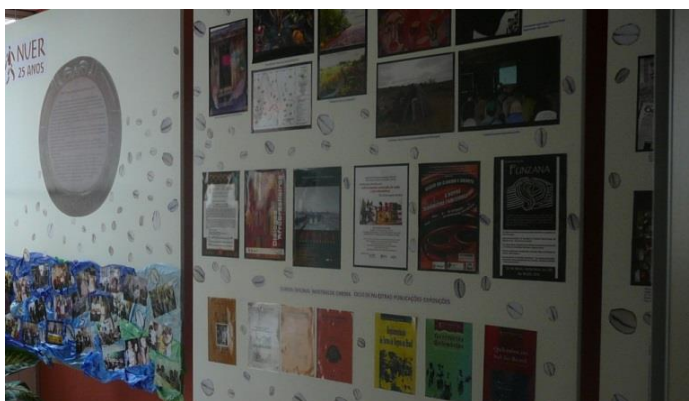


Boletim Informativo do NUER



A Galeria do NUER

Este espaço expositivo tem sido frequentado por todos os estudantes do Centro de Ciências Humanas por ser um ambiente de passagem onde é possível apresentar os resultados das pesquisas realizadas pelo NUER. Ele foi inaugurado com a Exposição comemorativa de 25 anos do Núcleo e a partir daí temos realizado em torno de uma ou duas mostras por ano.



NUER 25 anos de estudos afro-brasileiros na UFSC

Retrospectiva de todos os projetos desenvolvidos pelo NUER de 1986 até 2016.



Territórios Quilombolas



Olhares de África

Os painéis desta exposição fizeram parte das atividades do projeto “Patrimônio Cultural e Políticas Públicas” do NUER em parceria com MNU/SC. O projeto teve o apoio do Ministério da Educação e Cultura e da Pró-Reitoria de Extensão da UFSC.

O projeto “Olhares de África: lugares e entre-lugares da Arte na Diáspora” participou da Primavera dos Museus 2013. A exposição buscou estabelecer correlações entre a arte contemporânea de África e das diásporas, enfatizando suas influências mútuas, suas poéticas e políticas. A arte contemporânea e seus mestres fundadores em Brasil e Moçambique são apresentados ao público: Abdias do Nascimento e Malangatana Ngwenya, respectivamente. A exposição traz os marcos históricos formadores das propostas estéticas desta arte, além de destacar os artistas e ainda explorar temas como os colonialismos e colecionismos de arte africana pelo mundo, os movimentos artísticos e as lutas libertárias e as ações políticas que visam superar o racismo e o preconceito. Através de imagens e informações visa estabelecer os parâmetros para se pensar os processos artísticos e políticos na atualidade.



Kadila: Culturas e Ambientes

A exposição inaugurou em 2018 e integra o Projeto “Kadila: culturas e ambientes – diálogos Brasil Angola” (2013-2018), parte do programa CAPES AULP do Ministério da Cultura do Brasil.

Núcleo de Identidade e Relações Interétnicas - Anexos Disponíveis em:
<https://drive.google.com/open?id=18rsX1QPr1tJ3kwanUVApom9EVU2vTnnl>

A Extensão está relacionada diretamente ao NUER, seus pesquisadores, estudantes, professores e as comunidades com as quais desenvolvemos nossas pesquisas. A seguir vou apresentar alguns dos principais projetos que vem sendo desenvolvidos nos últimos anos.

Nova Cartografia Social - Santa Catarina (2009 – 2011)

O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA) criado pelo professor Alfredo Wagner Almeida na Universidade Estadual do Amazonas foi implantado no NUER em 2005 pela professora Rosa Acevedo Marin, da Universidade Federal do Pará durante um período em licença capacitação vinculada ao NUER. Esse projeto inicial se desdobrou em diversas Oficinas de Cartografia e a elaboração de Fascículos sobre situações diversas em Santa Catarina com a participação do professor Nazareno Campos e a antropóloga Raquel Mombelli. O projeto Cartografia tem como principal objetivo dar voz aos sujeitos sociais organizados em grupos e associações que buscam por reconhecimento de suas expressões culturais e territoriais, entre eles quilombolas, indígenas, faxinalenses, artesãos, extratores, ribeirinhos, pescadores. O projeto propõe a realização de um mapeamento dos grupos sociais e de suas formas organizativas, por meio da realização de oficinas de cartografia.



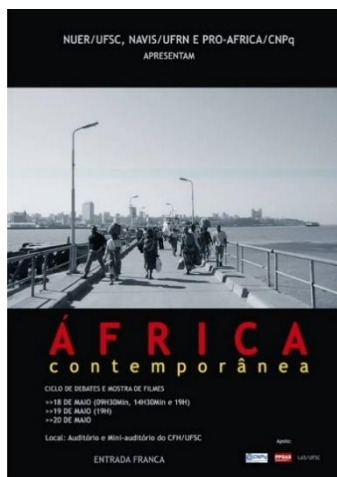
Publicações e oficinas de Cartografia

A África através do cinema (2009-2011)

O projeto “Novas dinâmicas familiares: ampliando o debate e o conhecimento sobre a dimensão sócio-cultural do HIV/AIDS no Brasil e Moçambique (2009-2011)” financiado pelo CNPq, reuniu especialistas do Brasil e de Moçambique para debater sobre HIV/AIDS, família e ritos funerários através de um conjunto de documentários fílmicos produzidos por cineastas moçambicanos e brasileiros. Coordenado por mim e pela profa. Lisabete Coradini, do

departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte o projeto se desenvolveu nos dois países. Através de visitas exploratórias, o projeto discutiu as transformações decorrentes da pandemia que se alastrou nos dois países e estes como parte do processo colonial e seus desdobramentos na atualidade. De Moçambique participaram os renomados cineastas Isabel Noronha, Camilo de Souza, Licínio Azevedo, entre outros. Foram organizadas mostras de cinema reunindo professores, cineastas e especialistas para debater os filmes. As mostras aconteceram em Florianópolis, João Pessoa, Natal em 2009 e em Maputo em 2010. Durante as sessões foram projetados filmes brasileiros e moçambicanos sobre o assunto e tivemos um grande público de debatedores, além de professores e especialistas convidados das universidades que acolheram o projeto. A última sessão foi realizada 19/09/2010 no anfiteatro da Universidade Politécnica de Maputo, com apoio da Associação Moçambicana de Cinema (AMOCINE) durante o Dockanema, mais importante Festival do Filme Documentário de Moçambique com a participação, como debatedores, de intelectuais de diversas instituições daquele país como Narciso Matos (FDC), Paulina Chiziane, Julieta Massimbe (Museu de Artes), José Luis Cabaço (UDM), Graça Machel (FDC), Gregório Firmino (UEM), Lourenço do Rosário (UP), Francisco Noa (ISCTEM), entre outros.

Orientei a tese de doutorado de Esmael Alves de Oliveira “Qualquer semelhança não é mera coincidência: o HIV/SIDA no cinema de Moçambique” concluída em 2014. O doutorando fez pesquisa de campo em Moçambique tendo acompanhado o trabalho de cineastas e circuitos de cinema pelo país, tendo discutido o papel do cinema na disseminação da educação em áreas rurais e distantes da capital do país.



Mostra de cinema no Brasil (2009) e em Moçambique (2010)

Nos anos seguintes demos continuidade a uma programação periódica de projeção de filmes africanos com professores e especialistas convidados para debater os filmes.

Educação Afro-brasileira: capacitação e licenciatura quilombola (2003-2013)

Em 2003 ministrei o primeiro curso de formação voltado para militantes, lideranças e pesquisadores negros e negras com apoio do INCRA-SC. Esse curso acontecia nos finais de semana e permitiam que todos comparecessem à universidade para a formação. Em seguida, de 2004 a 2006 alguns lideranças que fizeram o curso acompanharam a produção dos primeiros relatórios sócio-antropológicos sobre as comunidades de Casca, Invernada dos Negros e São roque. Desde então ficou constatado a importância da Educação para o desenvolvimento e autonomia dessas lideranças e das populações em Santa Catarina e um grupo de discussão continuou elaborando novas propostas.



Primeira turma do Curso sobre Quilombos 2003



A discussão sobre diversidade cultural e sobretudo, o direito à diferença foi aprofundado e refletiu diretamente na forma de pensar a educação quilombola, e a equipe NUER em parceria com o coletivo de professores das escolas quilombolas de Santa Catarina e o Movimento Negro Unificado-SC acompanhou e participou, durante o ano de 2012 da elaboração do primeiro Projeto Político Pedagógico para a criação da Licenciatura Quilombola, apresentado em Seminário à administração da UFSC em 2013, sendo o primeiro do gênero no Brasil.



Seminário de apresentação da proposta de licenciatura quilombola, UFSC, 2013

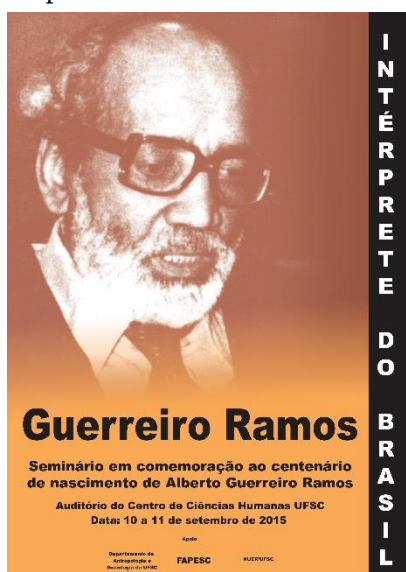
O Curso, voltado para formação para professores, estudantes, representantes de comunidades quilombolas, lideranças de movimentos sociais atende às diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, Resolução n.8 de 20/11/2012 do Conselho Nacional de Educação. Trata-se de uma concepção pedagógica inovadora que se insere na experiência cultural afro-brasileira através de uma plataforma de graduação inteiramente voltada para uma formação em História da África e da cultura afro-brasileira, atendendo aos princípios da coletividade, da oralidade e da sustentabilidade ambiental. Seu eixo norteador abrange esses aspectos e conteúdos sobre territorialidades, saberes locais, tecnologias autossustentáveis, entre outros.

A administração da UFSC apresentou a proposta à Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização Diversidade e Inclusão/ MEC que infelizmente alegou falta de recursos para implantar o Projeto. Em resposta a este processo a UFSC criou a reserva de vagas na graduação para estudantes oriundos de comunidades quilombolas do Estado.

O projeto Centenário de Guerreiro Ramos na UFSC (2014 – 2016)

O sociólogo Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982), é um dos principais teóricos do pensamento social no Brasil. Sua contribuição para os diversos campos em que atuou (administração pública, sociologia, antropologia, literatura) é ressaltada pelos comentadores de cada um destes campos pelo fato de Ramos ter inaugurado, de modo geral, um novo olhar para a sociologia e para a administração pública no Brasil e, de modo específico, um novo olhar para os estudos das relações raciais no Brasil. Os aspectos que, de modo geral, caracterizaram a originalidade do olhar sociológico de Ramos podem ser demarcados tanto pela sua proposta epistemológica, quanto pela introdução desta no campo da sociologia aplicada, mais especificamente no campo da administração pública e privada. A respeito dessa contribuição para a sociologia, podemos demarcar duas características fundamentais: (a) A primeira característica consistiu na originalidade epistemológica de sua análise. Tratava-se de um método de investigação que invertia o foco das análises acerca dos estudos sociológicos no Brasil, pois Ramos tomava como foco de análise os próprios métodos utilizados até então pelas Ciências Sociais; (b) A segunda característica consistiu na proposição de uma nova sociologia, uma sociologia em ato ou em “manga de camisas”. Ramos considerava que tal atividade de investigação deveria estar caracterizada pela originalidade com que o pesquisador abordava seu problema de pesquisa. Os aspectos que, de modo específico, caracterizaram a originalidade do olhar sociológico de Ramos para os estudos das relações raciais no Brasil, podem ser demarcados pela produção intelectual de Ramos nos três âmbitos de atuação junto ao grupo do TEN (Teatro Experimental do Negro): (a) Membro ativo do editorial do jornal Quilombo; (b) Coordenador do INN (Instituto Nacional do Negro) - Departamento de pesquisa e estudo criado no TEN; (c) Adaptação do sociodrama ou psicodrama para as experiências dos traumas decorrentes dos conflitos raciais. Importa também ressaltar, o fato de que ele aplicou sua proposta metodológica de pesquisa em Ciências Sociais (sociologia em mangas de camisas) aos estudos da população negra do Brasil e o resultado entrou para a história das Ciências Sociais brasileira com o título o Problema do negro na sociologia brasileira publicado em seu livro Introdução crítica à sociologia brasileira. Trata-se,

portanto, de um dos mais proeminentes intelectuais brasileiros, cujo trabalho é vasto e multifacetado, de tal forma que através desse evento buscamos levar ao público universitário e interessado estas diversas abordagens do autor, lançando novos olhares sobre esse autor clássico do pensamento social brasileiro.



O projeto buscou revisitar a obra acadêmica de Guerreiro Ramos, através de um balanço crítico de seu trabalho e além disso, analisar a atualidade do pensamento do autor e resgatar a memória de sua atuação na UFSC e os seus desdobramentos em outras instituições do Brasil e Exterior

Seminário 2015

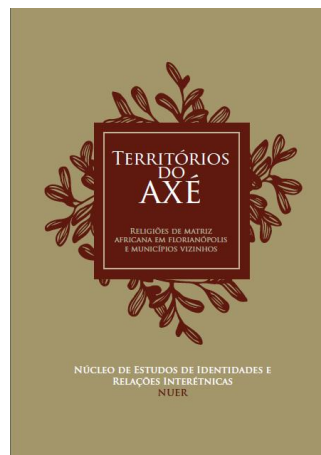
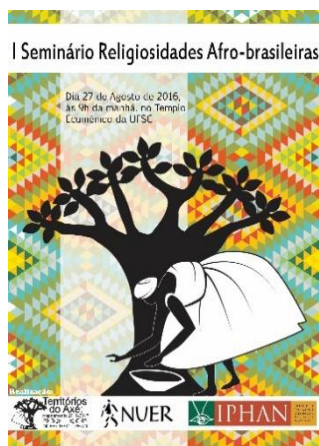
Vidal Martins: Relatório histórico e sócio antropológico para integrar o Procedimento RTDI do INCRA-SC (2015 – 2017)

Este projeto de extensão envolveu convênio entre a UFSC com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária –INCRA, para a realização de um Relatório sócio antropológico sobre a Comunidade Quilombola Vidal Martins, situada na Ilha de Santa Catarina para instruir o processo de regularização fundiária nos termos do Decreto 4887/2003. O convênio foi assinado em 30 de março de 2015 e foi integrado por equipes coordenadas pelos professores Henrique Lima Espada, do departamento de História, e o professor Nazareno José de Campos do departamento de Geociências, envolvendo portanto os laboratórios de Pesquisa em Geociências e História Social do Trabalho. O projeto foi uma iniciativa pioneira de parceria entre órgãos e instancias federais para realização de processos de inclusão e reconhecimento de direitos territoriais, portanto não envolve nenhum tipo de financiamento e foi realizado através de participação voluntária de todos os membros da equipe, tendo resultado no Relatório Histórico e Sócio Antropológico, concluído em dezembro de 2017.

Territórios do Axé: Mapeamento das religiões de matriz africana da Grande Florianópolis (2016 – 2019)

A proposta de um primeiro mapeamento das religiões de matriz africana da Grande Florianópolis foi apresentada pela Superintendência Estadual do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional –IPHAN ao NUER em 2013 e a partir de um Acordo de Cooperação Técnica entre o IPHAN e a UFSC e uma dotação de recursos específicos, iniciamos,

sob minha coordenação, a formação das equipes e o desenvolvimento do projeto em julho de 2016, tendo sido concluído no final de 2017.



Seminário e livro Territórios do Axé

O processo de “mapear” foi traduzido por nós como sendo a construção de um perfil sobre essas religiões na região considerada “área conturbada”, que abrange os municípios de Florianópolis, Biguaçu, São José e Palhoça.

O projeto envolveu uma grande equipe de estudantes e professores de diversas áreas, lideranças religiosas, ativistas e um conselho consultivo composto por autoridades acadêmicas e das Casas religiosas da cidade.

Durante o levantamento entramos em contato com 227 casas sendo que 210 realizamos entrevistas com as lideranças. Realizamos três seminários para discutir resultados parciais e finais, elaboramos uma plataforma online interativa e o relatório final foi publicado em livro e distribuído para todos os participantes e instituições públicas e afins.

Tendo sido a primeira pesquisa do gênero em Santa Catarina é também referência para as ações em políticas públicas de preservação do patrimônio religioso e instrumento de organização da comunidade religiosa na cidade. ([www.kadila.net.br/territorios do axé](http://www.kadila.net.br/territorios-do-axe))

Lista completa de Projetos: Apêndice IV – Projetos de Extensão
Anexos Disponíveis em: <https://drive.google.com/open?id=1x3-mwONrtfHZJsH1XkM4TWubN4MKChnU>

Inicialmente irei distinguir os cargos de gerência geral e os cargos de representação científica e acadêmica, os segundos bem mais coerentes com a formação acadêmica requerida nos concursos para ingresso na carreira docente, com os quais me identifiquei mais, exerci com interesse e até gostei. Nossa cultura administrativa de tradição ibérica é extremamente burocrática e tem como pressuposto que a palavra nada vale. As colônias herdaram a cultura cartorial e a exacerbaram. Daí cada ação ou ato tem que ser acompanhado de um ofício, uma declaração, uma autorização, uma assinatura, um carimbo.

Reconheço no entanto que a experiência administrativa me levou a ter uma melhor compreensão da universidade e seus amplos processos de gestão. O que destaco como mais relevante é o fato da partilha coletiva, do revezamento entre pares dessas funções onerosas de gerência. Em universidades de outros países que frequentei pude ver e constatar que estas são funções especializadas, exercidas por profissionais formados para exercer tais funções, embora, é claro, fiquem ainda com professores os cargos de direção dos órgãos colegiados de cursos, que decidem sobre assuntos acadêmicos, o que me parece muito mais pertinente.

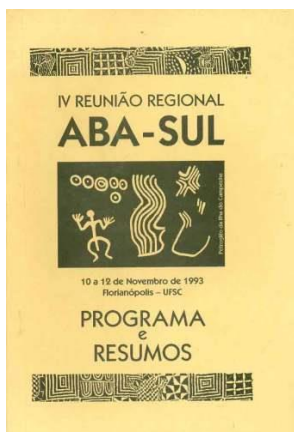
Em 1992 aceitei ser coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia logo após minha efetivação nos quadros na UFSC e alguns anos após a criação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia. O colega Silvio Coelho dos Santos, mais de uma vez me acompanhou com as melhores orientações. Silvio era exemplo de responsabilidade, espírito democrático, humanismo e ética no trato da gestão universitária e sua morte prematura nos deixou em espécie de orfandade. Ele sabia transitar em todos os espaços e meandros da vida institucional, conhecia todo mundo e cada palmo da universidade. Seu sonho era ser reitor, se preparou para isso, embora tenha sido barrado por interesses corporativos. O maior desafio para uma novata era preencher os tais relatórios anuais para as agências de fomento, responder às complexas plataformas de avaliação dos programas de pós-graduação do país. Foi então que descobri que o colega Silvio tinha, além da secretária Irene, um forte arsenal de técnicos auxiliares para produzir resultados de altíssima eficiência.



Durante três décadas integrei, como examinadora ou parecerista em dezenas, talvez centenas de comissões; fui coordenadora de pesquisa, coordenadora de extensão, coordenadora do Laboratório de Antropologia por várias gestões, chefe de departamento e coordenadora da Pós-graduação. Para mim, enquanto alguém com pouco talento e interesse em ocupar cargos gerenciais, representou grandes desafios. Mesmo assim, em todos eles, procurei priorizar a parte acadêmico/científica, exercer um trabalho solidário voltado para gerar as condições de funcionamento da máquina pública, embora não sei se de fato tenha conseguido sucesso. Ao longo dos

anos tive a impressão crescente de que quanto mais o avanço da informática mais complexidade no gerenciamento administrativo e multiplicação de trabalho burocrático.

Minha atuação na administração gerencial começou no Biênio 1992-93 quando coordenei o Programa de Pós Graduação em Antropologia, sendo a colega Miriam Grossi a sub-coordenadora. Neste ano fomos encarregadas de organizar a Reunião ABA-Sul, chamada até então de “Abinha” para se distinguir das Reuniões bianuais da Associação Brasileira de Antropologia –ABA. Foi nessa reunião que demos o passo inicial para integrar toda a comunidade antropológica do Conesul. Todos os esforços foram feitos para termos representantes da antropologia argentina, chilena e uruguaia e para fazer a passagem de um encontro do sul do Brasil um encontro de caráter transnacional/ internacional. Foi de fato um trabalho incrível planejar o evento e receber em Florianópolis tantos colegas de outros países. Hoje parece tudo muito fácil, com as redes sociais ativas e produzindo contatos em alta velocidade. Naquele momento foi um grande esforço para superar os limites de distância e comunicação. Este evento, denominado hoje Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM) reuniu, em seus últimos eventos participantes de toda a América Latina.



Entre 2002-2003 assumi a chefia do Departamento de Antropologia. O Departamento e o Laboratório estava ocupando um prédio anexo, cujas instalações eram precárias e distantes da administração e dos demais departamentos do Centro. Nessa gestão ocorreu também o início de uma etapa de expansão do quadro de professores ampliando os problemas de espaço físico. Faltavam gabinetes de trabalho para os professores recém-chegados, que sentiam-se discriminados, não só pela falta de espaço mas por terem que lecionar em outros cursos da UFSC vistos como carga didática punitiva e sem prestígio, algo que confesso, nunca consegui compreender.

Dentre os cargos administrativos mencionados, os de representação científica foram sem dúvida os mais interessantes por permitirem exercer atividades que dizem respeito ao ensino, a pesquisa e a extensão. Fui em diversas situações, indicada pelos colegas de dentro e de fora universidade, para exercer cargos de representação. Fui representante institucional da Universidade, do Centro de Ciências Humanas, do Departamento de Antropologia e da Associação Brasileira de Antropologia, em Conselhos, Colegiados, Comitês, Diretorias e Grupos de Trabalhos. Dentre os cargos de representação que ocupei na UFSC citarei alguns a título de exemplo: representante no Colegiado de Curso: de Museologia (2016-2017) e Antropologia (2019- Atual); representante da UFSC no Conselho Estadual da População Negra- CEP; representante da UFSC no Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos- CEP, órgão vinculado ao Conselho Nacional de Pesquisa-CONEP/ Governo Federal. (2005-2006); E participação em Comitês Científicos: Coordenadora do Grupo de Trabalho sobre Laudos Periciais Antropológicos da ABA (2002); Coordenadora do Grupo de Trabalho sobre Quilombos da Associação Brasileira de Antropologia (2006-2008); -Membro da diretoria da ABA (2000-2002).

Considero também especial o trabalho de coordenação durante todos esses anos na UFSC, do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas – NUER (1986 – Atual), onde pude,

em diferentes momentos, contar com a participação e colaboração em projetos pontuais de diversos colegas do Departamento: Hélio Silva, Antonella Tassinari, Oscar Calávia Saez, Theóphilos Rifiotis, Leticia Cesarino, Maria Eugenia Dominguez, Alberto Groismann, e também colegas de outros departamentos, áreas e universidades: Raul Antelo (Literatura), Nazareno Campos (Geociências), Cristine Gorski (Linguística), Henrique Espada, Beatriz Mamigonian, Silvio Correa (História), Luzinete Simões e Amurabi Oliveira (Sociologia Política), Simone Schmidt (Literatura) e os pesquisadores quando em fase de formação Mirim Furtado Hartung, Alejandro Labale, Raquel Mombelli, Alexandra Alencar, Augusto Marcos Oliveira, Frank Nilton Marcon, Esmael Oliveira; de outras instituições; Ricardo Cid Fernandes, Miriam de Fatima Chagas, Denise Fagundes Jardim e Sonia Queiroz. Aprendi no NUER a importância de estabelecer parcerias e desenvolver projetos coletivos, tendo em vista o profícuo regime de cooperação e aprendizagem entre pares no ensino/aprendizagem e na pesquisa, além dos diálogos entre pares, gerou e ativou trocas, permitindo o acesso a novos conhecimentos. Realizamos seminários e outros eventos em parcerias com outros Núcleos do Laboratório e de outros Departamentos do CFH: o NEPI, o Lab-Rural, o NIGS, o Levis e o NAVI; da UFRGS, o NACI; da UFMG o Núcleo de Edições Literaterras.

Lista completa de Atividades Administrativas: Apêndice V - Exercício de Cargo na Administração Central e de Representação: Anexos Disponíveis em:
https://drive.google.com/open?id=12ffU-Li_uqmPdKk5SuWzDokJySyxtlek

Lista completa participação em bancas: Apêndice VI - Bancas de concursos, de mestrado ou de doutorado
Anexos Disponíveis em:
<https://drive.google.com/open?id=1fu5UMLNvnkPq8AHUn5YxFHTDiwYGBna9>

PRÓXIMOS PASSOS caminhando, cantando e seguindo

Meu canto tem música que sai dos berimbaus, tem o toque dos atabaques, tem o sabor do vatapá, as energias vibrantes dos orixás, tudo isso é cosmos, é vida. Com tantos desenhos de projetos emoldurando os meus dias, vai faltar tempo pra tantos gostos e possibilidades.

Aprendi até aqui que o topo da carreira não existe. Existe sim, um vale cheio de curvas, um rio, uma mata, uma várzea, um cerrado, um oásis, uma montanha, um deserto. Cada etapa da vida pode chegar numa curva perigosa, onde é preciso olhar com atenção, tomar distância, cuidar-se. Comecei esse Memorial em busca de uma voz narrativa que talvez estivesse escondida por trás da escrita, dos pensamentos cotidianos e não tão óbvios, procurei evitar os índices, critérios, fatores, escalas, medidas. Porém, vi que isso é quase impossível, antes de começar a escrever, as cartas já estavam na mesa. Esse é um momento de balanço, devo me embalar numa colina de muitos ventos, devo contar com os abismos.

O mais interessante até aqui é constatar que em todos os movimentos desse balanço, ou etapas da vida, como ficar melhor, a intriga biográfica atuou como dispositivo capaz de ornar o que era antes o esquecido em mim, numa verdadeira chave de recomposição, tomada de posição entre ética e estética. Chego à conclusão de que a vida andou se cruzando comigo e eu andei encontrando territórios diversos. Tenho vivido na universidade a liberdade para imaginar outras possibilidades, outros modos de ser que em nenhuma outra instituição teria. A tarefa do intelectual não é propriamente dar respostas mas pensar o não pensado, instaurar novas interrogações que podem nos levar a sair do lugar, a imaginar novos mundos e lutar por eles.

Nunca quis fazer uma teoria do território mas uma analítica, descobrir de onde vem os atos de marcar e demarcar os corpos para exercer sobre eles um certo tipo de poder, entender qual a conduta que estabelece os espaços segregados, controlados por um regime incontornável e fatalista de identidades rígidas, excludentes e hierárquicas. Como se decide que certos humanos não devem estudar, ter bons empregos, viver uma vida boa. No turbilhão atordoante de indagações refaço no dia-a-dia as dúvidas que atravessam, passam por mim, me pintando com novas padronagens e cores, recuso a palidez dos dias sem sol.

No roteiro dos próximos tempos, sigo buscando concluir o segundo volume do livro “Territórios do Axé”; o livro Olhares de África, projeto de longas décadas; devo também concluir a coletânea com depoimentos e entrevistas de pensadores que ficaram sobre os que se foram; novas curadorias, poesias; persisto, investindo em trocas de experiências, de saberes e em busca de novas aprendizagens, antropologia que segue.

O título do atual projeto de pesquisa, bolsa produtividade do CNPq é esse: “Orí, Ebó, Axé: quilombos, diásporas africanas poéticas e políticas”. **Orí**, quer dizer, cabeça, iluminação, memória, transcendência, caminho de conhecimento, consciência; **Ebó**, significa alimento, oferenda, celebração, cura e superação, movimento, deslocamento, encruzilhada, destino; **Axé**, representa energia, força, mobilização, marcos fixadores e revitalizadores das reivindicações e

lutas por reconhecimento, identidade política. Estes três conceitos metafísicos, cosmológicos e espirituais integram as poéticas e políticas da contemporaneidade e revelam o quilombo como gênese identitária da África e das Diásporas.

“O quilombo tornou-se o centro de nossa atenção sobretudo pela densidade dos significados que carrega nos diversos aspectos históricos, sociológicos, existenciais, reflexivos e de ação social. O quilombo emerge como forma de organização e resistência, entra na narrativa historiográfica da escravidão como insurgência ao regime colonial; chega à antropologia como forma social e categoria étnica; desloca-se em direção às categorias jurídicas como comunidade, nação e direito; movimenta-se no campo das artes, da cultura e do patrimônio para se transformar em forma social, projeto estético, memória e identidade” (Leite, I. B. Ori Ebó Axé - Projeto CNPq 2019-2021)

ORI EBÓ AXÉ, escolhas de vida que passam por certos encantamentos, me permite ir desenhando novos projetos e neles, através deles, me inscrevendo, numa Escrita que é a renovação do interesse pela vida. Comecei esse Memorial narrando um período de grande retrocesso democrático no país, que se seguiu por um período de abertura, de alargamento das oportunidades para os negros e negras, possibilitando o seu acesso à Educação e as carreiras profissionais, ao aprimoramento dos talentos, o começo de uma inclusão social. Terminei, contudo, com um aperto no coração ao ver que os atuais retrocessos ameaçam todas as conquistas das três últimas décadas. As comunidades quilombolas estão sendo constrangidas e criminalizadas. A Educação está sendo destruída, os direitos civis ameaçados. O momento exige persistência, paciência, união e força para manter os princípios éticos e os valores que nos conduziram até aqui.

Floripa, 11 de maio de 2019

REFERÊNCIAS

bibliografias citadas

ALMEIDA, Miguel Valle. *O Atlântico Pardo. Antropologia, pós-colonialismo e o caso "Lusófono"*. In: BASTOS, C. B. Feldman-Bianco. *Trânsitos coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais n. 25, 2002, p. 23-37.

ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. London, Verbo, 1983.

BANTON, Michael. *Racial Theories*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BARRET, Stanley R. *Anthropology: a student's guide to theory and method*. University of Toronto Press, 2ed. 1996.

BARTH, Fredrick. *Ethnic Groups, and Boundries: The Social organization of Cultural Difference*. London: George Allen and unwin. 1969.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BORGES PEREIRA, João Baptista. *Estudos antropológicos e sociológicos sobre o negro no Brasil*. In: Homenagem a Egon Schaden. Revista do Museu Paulista, Separata, 1971.

CANDAUI, Joel. *O jogo social da memória e da identidade: fundar, construir*. IN: Memória e Identidade. São Paulo: Contexto, 2018.

COHEN, Abner. *Custom and Politics in urban Africa: A Study of hausa Migrants in Yoruba Towns*. London: Routledge and kegan Paul, 1969.

_____. *Two-Dimensional Man – An Essay on the Anthropology of Power and Symbolism in Complex Society*. London, Routledge & Kegan Paul LTD., 1974.

COELHO, Ruy. 1920-1900. *Dias de Trujillo: um antropólogo brasileiro em Honduras*. São Paulo: Perspectiva/CESA- Sociedade Científica de Estudos de Arte. 2000.

COMAROFF, John L. and Jean Comaroff. *Ethnicity, Inc*. Chicago: The University of Chicago Press, 2009.

CHATTERJEE, Partha. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: Edufba/CEAO, 2004.

CLIFFORD, James. Marcus, George. (ed.) *Writing Culture; the poetics and politics of ethnography*. Berkeley, Los Angels, London: University of California Press, 1986.

_____. *Routes: travel and translations in the twentieth century*. Cambridge, Harvard University Press, 1997.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo, Editora 34, 1998.

- DUBAR, Claude. *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Edusp, 2009.
- DZIDZIENYO, Anani. *Triangular Mirrors and Moving Colonialisms*. In: *Mirrors or the Empire. Etnográfica*. Lisboa: ISCTE. Editora Celta. V. VI:1, 2002.
- ERIKSEN, Thomas Hylland. *Ethnicity and Nationalism: Anthropological Perspectives*. London: Pluto Press, 1993.
- EVANS-PRITCHARD, Edward Eian. (1940). *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva. 1978
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Porto: Paisagem, 1975
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1996.
- _____. *Genealogia del Racismo*. La Plata: Editorial Altamira, 1996.
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: UCAM, 2001.
- _____. *Entre campos: nações, cultura e o fascínio da Raça*. São Paulo: Annablume, 2007.
- GLAZER, Nathan; MOYNIHAN, Daniel (eds) *Ethnicity: Theory and Experience*. Cambridge: Harvard University Press, 1975.
- HOBBSBAWN, Eric e Terence Range (eds.) *The Invention of Tradition*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- MEMMI, Albert. *Portrait du colonisé précédé de Portrait du colonisateur*. Paris Gallimard, 1985.
- HARTMANN, Thekla. *A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros do século XIX*. São Paulo, Museu Paulista da Universidade de Paulo, 1975. 229 p., 76 figs. bibliografia. ("Coleção Museu Paulista", Série de Etnologia, vol. 1).
- HALL, Stuart. Race, articulation and societies structured in dominance. In: UNESCO. *Sociological Theories: race and Colonialism*. Paris: UNESCO, 1980, pp.:305-46.
- _____. The local and the global: globalization and ethnicity. In: King, Anthony (ed.) *Culture, globalization and the World-System*. London: Macmillan, 1991, pp.:19-40.
- _____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- IANNI, O.; CARDOSO, F. H. *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. São Paulo, Nacional, 1960.

- KAUFMAN, Stuart J. *Modern Hatreds: The Symbolic Politics of Ethnic War*. Ithaca: Cornell University Press, 2001.
- LEITE, Ilka. B. *Antropologia da Viagem: Escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.
- _____. *O Legado do Testamento: A Comunidade de Casca em Perícia*. Florianópolis: NUER; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- MARCUS, George & MYERS, Fred (eds.) *The traffic in Culture. Refiguring Art and Anthropology*. Berkeley: University of California Press. 1995.
- MBEMBE, Achille. *As formas africanas de auto-inscrição*. Estud. afro-asiát. [online]. 2001.
- McCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: race, gender and sexuality in the colonial context*. New York and London: Routledge, 1995. (em Portuguese, 2010).
- MEMMI, Albert. *Portrait du colonisé précédé de portrait du colonisateur*. Paris: Gallimard, 1985.
- MIGNOLO, W.D. *Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges, and border thinkings*. New Jersey: Princeton University Press 2000.
- MIRZOEFF, Nicholas (ed.). *Diaspora and Visual Culture: Representing Africans and Jews*. London: Routledge, 2000
- MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. *Revista da USP*, São Paulo(28) 56-63, dez-fev., 1996
- MOORE, Carlos. *A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro*. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.
- MOURA, Clóvis. *Correntes dos Estudos Africanistas no Brasil*. In: *Brasil: as raízes do protesto negro*. São Paulo, Global, 1983, p.76-99.
- MUDIMBE, V. Y. *The Idea of África*. Indiana: Indiana University Press, 1994.
- NASCIMENTO, Abdias. Nós. *Jornal Quilombo*, 1(1).1948, p. 1.
- _____. A diáspora negra no Brasil. 1994. IN: *Dialética Radical do Brasil Negro*. São Paulo: Editora Anita 1987. pp.134-140.
- _____. Quilombismo, um conceito emergente do processo histórico- cultural da população afro-brasileira. In: Nascimento, E. L. (org.). *Afrocentralidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. Coleção Sankofa, no. 4. São Paulo Selo Negro, 2009.

- OLIVEIRA, Roberto Cardoso 1988. *Sobre o Pensamento Antropológico*. Rio de Janeiro, Brasília: Tempo Brasileiro, CNPq, 1988.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP, EDUSC, 1999.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina”. Anuario Mariateguiano 9, 2007, no. 9: 113-21
- SAID, Edward. (1978) *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. São Paulo; Editora Cortez. 2010.
- SMITH, Anthony d. *The Ethnic Origins of Nations*. New York: Basil Blackwell INC. 1986.
- SPIVAK, G. C. *The Pos-colonial critic. Interviews, strategies, dialogues*. New York, London, Routledge, 1990.
- STOCKING, George W. *History of anthropology: observers observed; essays on ethnographic fieldwork*. Wisconsin, Teh University of Wisconsin Press, 1983.
- VEYNE, Paul (1978) *Como se escreve a história*. [s.l.] : Brasília, DF: Ed. da UnB, 2008.
- WADE, Peter. (1997) *Raza y Etnicidad en Latinoamérica*. Quito: Ediviones Abya Yala, 2000.
- WILLIAMS, Raymond.(1988) *Cultura*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992.
- ____. *Keywords*. London: Fontana, 1988.
- WHITE, Hayden. (1973). As ficções da representação factual. IN: SANCHES, Manuela Ribeiro. *Descolonizar a Europa: antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade*. Lisboa: Cotovia, 2005, p. 43-61.
- ZIZEK, Slavoj. “Liberdade é escravidão”, mostra Assange. IN: Outras Palavras. <https://outraspalavras.net/internetemdisputa/zizek-liberdade-e-escravidao-mostra-assange>. 2019.
- YOUNG, Robert J. C. *Post colonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackweel, 2002.

I - ATIVIDADE DE ENSINO: ORIENTAÇÕES

1.1 Graduação

Orientações e supervisões concluídas

- 1) Carolina Becker Peçanha. A presença das empresas brasileiras em Moçambique: o debate nos jornais moçambicanos – 2008 a 2013. 2013. Curso (Abi - Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) Julio Bastiani Göthe. entre o significado e a forma: uma releitura de Arte primitiva, de Franz Boas. 2011. Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 3) Juliana Faleiros Johnson. Indie: rock, moda e suas expressões em Curitiba- PR. 2011. Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 4) Fabiana Gonçalves dos Santos. Manifestos de coletivos de mulheres negras brasileiras: uma discussão sobre etnicidade e gênero. 2011. Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 5) Marliese Vicenzi Franco. Tata de Inquice Arolegy e comunidade terreiro Abassá de Odé: (re)construindo trajetórias. 2010. Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 6) Camila de Sousa. Etnografia e Missão religiosa: Alexander Henry Junod e "os usos e costumes Bantu". 2007. Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 7) Ângela Maria de Souza. Estética e identidade negra entre jovens em Florianópolis. 1994. Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.

1.2 Pós-Graduação

1.2.1 Mestrado

Orientações e supervisões em andamento

- 1) Isadora de Assis Bandeira. Cadeia, uma etnografia a partir de experiências prisionais de mulheres negras: interseccionalidade raça, gênero e sexualidade. 2018. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) Sandra Tanhote de Sousa. Trajetórias negras e racismo em dois movimentos: recuo e autoafirmação. 2018. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientações e supervisões concluídas

- 1) Yasser Socarrás Gonzalez. Je est un autre: a construção da invisibilidade negra no cinema cubano produzido pelo ICAIC. 2018. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) Carla Brito Sousa Ribeiro. que "afro"é esse no Afro Brasil?A concepção curatorial no Museu Afro Brasil. Parque Ibirapuera, São Paulo -SP. 2018. Dissertação (Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- 3) William Luis da Conceição. Brancura e branquitude: ausências, presenças e emergências de um campo em debate. 2017. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 4) Larisse Louise Pontes Gomes. Posso tocar no seu cabelo? Entre o “liso” e o "crespo": transição capilar, uma (re)construção identitária?. 2017. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 5) Igor Thiago Silva de Souza. Construindo o movimento: um estudo sobre o processo de mobilização do Moquibom e Aconerqu no Maranhão. 2016. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 6) Juliana Akemi Andrade Okawati. Estudantes Africanos na UFSC: (des) encantos extramuros na jornada acadêmica. 2015. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 7) Marino Leopoldo M Sungu. O Reino do Bailundo: identidade e soberania política no contexto do Estado nacional angolano atual. 2015. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 8) Charles Raimundo da Silva. Conexão Sul-Sul: fluxos diaspóricos: construções identitárias de angolanos em itajaí (SC) e suas relações com Angola no tempo presente. 2013. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 9) Milena Argenta. Marcas da etnicidade: indumentária e pertença étnica no Sudoeste de Angola. 2012. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 10) Nora Epifania Murillo Estrada. Nós continuamos lutando aqui: estudo etnográfico de identidades coletivas e estratégias de luta pelo reconhecimento dos Maya Achi. 2010. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 11) Alexandra Eliza Vieira Alencar. Dançando as novas africanidades: diálogos com os praticantes do maracatu e da dança afro em Florianópolis. 2009. Dissertação (Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de Santa Catarina.
- 12) Maria Eugênia Domingues. O Afro entre os imigrantes em Buenos Aires: reflexões sobre as diferenças. 2004. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- 13) Abel José Abreu de Oliveira. Rinkebysvenska: identidade e linguagem do jovem de origem estrangeira em um bairro de Stockholm, Suécia. 2002. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 14) Márcia Regina Calderipe Farias. Pesca e Sazonalidade no Camacho/SC: Um Estudo de Modos de Vida em Deslocamento. 2001. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 15) Jakzam Dalla Leite Kaiser. Ordem e Progresso - O Brasil dos Gaúchos. 1998. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 16) Rosana Maria Badalotti. A invenção do Município: O Jogo das Identidades Locais e Regionais. 1996. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

- 17) Aloisio Luiz dos Reis. *Brinca Quem Pode: Territorialidade e (in)Visibilidade Negra em Laguna SC*. 1996. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 18) Raquel Mombelli. *Mi soi Italian gracia a dio: identidade étnica e separatismo no Oeste Catarinense*. 1996. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 19) Jorge Luis Mattar Villela. *A Organização Espacial do Cangaço sob a Chefia de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião (1922-38) ou Como Produzir Território em Movimento*. 1995. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 20) Nadja Miranda de Carvalho. *Arte-educação e etnicidade: elementos para uma interpretação da experiência educativa do grupo Olodum*. 1994. Dissertação (Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 21) Márcio Pizarro Noronha. *Máscara de Metamorfose: representações sociais sobre o corpo masculino em halterofilistas e bailarinos*. 1993. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 22) Mirian Furtado Hartung. *Nascidos na fortuna - O Grupo do Fortunato - identidade e relações interétnicas entre descendentes de africanos e europeus no litoral catarinense*. 1992. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 23) Lisabete Coradini. *Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis*. 1992. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 24) Pedro Martins. *Anjos de cara suja: etnografia da comunidade cafuza de Jozé Boiteux*. 1991. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 25) Vera Iten Teixeira. *De Negros a Adventistas, em busca da salvação: estudo de um grupo rural em Santa Catarina*. 1990. Dissertação (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

1.2.2 Doutorado

Orientações e supervisões em andamento

- 1) Lunia Dias. *Entre famílias e festas: Sobre narrativas e modos de fazer política na Comunidade Quilombola de Pinhões* Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) Pedro Antônio Dias. *Protagonismo do Brasil na África: Uma janela de oportunidades para Guiné-Bissau?* Tese (Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 3) Larisse Louise Pontes Gomes. *Estética e produção discursiva*. 2018. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 4) Yérsia Souza de Assis. *História e cultura africana e afro-brasileira nos currículos universitários: entrecruzamentos educacionais Brasil – Angola*. 2016. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientações e supervisões concluídas

- 1) Mauricio Pardo Rojas. *Movimento social negro da região do litoral pacífico na Colômbia*. 2016. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) Alexandra Eliza de Alencar. *É de baque virado: diálogos com os mestres de maracatu do Recife (PE) e as políticas de patrimônio do Estado*. 2015. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 3) Augusto Marcos Fagundes Oliveira. *Etnicidades e sagrado: êxodos e identidade na Missa dos Quilombos*. 2015. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 4) Marcos Farias de Almeida. *Desantropomorfização no movimento de famílias rurais negras em Mimoso do Sul/ES*. 2014. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 5) Esmael Alves de Oliveira. *Qualquer semelhança não é mera coincidência: o HIV/SIDA no cinema de Moçambique*. 2014. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 6) Raquel Mombelli. *Visagens e profecias: ecos da territorialidade quilombola*. 2009. Tese (Programa de Pós Graduação em Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 7) Luis Cardoso e Cardoso. *A Constituição Local: direito e território quilombola na Comunidade de Bairro Alto, Ilha de Marajó, Pará*. 2008. Tese (Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 8) Frank Nilton Marcon. *Leituras Transatlânticas: diálogos sobre identidade e romance de Pepetela*. 2005. Tese (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 9) Osvaldo Martins de Oliveira. *O Projeto Político do território negro de Retiro e suas lutas pela titulação das terras*. 2005. Tese (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina.
- 10) Laís Maretta Cardia. *O meu lugar é aqui: trajetórias e memórias de colonos e seringueiros para Rio Branco, Acre uma abordagem antropológica*. 2004. Tese (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina.

1.2.3 Pós-Doutorado

Orientações e supervisões concluídas

- 1) Marcia Regina Calderipe Farias. 2019. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) Bruno Reinhardt. 2018. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina. *Supervisão durante o período de 2017 - 2018*
- 3) Sonia Vespeira de Almeida. 2013. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Nova de Lisboa. *Supervisão durante o período de 2010 - 2013*
- 4) Ricardo Cid Fernandes. 2012. Supervisão de pós-doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 5) Lisabete Coradini. 2008. Supervisão de pós-doutorado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Iniciação científica

- 1) Julia Bercovich. Ori Ebo Axe. 2018. Iniciação científica (Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) Romulo Bassi Piconi. *Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora*. 2012. Iniciação científica (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 3) Willian Luiz da Conceição. *Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora*. 2011. Iniciação científica - Universidade do Estado de Santa Catarina

- 4) Arilda Nanci Passos Cerqueira. Os termos atribuídos à população de origem africana do Brasil de acordo com os censos do IBGE: uma reflexão. 1994. Iniciação científica (Ciências Sociais) -Universidade Federal de Santa Catarina
- 5) Arilda Nanci Passos Cerqueira. Os termos atribuídos à população de origem africana do Brasil de acordo com os censos do IBGE - uma reflexão. 1990. Iniciação científica (Ciências Sociais) -Universidade Federal de Santa Catarina

Orientação de outra natureza

- 1) Nsimba José. Kadila: Culturas e ambientes. 2015. Orientação de outra natureza (Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 2) Manoel da Silva Domingos. Kadila: Culturas e ambientes. 2015. Orientação de outra natureza (antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 3) Maria Teresa José Manoel Rodrigues Aço. Kadila: Culturas e ambientes. 2015. Orientação de outra natureza (Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 4) Abel Noé Miguel Pedro. Kadila: Culturas e ambientes. 2015. Orientação de outra natureza (Antropologia) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 5) Luciana de Freitas Silveira. Estudos Afro-Brasileiros como parte do currículo do curso de ciências sociais. 2012. Orientação de outra natureza (Abi - Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 6) Jordi Angelo Timón Frias. Estudos Afro-Brasileiros como parte do currículo do curso de ciências sociais. 2011. Orientação de outra natureza (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 7) Jordi Timon Frias. Projeto Bibliografia Afro-brasileira do NUER. 2010. Orientação de outra natureza (Abi - Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina
- 8) Margarida Paredes. Estudos comparados em teoria pós-colonial: Portugal, Angola, Brasil. 2007. Orientação de outra natureza (Estudos Africanos) - Universidade de Lisboa
- 9) Ana Rita Alves. Quilombos em Santa Catarina: patrimônio cultural imaterial. 2007. Orientação de outra natureza - Universidade Nova de Lisboa.

II - ATIVIDADES DE PRODUÇÃO INTELECTUAL

1. Publicação de artigos em periódicos científicos

- 1) LEITE, Ilka Boaventura; LEITE, Ilka Boaventura. Estudos Afro-brasileiros na UFSC. Caderno Textos e Debates. , v.16, p.13 - 26, 2018.
- 2) LEITE, Ilka Boaventura; Ferreira, Luiza Brandes de Azevedo; BRITO, Evandro de Oliveira. Uma trajetória transdisciplinar. Ilha. Revista de Antropologia (Florianópolis). , v.18, p.279 - 310, 2016.
- 3) LEITE, ILKA BOAVENTURA The Brazilian quilombo: 'race', community and land in space and time. Journal of Peasant Studies. , v.20, p.1 - 16, 2015.
- 4) LEITE, Ilka Boaventura. Religião, Arte e Patrimônio Cultural. Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião (Online). , v.11, p.840 - 842, 2013.
- 5) LEITE, Ilka Boaventura; FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. A escravidão nas rotas da Arte e da Ciência. História Viva (São Paulo). , v.2, p.52 - 57, 2010.
- 6) LEITE, Ilka Boaventura. O Projeto Político Quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. Revista Estudos Feministas. , v.16, p.985 - 977, 2009.
- 7) LEITE, Ilka Boaventura. Sobre a escrita etnográfica, ética e perícia. Ilha. Revista de Antropologia (Florianópolis). , v.10, p.330 - 338, 2009.
- 8) LEITE, Ilka Boaventura; QUEIROZ, Sônia; Castro, Ieda Pessoa. O toque dos tambores e os ritmos da liberdade. Minas Gerais. Suplemento Literário. , v.Esp, p.20 - 23, 2008.
- 9) LEITE, Ilka Boaventura. Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora. Tomo (UFS). , v.10, p.59 - 75, 2008.
- 10) LEITE, Ilka Boaventura. Parecer técnico conclusivo do relatório sobre Morro Alto. Boletim Informativo Nuer. , v.2, p.132 - 143, 2005.
- 11) LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos: questões conceituais e normativas. Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural. , v.01, p.01 - 05, 2003.
- 12) LEITE, Ilka Boaventura; SANTIAGO, Jorge P.; HÉBRARD, Veronique Le nouveau visage des vieilles intolérances ethniques. ALEPH. , v.10, p.19 - 40, 2002.
- 13) LEITE, Ilka Boaventura. Os quilombos no Brasil: questões conceituais e normativas. Etnográfica (Lisboa). , v.4, p.333 - 354, 2001.
- 14) LEITE, Ilka Boaventura. Pluriethnicidade e intolerâncias no Sul do Brasil. Bulletin Of The International Committee On Urgent Anthropological And Ethnological Research. , v.40, p.197 - 204, 2000.
- 15) LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos no Brasil. Questões Conceituais e Normativas. , v.7, p.1 - 38, 2000.
- 16) LEITE, Ilka Boaventura; FONSECA, Claudia Lee Williams. Quilombos e Quilombolas: Cidadania ou Folclorização?. Horizontes Antropológicos. , v.10, p.123 - 150, 1999.
- 17) LEITE, Ilka Boaventura. Black Territories: Identity, Ethnicity and Politics. New Contree. , 1997.
- 18) LEITE, Ilka Boaventura; DWYER, Eliane Cantarino O; DORIA, Siglia Zambrotti; MARIN, Rosa Elizabeth, Acevedo; ANDRADE, Lucia; GUSMÃO, Neusa Mendes de; SILVA, Dimas Salustiano As Classificações Étnicas e as Terras de Negros no Sul do Brasil. Terra de Quilombos Caderno da Associação Brasileira de Antropologia. , v.1, p.111 - 119, 1995.
- 19) LEITE, Ilka Boaventura; MACHADO, M. H. A Mulher Médica e o Mercado de Trabalho. Cadernos do Internato Rural. , v.II, 1993.
- 20) LEITE, Ilka Boaventura. Invisibilidade Étnica e Identidade: Negros em Santa Catarina. Encontros Com a Antropologia I Identidade Imigração e Memória. , v.1, p.63 - 71, 1993.
- 21) O TLEITE, Ilka Boaventura. Percorrendo O Território Negro. Boletim da Associação Brasileira de Antropologia. , v.14, p.08 - , 1993.
- 22) LEITE, Ilka Boaventura. Identidad Y Ciudadania de Negros en Brasil - 500 años de Confusión entre Desigualdad y Diferencia. CON-TEXTOS. , p.25 - 33, 1991.
- 23) LEITE, Ilka Boaventura. Territórios Negros em Área Rural e Urbana - Algumas Questões. Textos e Debates. , v.2, 1991.
- 24) LEITE, Ilka Boaventura. Os Sentidos de Cor e as Impurezas do Nome: Termos Atribuídos à População Negra no Brasil. Cadernos de Ciências Sociais (Porto). , 1988.
- 25) LEITE, Ilka Boaventura. Recado de João para João. Travessia Revista do Programa de Pós Graduação Em Literatura Brasileira. , v.15, p.15, 1987.
- 26) LEITE, Ilka Boaventura. La Médica y el Mercado de Trabajo. Cuadernos Médicos Sociales. , v.35, p.25 - 33, 1986.
- 27) LEITE, Ilka Boaventura. Viagem aos Relatos da Viagem. Agora Revista do Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. , v.4, 1986.

2. Publicação de livros

- 1) Vieira, A. E. A; REINHARDT, B.; SEVERO, C. G.; CAMPOS, N. J.; LIMA, H. E.; FRANCO, M. V.; BUSEPINHEIRO, T. J.; LEITE, Ilka Boaventura; LEITE, ILKA BOAVENTURA. Territórios do Axé: religiões de matriz africana em Florianópolis e municípios vizinhos. Florianópolis: NUER/UFSC, 2017, v.500. p.144.
- 2) LEITE, Ilka Boaventura. O Legado do Testamento: a Comunidade de Casca em perícia - 2ª ed.. Porto Alegre/Florianópolis : Editora da UFRGS/NUER, 2004 p.438.
- 3) LEITE, Ilka Boaventura. O Legado do Test amento: A Comunidade de Casca em Perícia. Florianópolis : NUER/UFSC, 2002, v.01. p.436.
- 4) LEITE, Ilka Boaventura. Antropologia da Viagem: Os Negros em Relatos do Século XIX. Belo Horizonte : UFMG, 1996, v.1000. p.269.

3. Organização de livros

- 1) LEITE, Ilka Boaventura; SEVERO, Cristine Gorski; ACO, Samuel Rodrigues; SUNGO, Marino Leopoldo; DINIZ, José Nilo Bezerra; MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire; PAULA, Simoni Mendes de; CAMPOS, Nazareno José de; ARGENTA, Milena; MARCON, Frank Nilton; JOSÉ, Nsimba; SASSUCO, Daniel Perez; OLIVEIRA, Heloísa Tramontim de; CAMOZZATO, Nathalia Muller; PAULA, Ronaldo Rodrigues de; DUARTE, Fábio Bomfim; RAIMUNDO, Charles; OKAWATI, Juliana; FERNANDES, Sueli Tosta Kadila: culturas e ambientes - diálogos Brasil -Angola. São Paulo : Blucher, 2016, v.200. p.444.
Disponível em: <https://www.blucher.com.br/home/busca?termo=kadila>
- 2) LEITE, Ilka Boaventura; FERNANDES, Ricardo Cid; MOMBELLI, Raquel. Boletim Informativo do NUER - Quilombos no Sul do Brasil: perícias antropológicas. Florianópolis: NUER-UFSC, 2006, v.1000. p.311.
- 3) LEITE, Ilka Boaventura; BASTOS, Rafael J de M; GROSSI, Miriam Pillar; HARTUNG, Miriam Furtado; LANGDON, Esther Jean; MALUF, Sônia Weidner; RIAL, Carmem Silvia; RIFIOTIS, Theophilos; SAEZ, Oscar Calavia; SANTOS, Sílvio Coelho dos; TASSINARI, Antonella; CASTELLS, Alicia de. Laboratório de Antropologia Social da UFSC. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFSC, 2006, v.2000. p.16.
- 4) LEITE, Ilka Boaventura. Boletim Informativo do NUER - Territórios Quilombolas: reconhecimento e titulação das terras. Florianópolis : NUER, 2005, v.1. p.262.
- 5) LEITE, Ilka Boaventura; ANJOS, José Carlos Gomes dos; BARCELLOS, Dayse; CASTILHO, Ela Wiecko Wolckmer; Chagas, Miriam de Fátima; DWYER, Eliana Cantarino O; FERNANDES, Ricardo Cid; HARTUNG, Miriam; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; OLIVEN, Ruben George; SANTOS, Sílvio Coelho dos; CARREIRA, Elaine de Amorim; COLMEGNA, Paula; DARELLA, Maria Dorothea Post. Laudos periciais antropológicos em debate. Florianópolis : ABA/NUER, 2005, v.1. p.288.
- 6) LEITE, Ilka Boaventura. Consciência Negra do Brasil: os principais livros. Belo Horizonte : Mazza Edições, 2002, v.01. p.111.
- 7) LEITE, Ilka Boaventura; MAFESSOLI, Michel; ANTELO, Raúl; BASTOS, Rafael José de Menezes; SANTOS, Sílvio Coelho dos; RIAL, Carmem Silvia; LARAIA, Roque de Barros; SOARES, Luiz Eduardo; BRASIL, Gilberto Assis; CORRÊA, Mariza. Ética e Estética na Antropologia. Florianópolis : PPGAS/UFSC/CNPq, 1998, v.1000. p.136.
- 8) LEITE, Ilka Boaventura. Negros no Sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade. Florianópolis : Letras Contemporâneas, 1996, p.284.

4. Publicação de capítulos de livros

- 1) LEITE, Ilka Boaventura; LEIDGENS, C.; MUNANGA, Kabengele; HOUTART, F.; PANHUYS, H.; FERRETI, S.; DOMINGUES, P.; CAUJOLLE, C.; LEITE, Ilka Boaventura. Frechal, pioneiro da luta quilombola no Brasil In: Frechal quilombo pioneiro do Brasil: da escravidão ao reconhecimento de uma comunidade afrodescendente.01 ed. São Paulo : Edições Sesc São Paulo, 2018, p. 123-127.
- 2) ALMEIDA, A. W. B.; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; Farias Jr, Emmanue de Almeida; Martins, Cynthia Carvalho; Ratts, Alex; SANTOS, C. A. B. P.; Lourenço, Sonia Regina; Silva, Sandro José da; Ferreira, Simone Raquel Batista; Silva, Larisse Albuquerque; Guimarães, Aissa Afonso; Costa, João Batista de Almeida; MOMBELLI, Raquel; Carvalho, Ana Paula Comin; Marques, Carlos Eduardo; ARRUTI, José Mauricio Andion; DWYER, Eliane Cantarino O; Costa Filho, Aderval; LEITE, Ilka Boaventura; Mitidieri, Leando Diásporas africanas e direitos territoriais: as várias dimensões do quilombo no Brasil In: Direitos quilombolas & dever de Estado em 25 anos da Constituição Federal de 1988.01 ed.Rio de Janeiro : Associação Brasileira de Antropologia, 2016, v.1, p. 289-304.
- 3) LEITE, ILKA BOAVENTURA. O sertão e o Deserto: diásporas, transumâncias e as deambulações cosmoagônicas de Ruy Duarte de Carvalho In: Kadila: Culturas e ambientes -diálogos Brasil-Angola.1, 2016, p. 277-298.
- 4) LEITE, ILKA BOAVENTURA. Samuel Aço - depoimento In: Samuel Aço - depoimento.1 ed.São Paulo : Blucher, 2016, v.1, p. 23-26.
- 5) LEITE, Ilka Boaventura. Terras de quilombos In: Antropologia & Direito: temas antropológicos para debates jurídicos.1 ed.Brasília, Blumenau : ABA/ Nova Letra, 2012, p. 1-12.
- 6) GLEDHILL, J.; LEITE, Ilka Boaventura. The transhistorical, juridical-formal, and post-utopian quilombo In: New approaches to resistance in Brazil and Mexico ed.Durham : Duke University Press, 2012, p. 250-268.
- 7) ALMEIDA, A. B. W.; LEITE, Ilka Boaventura. Humanidades Insurgentes: conflitos e criminalização dos quilombos In: Nova Cartografia Social: territórios quilombolas e conflitos ed.Manaus : Nova Cartografia/UEA, 2010, p. 17-40.
- 8) RIFIOTIS, Theophilos; SANTOS, Sílvio Coelho dos; LEITE, Ilka Boaventura; GROSSI, Miriam Pilar; Adorno, Sergio; Rodrigues, T. H. Humanidades insurgentes: conflito e criminalização dos quilombos In: Direitos Humanos: discursos críticos e temas contemporâneos ed.Florianópolis : Editora da UFSC, 2008, p. 89-114.
- 9) Limogi, Fernando; Reis, Bruno P. Wanderley; VIANNA, Luis Werneck; SADEK, Maria Tereza Aina; RAMALHO, J. R.; LIMA, Roberto Kant; Adorno, Sergio; OLIVEIRA, J. P.; LEITE, Ilka Boaventura; ROSEMBERG, Fulvia; CARRARA, S.; VIANNA, Adriana de Resende B; LESSA, Renato Os Quilombos e a Constituição Brasileira In: A Constituição de 1988 na vida brasileira ed.São Paulo : Aderaldo & Rothschild, Hucitec, Anpocs, 2008, p. 276-295.
- 10) LEITE, Ilka Boaventura; Cardoso, Vania Z. Questões éticas na entrada e saída do campo In: Diálogos transversais em antropologia ed.Florianópolis : PPGAS/CAPEs, 2008, p. 33-43.
- 11) LEITE, Ilka Boaventura; Zanini, Maria Catarina; Seyfert, Giralda; ECKERT, C.; Borges Pereira, João Baptista As políticas afirmativas e o revival da mestiçagem no Brasil In: Por que Raça? ed.Santa Maria – RS. Edi.UFSM, 2007, v.1, p. 131-150.
- 12) LEITE, Ilka Boaventura; FERNANDES, Ricardo Cid; MOMBELLI, Raquel. Fronteiras Territoriais e questões teóricas: a antropologia como marco In: Boletim Informativo do NUER: Quilombos no Sul do Brasil: perícias Antropológicas.3 ed.Florianópolis : NUER-UFSC, 2006, v.3, p. 7-14.
- 13) LEITE, Ilka Boaventura; FERNANDES, Ricardo Cid; MOMBELLI, Raquel. Relatórios Antropológicos: Casca-RS. In: Boletim Informativo do NUER: Quilombos no Sul do Brasil: As perícias antropológicas. 3ed. Florianópolis : NUER-UFSC, 2006, v.3, p. 187-278.
- 14) LEITE, Ilka Boaventura. Debatendo a carta In: Laudos Periciais Antropológicos em Debate.1 ed.Florianópolis : ABA/NUER, 2005, v.1, p. 45-52.

- 15) LEITE, Ilka Boaventura; SANTOS, Silvio Coelho dos; OLIVEN, Ruben George; CASTILHO, Ela Wiecko Wolckmer; Chagas, Miriam de Fátima; BARCELLOS, Dayse; ANJOS, José Carlos Gomes dos Os Laudos Periciais: um novo cenário na prática antropológica In: Laudos Periciais Antropológicos em Debate ed. Florianópolis : ABA/NUER, 2005, v.1, p. 15-28.
- 16) ALMEIDA, A. W. B.; LEITE, Ilka Boaventura; HARTUNG, Miriam Furtado; MOMBELLI, Raquel; ARRUTI, José Mauricio Andion; ROCHA, Maria Elizabeth Guimarães Teixeira; BRAGA, Claudio; TRECANI, Girolamo. Relato sobre o estado atual das perícias realizadas pelo NUER In: Boletim Informativo do NUER - Territórios Quilombolas.2 ed. Florianópolis : NUER/UFSC, 2005, v.2, p. 59-72.
- 17) LEITE, Ilka Boaventura. Questões éticas da pesquisa antropológica na interlocução com o campo jurídico In: Antropologia e Ética. O debate atual no Brasil ed. Niterói : Editora da Universidade Federal Fluminense, 2004, v.1, p. 65-72.
- 18) LEITE, Ilka Boaventura. Theories of mestizaje in Latin America In: Comparative History of Latin American Literary Culture ed. : Oxford, 2004, v.3
- 19) LEITE, Ilka Boaventura; BASTOS, Rafael José de Menezes; ANTELO, Raúl; CORRÊA, Mariza; MAFESSOLI, Michel; RIAL, Carmem Silvia; SANTOS, Silvio Coelho dos Escrever o texto, polir o olhar In: Ética e Estética na Antropologia ed. Florianópolis : PPGAS/CNPq, 1998, p. 41-46.
- 20) LEITE, Ilka Boaventura; OLIVEN, Ruben George; MARTINS, P.; HARTUNG, Miriam Furtado; BARCELLOS, Daisy Macedo de; TEIXEIRA, V. I.; PEDRO, Joana Maria. Descendentes de africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação In: Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996, p. 37-53.
- 21) LEITE, Ilka Boaventura. O Lugar do Não-Cidadão e da Não-Identidade In: O Negro: Identidade e Cidadania ed. Recife : Fundação Joaquim Nabuco, 1996, v.4
- 22) LEITE, Ilka Boaventura. Classificações étnicas e as terras de negros no sul do Brasil In: Terra de Quilombos.1 ed. Rio de Janeiro : [s.n.], 1995, p. 111-119.
- 23) LEITE, Ilka Boaventura. As Fronteiras do Exótico: O Antropólogo e Viajante In: Identidade e Representação ed. Florianópolis: UFSC, 1994, p. 349-359.
- 24) LEITE, Ilka Boaventura. Identidade Negra e Expressão Literária: o visível e o invisível em Cruz e Sousa In: CRUZ E SOUSA: No Centenário de Broqueis e Missal ed. Florianópolis: UFSC, 1994, p. 97-101.

5. Publicação de trabalhos em anais científicos

Completo

- 1) LEITE, Ilka Boaventura. Discriminação Étnico-Cultural Como Fator Interveniente na Educação In: Seminários Educação, 1995, Cuiabá., 1995.
- 2) LEITE, Ilka Boaventura. Identidade Étnica e a Recriação de Valores Culturais no Meio Negro In: V - Encontro de Ciências Sociais do Nordeste, 1991, Recife. , 1991.
- 3) LEITE, Ilka Boaventura. A Quien Atiende: El Atendiente un Caso de Renegación In: II Encuentro Latinoamericano de Psicología Marxista y Psicoanálisis, 1990, Havana, Cuba.. , 1990.
- 4) LEITE, Ilka Boaventura. Escravidão Negra no Brasil In: II Encontro Estadual de História, 1990, Florianópolis.. , 1990.

Resumo

- 1) LEITE, ILKA BOAVENTURA; NAMPOCA, Ezra Alberto Chambal; AMANCIO, Helder Pires. Arte contemporânea e diásporas: contrapontos Brasil-Moçambique. In: Diálogos com Moçambique: celebrando o 41º aniversário da Independência, 2017, Florianópolis. Diálogos com Moçambique: celebrando o 41º aniversário da Independência. Florianópolis: NUER, 2017. v.1.
- 2) LEITE, Ilka Boaventura; ALMEIDA, Sonia Vespeira de Arte, Identidade e Poder. In: Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, 2009, Lisboa. Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia. , 2009.
- 3) Sanches, Manuela Ribeiro; LEITE, Ilka Boaventura; Gilroy, Paul; DIAS, José Fernandes; Almeida, Miguel Vale A Europa por inteiro: um território negro-africano no coração da cidade In: Europe in Black and White, 2007, Lisboa.
- 4) LEITE, Ilka Boaventura. O decreto 4887 e as políticas públicas que o implementam. In: III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, 2004, São Luís. Anais do III Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. , 2004. v.1. p.74 - 74
- 5) LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos: redefinindo experiências de mobilização e lutas pelo reconhecimento oficial. In: Reunião de Antropologia do Mercosul, 2003, Florianópolis. Anais da Reunião de Antropologia do Mercosul. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2003. v.1. p.74 - 74
- 6) LEITE, Ilka Boaventura. Antropologia, Diversidade Cultural e Cidadania In: Fórum Antropologia, Diversidade Cultural e Cidadania, 1999, Porto Alegre. 51a. Reunião Anual da SBPC. , 1999. v.1. p.1.
- 7) LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização? In: Antropologias Brasileiras: na viragem do milênio, 1999, Lisboa.
- 8) LEITE, Ilka Boaventura. 1999? In: Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 1998, Vitória. Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. , 1998. v.1.

6. Artigos em jornal de notícias

- 1) LEITE, Ilka Boaventura. A Dança e a Música dos Negros em Minas Gerais Segundo os Viajantes Estrangeiros do Século XIX Minas Gerais. Suplemento Literário, v.1033, p.06, 1986.
- 2) LEITE, Ilka Boaventura. Je Vous Salue, Ercília. Jornal de Santa Catarina. Suplemento Cultural, v.3, 1986.
- 3) LEITE, Ilka Boaventura. Vamos tirar nossos arquivos do esquecimento. Jornal O Estado. 1984.
- 4) LEITE, Ilka Boaventura. Memória Cultural (uma reflexão necessária). Jornal O Estado. 1983.

Apresentação de trabalhos e Palestras

- 1) LEITE, Ilka Boaventura; CORADINI, L.; Noronha, Isabel. Junod - debate do filme, 2009. Evento: Ciclo de Debates África Contemporânea II; Inst.promotora/financiadora: NUER/UFSC, NAVIS/UFRN e Universidade Politécnica de Moçambique.
- 2) LEITE, Ilka Boaventura; ANTELO, Raúl. O Gesto Público da Arte: conversas em torno da arte pública em diversos contextos, 2009. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho)

- 3) LEITE, Ilka Boaventura; CORADINI, L. Trilogia das Novas Famílias, 2009. (Seminário, Apresentação de Trabalho) Referências adicionais : Brasil/Português; Local: Universidade Federal de Santa Catarina; Cidade: Florianópolis; Evento: Ciclo de Debates África Contemporânea; Inst.promotora/financiadora: NUER/UFSC, NAVIS/UFRN e Universidade Politécnica de Moçambique
- 4) LEITE, Ilka Boaventura. Artes em Deriva: panos e capulanas em mundos entrelaçados, 2008.
- 5) LEITE, Ilka Boaventura. Comunidades Quilombolas: a experiência do NUER, 2008. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho) Referências a dicionais : Brasil/Português; Local: FAFICH-UFMG; Cidade: Belo Horizonte; Evento: Palestra no PPGAS -FAFICH/UFMG; Inst.promotora/financiadora: Programa de Pós-Graduação em Antropologia
- 6) LEITE, Ilka Boaventura. Laudos antropológicos em debate: problemas e desafios da perícia antropológica, 2008.
- 7) LEITE, Ilka Boaventura. Metamodernismo e diáspora na teoria pós-colonial, 2008. (Outra, Apresentação de Trabalho) Evento: Diálogos Transversais em antropologia; Inst.promotora/financiadora: PPGAS- laboratório de Antropologia.
- 8) LEITE, Ilka Boaventura. Protocolo de Ética na Pesquisa e Perícia Antropológica, 2008. Evento: Simpósio Perícia Antropológica e a Defesa dos Direitos Sócio-Culturais no Brasil; Inst.promotora/financiadora: ABA
- 9) LEITE, Ilka Boaventura. The Trans-historical, juridical formal and post-utopian quilombot (first part), 2007. Evento: First Seminar Project Rethinking Histories of Resistance in Brzil and Mexico; Inst.promotora/financiadora: University of Manchester e Arts and Humanities Council (AHRC)
- 10) LEITE, Ilka Boaventura. The Trans-historical, Juridical-formal and Post-utopian Quilombo(second part), 2007. Evento: Rethinking Histories of Resistance in Brzil and Mexico Project - Second Seminar; Inst.promotora/financiadora: University of Manchester - AHRC
- 11) LEITE, Ilka Boaventura. A presença negra na Amazônia, 2005. Evento: IX Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste; Inst.promotora/financiadora: UFAM/ABA/UFRR
- 12) LEITE, Ilka Boaventura. Etnicidades Emergentes e situação Quilombola na sessão sobre Direitos Humanos e Globalização, 2005. Evento: V Fórum Social Mundial; Inst.promotora/financiadora: Associação Brasileira de Antropologia.
- 13) LEITE, Ilka Boaventura. Regularização de Terras de Quilombos e o Trabalho do Antropólogo , 2005. Evento: Reunião de Trabalho da ABA; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Maranhão.
- 14) LEITE, Ilka Boaventura. As comunidades Quilombolas hoje, 2004. Evento: Quilombo, a construção de um novo direito; Inst.promotora/financiadora: Advocacia Geral da União - Centro de Estudos Victor Nunes Leal
- 15) LEITE, Ilka Boaventura. Lançamento do livro: O Legado do Testamento, 2004. Evento: II Seminário Sustentabilidade e Diversidade Sociocultural; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 16) LEITE, Ilka Boaventura. Levantar Quilombos: pressupostos, métodos, conceitos e efeitos sociais das experiências de mapeamento de comunidades negras rurais no Brasil, 2004. Evento: XXIV Reunião Brasileira de Antropologia.
- 17) LEITE, Ilka Boaventura. Negros no sul do Brasil, 2004. Evento: Antropologia Social II; Inst.promotora/financiadora: Curso de Serviço Social
- 18) LEITE, Ilka Boaventura; MOMBELLI, Raquel. Os territórios negros no sul do Brasil: a experiência do NUER, 2004. Evento: XXIV Reunião Brasileira de Antropologia; Inst.promotora/financiadora: Associação Brasileira de Antropologia
- 19) LEITE, Ilka Boaventura. Políticas de identidade no Brasil, 2004. Evento: Trajetória dos 25 anos do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da UFRN; Inst.promotora/financiadora: PGCS
- 20) LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos, 2004. Evento: VI Encontro Nacional da 6ª Câmara de Coordenação e Revisão; Inst.promotora/financiadora: 6ª Câmara de Coordenação e Revisão
- 21) LEITE, Ilka Boaventura. Trajetória dos 25 anos do PPGS, 2004. Evento: Trajetória dos 25 anos do PPGS; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Rio Grande do Norte
- 22) LEITE, Ilka Boaventura. Comunidades Remanescentes de Quilombos - Diálogos, 2003. III Forum Social Mundial; Cidade: Porto Alegre; Inst.promotora/financiadora: Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS
- 23) LEITE, Ilka Boaventura. Conceituação de Quilombo, 2003. Serviços Coletivos Prestados Pela Administração Pública Na Esfera da Justiça
- 24) LEITE, Ilka Boaventura. Invisibilidade e Territorialidade Negra, 2003. Departamento de Serviço Social - UFSC; Cidade: Florianópolis; Inst.promotora/financiadora: Curso de Serviço Social
- 25) LEITE, Ilka Boaventura. Laudos Periciais em Antropologia, 2003. Evento: V Reunião de Antropologia do Mercosul; Inst.promotora/financiadora: PPGAS e Departamento de Antropologia.
- 26) LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos no Brasil: pesquisas e laudos para reconhecimento e titulação de terras, 2003. I Encontro "Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional".
- 27) LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos no Brasil: pesquisas e laudos para reconhecimento e titulação de terras, 2003. Evento: I Encontro de Castro - Escravidão e liberdade no Brasil Meridional; Inst.promotora/financiadora: Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esporte
- 28) LEITE, Ilka Boaventura. Regularização Fundiária de Terras de Quilombos, 2003. (Conferência ou palestra, Apresentação de Trabalho. Inst.promotora/financiadora: IACOREQ - Instituto de Assessoria as Comunidades Remanescentes de Quilombos
- 29) LEITE, Ilka Boaventura. A Carta de Ponta das Canas e o Acordo de Cooperação Técnica ABA/Ministério Público, 2002. Evento: 23ª Reunião Brasileira de Antropologia; Inst.promotora/financiadora: ABA
- 30) LEITE, Ilka Boaventura. Aspectos culturais da discriminação racial na sociedade brasileira, 2002. Evento: I Audiência Pública Discriminação Racial e Ações Afirmativas em Santa catrina: Saúde, Educação e Trabalho; Inst.promotora/financiadora: Ministério Público Federal, Procuradoria. Federal dos Direitos do Cidadão, Procuradoria Regional dos Direitos do Cidadão - SC
- 31) LEITE, Ilka Boaventura. Cultura Negra e Políticas de identidade, 2002. Evento: V Encontro Internacional Fazendo Gênero; Inst.promotora/financiadora: UFSC
- 32) LEITE, Ilka Boaventura. Ensino de Antropologia: Diagnóstico, Mudanças e Novas Inserções no Mercado de Trabalho, 2002. Evento: Ensino de Antropologia: Diagnóstico, Mudanças e Novas Inserções no Mercado de Trabalho; Inst.promotora/financiadora: ABA
- 33) LEITE, Ilka Boaventura. Escritas transversais: casa grande & senzala e a literatura de viagens, 2002. Evento: 23ª Reunião Brasileira de Antropologia; Inst.promotora/financiadora: ABA.
- 34) LEITE, Ilka Boaventura. Laudos Periciais Antropológicos, 2002. Evento: 23ª Reunião Brasileira de Antropologia; Inst.promotora/financiadora: ABA.
- 35) LEITE, Ilka Boaventura. O conceito de raça frente aos desafios das identidade múltiplas, 2002. Evento: Seminário especial de Pós-Graduação em Educação Intercultural; Inst.promotora/financiadora: PPGE/CED/UFSC
- 36) LEITE, Ilka Boaventura. O conceito de raça frente aos desafios das identidades múltiplas, 2002. Evento: Seminário Especial de Pós-Graduação em Educação Intercultural; Inst.promotora/financiadora: Pós-Graduação em Educação Intercultural/PPGE/CED/UFSC

- 37) LEITE, Ilka Boaventura. Organização de Neabs nas Universidades, 2002. UNISINOS; Cidade: São Leopoldo - RS; Inst.promotora/financiadora: Grupo de Estudantes e Comunidade Afro ECAU/UNISINOS
- 38) LEITE, Ilka Boaventura. Políticas da Educação para Afro-brasileiros em Santa Catarina, 2002. Evento: 1º Seminário de Políticas da Educação para Afro-brasileiros em Santa Catarina; Inst.promotora/financiadora: Núcleo de apoio pedagógico.
- 39) LEITE, Ilka Boaventura .Políticas de Educação para a População Afro-brasileira, 2002. Inst.promotora/financiadora: UDESC
- 40) LEITE, Ilka Boaventura. Propostas de ações afirmativas em andamento, 2002. Evento: I Fórum Diversidade na Universidade; Inst.promotora/financiadora: MEC
- 41) LEITE, Ilka Boaventura. Semana da consciência negra, 2002. Evento: Semana da Consciência Negra; Inst.promotora/financiadora: UNISINOS
- 42) LEITE, Ilka Boaventura. Seminário Sobre Cotas nas Universidades Brasileiras, 2002. Universidade de Brasília;Inst.promotora/financiadora: UNB/MEC
- 43) LEITE, Ilka Boaventura. Direitos étnicos e ações compensatórias, 2001. Evento: Antropologia e Cidadania: Direitos étnicos e ações compensatórias; Inst.promotora/financiadora: NUER/PPGAS/UFSC
- 44) LEITE, Ilka Boaventura. Perícia Antropológica: paradigmas, aspectos técnicos e ética, 2001. Evento: IV Reunião de Antropologia do Mercosul; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Paraná
- 45) LEITE, Ilka Boaventura. Remanescentes de quilombos: um direito a ser conquistado, 2001. Evento: 6. Encontro Nacional da Rede de Advogados Populares; Inst.promotora/financiadora: Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) e Comissão Pastoral da Terra (CPT)
- 46) LEITE, Ilka Boaventura. Comunidades étnicas, políticas de estado e o trabalho do antropólogo, 2000. Evento: Seminário Comunidades étnicas, políticas de estado e o trabalho do antropólogo; Inst.promotora/financiadora: UFF
- 47) LEITE, Ilka Boaventura. Etnicidades Contemporâneas: novas e velhas questões, 1999. Evento: II Ciclo de Palestras do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da UNOESC; Inst.promotora/financiadora: Universidade do Oeste de Santa Catarina
- 48) LEITE, Ilka Boaventura. Inclusão e reconhecimento no mundo multicultural, 1999. Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal de Santa Catarina
- 49) LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização, 1999. Evento: Inclusão e Reconhecimento no Mundo Multicultural; Inst.promotora/financiadora: Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política
- 50) LEITE, Ilka Boaventura Samba e negritude. Produção musical e identidade: MPB, 1994. Evento: XIX Reunião Brasileira de Antropologia; Inst.promotora/financiadora: Associação Brasileira de Antropologia
- 51) LEITE, Ilka Boaventura. Identidade, imigração e memória, 1993. Evento: Identidade, imigração e memória; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Paraná
- 52) LEITE, Ilka Boaventura. Cultura de resistência ou resistência da cultura?, 1992. Evento: II Seminário sobre sítios históricos e monumentos negros; Inst.promotora/financiadora: Ministério da Cultura; Fundação Cultural Palmares; Universidade Federal de Goiás
- 53) LEITE, Ilka Boaventura. Estratégias de Apropriação de Territórios Negros em Santa Catarina - algumas questões, 1992. Evento: XVIII Reunião Brasileira de Antropologia; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal de Minas Gerais
- 54) LEITE, Ilka Boaventura. Territorialidade Negra em Área Rural e Urbana, 1990. Evento: 17º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos; Inst.promotora/financiadora: Centro de Estudos Rurais e Urbanos
- 55) LEITE, Ilka Boaventura. Território Negro e Cidadania. Trabalho apresentado no II Encontro de Antropologia da Região Sul O Evento: II Encontro de Antropologia da Região sul do Brasil; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal do Rio Grande do Sul
- 56) LEITE, Ilka Boaventura. Comunicação apresentada: Ser negro: os sentidos da cor e as impurezas do nome, 1988. Evento: XVI Reunião Brasileira de Antropologia; Inst.promotora/financiadora: Campinas
- 57) LEITE, Ilka Boaventura. O Negro em Santa Catarina: liberdade rima com invisibilidade?, 1988. Evento: IV Jornada de Estudos Americanos; Inst.promotora/financiadora: Universidade Federal de Ouro Preto
- 58) LEITE, Ilka Boaventura. Discriminação da mulher na sociedade; Panorama geral das lutas da mulher na sociedade; A mulher no trabalho; Os direitos da mulher, 1985. Evento: Dia Nacional da Mulher; Inst.promotora/financiadora: ELASE

Demais produções

1. LEITE, Ilka Boaventura. Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final do século XX ao nível mundial.. São Paulo:FFLCH/USP, 1991. (Artigo, Tradução)
2. Leal, João; LEITE, Ilka Boaventura. Cultura e identidade Açoriana: o movimento açorianista em Santa Catarina. Florianópolis:Insular, 2007. (Prefácio, Prefácio Posfácio)
3. LEITE, Ilka Boaventura; HARTUNG, Miriam Furtado. Expropriação e violência nos campos de Guarapuava. Florianópolis:UFSC/NUER, 2004. (Prefácio, Prefácio Posfácio)
4. LEITE, Ilka Boaventura; Oliveira, Amurabi Oliveira. Guerreiro Ramos: intérprete do Brasil. Florianópolis:Programa de Pós Graduação em Antropologia. UFSC, 2016. (Apresentação, Prefácio Posfácio)
5. LEITE, Ilka Boaventura; SEVERO, Cristine Gorski; SASSUCO, Daniel Perez - Apresentação. Florianópolis:NUER/UFSC, 2015. (Apresentação, Prefácio Posfácio)
6. LEITE, Ilka Boaventura; LEIDGENS, C. Frechal , pionnière de la lutte quilombola au Brésil (no prelo). Bruxelles:Casa de América Latina, 2011. (Apresentação, Prefácio Posfácio)
7. LEITE, Ilka Boaventura; CORADINI, L. Apresentação. florianópolis:Letras oontemporâneas, 1995. (Apresentação, Prefácio Posfácio)
8. SÁ, Ivan de; DOLABELA, Marcelo; HARO, Rodrigo; GARCIA, Alvaro Andrade; LEITE, Ilka Boaventura. Aquífero Poético. Livro Coletanea. Florianópolis:Secarte -UFSC, 2012. (Outra produção bibliográfica)
9. GLEDHILL, J.; LEITE, Ilka Boaventura. The transhistorical, juridical-formal and the post utopian quilombo. capítulo de livro. Manchester:Site da universidade de Manchester, 2009.
10. LEITE, Ilka Boaventura.Comunidade de Casca: territorialidade, direitos sucessórios e de cidadania. Laudo Pericial Antropológico. Florianópolis:NUER, 2000. (Outra produção bibliográfica)
11. LEITE, Ilka Boaventura. biografia Quintino Vargas. Monografia. Pirapora:12ª DRE, 1982. (Outra produção bibliográfica) Monografia apresentada para fins de registro de nome da E.E Quintino Vargas - Pirapora - Minas Gerais

Trabalhos Técnicos

1. LEITE, Ilka Boaventura; GODINHO, Paula Parecer para o Instituto de Estudos de Literatura Tradicional (IELT), 2009
2. LEITE, Ilka Boaventura. Parecer conclusivo sobre laudo antropológico da comunidade de Morro Alto, 2003
3. LEITE, Ilka Boaventura. Parecer sobre artigo, 2003
4. LEITE, Ilka Boaventura Cadernos de Educação do Curso de Mestrado da UNIC, 2002
5. LEITE, Ilka Boaventura. Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford, 2002
6. LEITE, Ilka Boaventura. Relatório Técnico de Consultoria Científica - Laudo Sócio- Antropológico da Comunidade do Rincão dos Martinianos, 2002
7. LEITE, Ilka Boaventura. Relatório Técnico de Consultoria Científica - Parecer sobre o Relatório Histórico-Antropológico da Comunidade de São Miguel, RS, 2002
8. LEITE, Ilka Boaventura. Revista de Antropologia da USP - parecer técnico sobre artigo, 2002
9. LEITE, Ilka Boaventura para o Prêmio ANPOCS 2001, 2001
10. LEITE, Ilka Boaventura. Conselho Editorial da Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2001
11. LEITE, Ilka Boaventura. Conselho Estadual da População Afrodescendente - CEPA - SC, 2001.
12. LEITE, Ilka Boaventura. II Concurso Negro e Educação. Ford/ANPed, 2001.
13. LEITE, Ilka Boaventura. O acesso a terra e a cidadania negra: expropriação e violência nos limites dos direitos – Relatório Final - Etapa 1, 2001
14. LEITE, Ilka Boaventura O Mito da Raça Branca, 2001 Áreas do conhecimento : Antropologia
15. LEITE, Ilka Boaventura Parecer sobre obra publicada, 2001
17. LEITE, Ilka Boaventura Comunidade de Casca: territorialidade, direitos sucessórios e de cidadania - Laudo Pericial Antropológico, 2000
18. LEITE, Ilka Boaventura. Banca de Seleção para o Doutorado - PPGAS - UFSC, 1999
19. LEITE, Ilka Boaventura. Parecer técnico-científico para aprovação de projeto de pesquisa, 1999
20. LEITE, Ilka Boaventura Concurso para Professor Adjunto da UFSC, 1998
21. LEITE, Ilka Boaventura. Fundação de Pesquisa da Universidade de Londrina, 1998
22. LEITE, Ilka Boaventura. O acesso a terra e a cidadania negra: expropriação e violência nos limites dos direitos – Relatório Parcial, 1998
23. LEITE, Ilka Boaventura. Black territories: identity, ethnicity and politics, 1997. Palavras-chave: Conflitos Étnicos, Identidade Étnica, erritorialidade Negra.
24. LEITE, Ilka Boaventura. Coordenação e Aperfeiçoamento em Pesquisa - CAPES, 1997
25. LEITE, Ilka Boaventura. Relatório Final Pluriétnicidade e intolerâncias: relações interétnicas no Sul do Brasil, 1995.
26. LEITE, Ilka Boaventura. Revista de Antropologia da Universidade de São Paulo, 1995.
27. LEITE, Ilka Boaventura. Parecer sobre artigo a ser publicado, 1994
28. LEITE, Ilka Boaventura. Parecer técnico-científico sobre projeto de pesquisa, 1994.
29. LEITE, Ilka Boaventura. Fundação de Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul - FAPERGS, 1993.
30. LEITE, Ilka Boaventura. Relatório Final Identidade Étnica e Espaço: territórios negros em Santa Catarina, 1992.
31. LEITE, Ilka Boaventura. Relatório Final Comunidades Negras em Santa Catarina, 1987.
32. LEITE, Ilka Boaventura Relatório Final Populações de Origem Africana em Santa Catarina, 1987.
33. LEITE, Ilka Boaventura. O negro nas obras dos viajantes estrangeiros que visitaram Minas Gerais no Século XIX, 1985.
34. LEITE, Ilka Boaventura. Situação do Mercado de Trabalho Médico em Belo Horizonte, 1981.
35. LEITE, Ilka Boaventura. Produção e Saúde, 1980.
36. LEITE, Ilka Boaventura. Viajantes estrangeiros em Minas Gerais, 1980.
37. LEITE, Ilka Boaventura Fontes para a História de Minas Gerais, 1979.
38. LEITE, Ilka Boaventura. História do Nordeste de Minas Gerais, 1979.
39. LEITE, Ilka Boaventura. Banco de Dados Estatísticos sobre a História da República Velha em Minas Gerais (1889-1930), 1978.
40. LEITE, Ilka Boaventura História de Belo Horizonte, 1976.

Site

1. LEITE, ILKA BOAVENTURA. Kadila: Culturas e ambientes - diálogos Brasil-Angola, 2014.
Referências adicionais: Brasil/Português. . Home Page: www.kadila.net.br
2. LEITE, Ilka Boaventura; CONCEIÇÃO, William Luis; PEÇANHA, Carolina; Okawati, Juliana Site do Núcleo de Estudos de Identidades e Relações interétnicas-NUER, 2013.
Referências adicionais: Brasil/Português. . Home page: www.nuer.ufsc.br

Demais Produções Técnicas

1. LEITE, ILKA BOAVENTURA. Cadernos Textos e Debates, 2017. (Periódica Editoração)
2. LEITE, ILKA BOAVENTURA Olhares de África em contrapontos Brasil-Argentina: poéticas visuais, identidades e políticas na arte contemporânea, 2017. (Extensão, Curso de curta duração ministrado).
3. LEITE, ILKA BOAVENTURA. Quilombos e os Direitos Constitucionais - Universidade Federal de Rondônia, 2017. (Extensão, Curso de curta duração ministrado).
4. LEITE, Ilka Boaventura; Oliveira, Amurabi Oliveira; ANTELO, Raúl; MUNANGA, Kabengele; Nascimento, Elisa Larkin; Azevedo, Ariston; Boeira, Sergio Luis; Tragtenberg, Marcelo Henrique Romano; Nogueira, João Carlos; Heidemann, Francisco Gabriel; BROWN, Diana; Bick, Brown Dossiê Guerreiro Ramos: intérprete do Brasil, 2016. (Periódica Editoração)
5. LEITE, Ilka Boaventura; SEVERO, Cristine Gorski; SASSUCO, Daniel Perez; QUEIROZ, Sônia Cadernos Textos e Debates do NUER, 2015. (Periódica Editoração)
6. LEITE, Ilka Boaventura. Ética, pesquisa e Comitê de Ética na UFSC, 2011. (Outra produção técnica)
7. LEITE, Ilka Boaventura; ARGENTA, Milena. FUNZANA - apresentação e discussão de pesquisas do NUER, 2011. (Outra produção técnica)
8. LEITE, Ilka Boaventura. Neocolonialismo e dependência africana: a cultura como elemento de libertação, 2011. (Outra produção técnica)
9. LEITE, Ilka Boaventura; Correa, Silvio. África em diálogos contemporâneos, 2010. (Outra produção técnica)

10. DOMINGOS Luis T.; LEITE, Ilka Boaventura. Antropologia em Moçambique. Cosmologia e Arte, 2010. (Outra produção técnica)
11. LEITE, Ilka Boaventura. Concepções de prática e ética em pesquisa, 2010. (Outra produção técnica)
12. LEITE, Ilka Boaventura; QUEIROZ, Sônia. Diásporas e metamodernismos, 2010. (Outro, Curso de curta duração ministrado)
13. LEITE, Ilka Boaventura. Entre-Temas: pedagogia em ação: cultura afro-brasileira, 2010. (Outra produção técnica)
14. LEITE, Ilka Boaventura. História da África: Módulo III: Artes visuais africanas e afro-brasileiras, 2010. (Especialização, Curso de curta duração ministrado)
15. LEITE, Ilka Boaventura; ALMEIDA, A. W. B.; DWYER, Eliane Cantarino O; CAROSO, Carlos Perícias antropológicas e Ética, 2010. (Outra produção técnica)
16. LEITE, Ilka Boaventura. Poética Visual Afro-brasileira, 2010. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)
17. LEITE, Ilka Boaventura. Poéticas e políticas Afro-brasileiras, 2010. (Outro, Curso de curta duração ministrado) Projeto PROCAD
18. LEITE, Ilka Boaventura. Poéticas em diálogos contemporâneos, 2010. (Outra produção técnica) Referências adicionais : Brasil/Português. Meio de divulgação: Impresso
19. LEITE, Ilka Boaventura. Reflexões em formação: campo, teoria e escrita, 2010. (Outra produção técnica)
20. LEITE, Ilka Boaventura. Seminário Catarinense do Ministério Público Federal, 2010. (Outra produção técnica)
21. LEITE, Ilka Boaventura; CORADINI, L. Trilogia das Novas Famílias: ampliando o debate e o conhecimento sobre a dimensão sócio-cultural do HIV/AIDS no Brasil e África, 2010. Relatório de pesquisa)
22. LEITE, Ilka Boaventura. Artes Visuais, 2009. (Outro, Curso de curta duração ministrado)
23. LEITE, Ilka Boaventura; LANGDON, Esther Jean. Edição Especial da Revista Ilha em Homenagem a Silvio Coelho dos Santos, 2009. (Periódico, Editoração)
24. LEITE, Ilka Boaventura. Olhares de África: lugares e entre-lugares da Arte na diáspora, 2008. (Relatório de pesquisa)
25. LEITE, Ilka Boaventura. Relatório Final do Projeto O Acesso à terra e à cidadania negra: expropriação e violência no limite dos direitos-etapa IV, 2007. (Relatório de pesquisa)
26. LEITE, Ilka Boaventura; Leal, João. Seminários de Antropologia, 2007. (Outro, Curso de curta duração ministrado)
27. LEITE, Ilka Boaventura; FERNANDES, Ricardo Cid; MOMBELLI, Raquel; SILVA, José Bento Rosa; TEIXEIRA, Luana; Beckhausen, Marcelo; Pessuto, Mauricio; Tagliapietra, José Rui; Toledo, Ubirajara. Carvalho; Pinedo, Vanda Gomes Boletim Informativo do NUER - Quilombos no Sul do Brasil -perícias antropológicas, 2006. (Livro, Editoração)
28. LEITE, Ilka Boaventura Relatório de Atividades do Projeto Quilombos no Sul do Brasil - Convênio UFSC-INCRA, 2006. (Relatório de pesquisa)
29. LEITE, Ilka Boaventura; ALMEIDA, A. W. B.; ARRUTI, José Mauricio Andion; USTOLIM, Cíndia; HARTUNG, Miriam Furtado; MOMBELLI, Raquel; TRECANI, Girolamo; ROCHA, Maria Elizabeth Guimarães Teixeira Boletim Informativo do NUER-Territórios Quilombolas, 2005. (Livro, Editoração)
30. LEITE, Ilka Boaventura; SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da Etnologia brasileira, 2005. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado) Curso ministrado durante o período de 10 horas pela Profa. Ilka Boaventura Leite, e 30 horas pelo prof. Carlos Benedito Rodrigues dos Santos
31. LEITE, Ilka Boaventura; CASTILHO, Ela Wiecko Wolckmer; SANTOS, Silvio Coelho dos; OLIVEN, Ruben George; Chagas, Miriam de Fátima; BARCELLOS, Dayse; ANJOS, José Carlos Gomes dos; ARRUTI, José Mauricio Andion; HARTUNG, Miriam Furtado; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; DARELLA, MariaDorothea Post; FERNANDES, Ricardo Cid; Beckhausen, Marcelo; DWYER, Eliane Cantarino O Laudos Periciais Antropológicos em Debate, 2005. (Livro, Editoração)
32. LEITE, Ilka Boaventura. Laudos e perícias antropológicas, 2003. (Outro, Curso de curta duração ministrado Setores de atividade : Serviços Coletivos Prestados Pela Administração Pública Na Esfera da Justiça
33. LEITE, Ilka Boaventura. O Acesso à Terra e à Cidadania Negra: expropriação e violência no limite dos direitos - Etapa III, 2003. (Relatório de pesquisa) Setores de atividade : Serviços Coletivos Prestados Pela Administração Pública Na Esfera da Justiça
34. LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos: territorialidade e cidadania, 2003. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)
35. LEITE, Ilka Boaventura Curso de Capacitação para formadores em Políticas Públicas para uma atuação junto às comunidades remanescentes de quilombos, 2000. (Aperfeiçoamento, Curso de curta duração ministrado)
36. LEITE, Ilka Boaventura Raça, etnia ou o quê? - Minicurso, 1998. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)
37. LEITE, Ilka Boaventura; SILVA, Dimas Salustiano. Boletim Informativo do NUER- Regulamentação de Terras de Negros no Brasil co-coordenação), 1997. (Coletânea, Editoração)
38. LEITE, Ilka Boaventura. O racismo numa perspectiva atual - Reunião Especial da SBPC, 1996. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)
39. LEITE, Ilka Boaventura Relatório Bianual do NUER, 1996. (Coletânea, Editoração)
40. LEITE, Ilka Boaventura. Boletim da Associação Brasileira de Antropologia, 1992. (Periódico, Editoração)
41. FREIRE, Maria de Lourdes Bandeira D L; LEITE, Ilka Boaventura; GUSMÃO, Neusa Mendes de; MENDONÇA, Cleonice Pitangui Cadernos Textos e Debates do NUER - Terras e Territórios Negros, 1991. (Periódico, Editoração)
42. LEITE, Ilka Boaventura. Cadernos Textos e Debates NUER -Descendentes de Africanos em Santa Catarina –invisibilidade histórica e segregação, 1991. (Periódico, Editoração)
43. LEITE, Ilka Boaventura. Cadernos de Ciências Sociais, 1988. (Periódico, Editoração)

III – PROJETOS DE PESQUISA

ORÍ EBÓ AXÉ quilombos, diásporas africanas, poéticas e políticas

(2014 – Atual)

Bolsa produtividade em Pesquisa CNPq Etapa I (20014-2017) Processo n. 312737/2003-0; Etapa II (2019-21) Processo n. 306041/2018-9.

Kadila: Culturas e Ambientes - diálogos Brasil – Angola

(2013 – Atual)

Edital 2012 CAPES/AULP Mobilidade Internacional

Pensamento Social sobre os Negros no Brasil: entrevistas e depoimentos

(2010 – Atual)

Novas Dinâmicas familiares: ampliando o debate e o conhecimento sobre a dimensão sócio-cultural do HIV/AIDS no Brasil e em Moçambique

(2009 – 2011)

Edital Pró-África CNPq Processo N. 490441/2008-4.

Olhares de África: lugares e entre-lugares da Arte na Diáspora

(2008 – 2009)

Diáspora CNPq Produtividade em Pesquisa, Etapa I (2008- 2009) Processo 311729/2006-1; Etapa II (2010-2013)-Processo 307193/2009-8.

Olhares de África: lugares e entre-lugares da Arte na Diáspora

(2007)

Pós doutorado 2007/CAPES.

O acesso à terra e a cidadania negra: expropriação e violência nos limites dos direitos

Etapa I (1998-2003) Etapa II (2002-2006)

CNPq - Produtividade em Pesquisa- Processo 304608/2003-3.

Black territories: identity, ethnicity and politics

(1997)

Bolsa de Pós-doutorado CNPq.

Plurietnicidade e intolerâncias: relações inter-étnicas no Sul do Brasil

(1994 - 1996).

Produtividade em Pesquisa CNPq/ Edital Fundação Ford

Identidade Étnica e Espaço: territórios negros em Santa Catarina

(1992 - 1994)

Bolsa de Pesquisa – CNPq

Comunidades Negras em Santa Catarina

(1987-90)

Edital Centro de Estudos Afro-Asiáticos/ Fundação Candido Mendes

Populações de Origem Africana em Santa Catarina

(1986-1998)

Bolsa Recém-doutor CNPq/UFSC

IV – PROJETOS DE EXTENSÃO

Territórios do Axé: Mapeamento das religiões africanas da Grande Florianópolis
(2016 – Atual)

Centenário de Guerreiro Ramos na UFSC
(2014 – 2016)

Patrimônio Cultural e Políticas Públicas - NUER PROEX MEC
(2012 – 2015)

Estudos Afro-brasileiros como parte do currículo do curso de Ciências Sociais
(2011 – 2013)

África: diálogos entre história, literatura e artes
(2010 – 2010)
Tópico: áfricas brasileiras e artes diaspóricas.

Projeto Bibliografia Afrobrasileira do NUER: Coleção bibliográfica voltada para o ensino, as pesquisas desenvolvidas pelo NUER e de apoio aos projetos de extensão universitária.
(2009 – Atual)

Nova Cartografia Social - Santa Catarina
(2009 – 2011)

Outros tipos de Projetos

Vidal Martins: relatório histórico e sócio antropológico Relatório para integrar o Procedimento RTDI do INCRA-SC
(2015 – 2016)

V - EXERCÍCIO DE CARGOS NA ADMINISTRAÇÃO CENTRAL E DE REPRESENTAÇÃO

2018 - Atual: Direção e Administração, Programa Interdisciplinar em Ciências Sociais, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.

Cargos ocupados: Coordenadora da Área de Pesquisa África e suas Diásporas

06/2016 – 06/2018: Conselhos, Comissões e Consultoria, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA.

Especificação: Membro Colegiado do curso de graduação em Museologia

03/2013 - 04/2013: Conselhos, Comissões e Consultoria, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

Especificação: Comissão de Sindicância mediante a Portaria 351/2013 Reitoria

02/2012 – Atual: Pesquisa e Desenvolvimento, UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

Linha de Pesquisa: Coordenação Convênio Internacional entre a Universidade Federal de Santa Catarina e a Universidade Agostinho Neto (Angola)

02/2005 – 12/2008: Direção e Administração, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia.

Cargos ocupados: Coordenadora do Laboratório de Antropologia

06/2003 - 06/2004: Conselhos, Comissões e Consultoria, Pró Reitoria de Ensino de Graduação

Especificação: Membro Comissão de Estudo sobre Diversidade na Universidade Federal de Santa Catarina

2006 – 2008: Extensão Universitária, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia

Especificação: Comitê Coordenador do Trabalho de Quilombos - ABA

03/2002 – 03/2003: Direção e Administração, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia.

Cargos ocupados: Chefe de departamento

1998 – 2000: Direção e Administração, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais.

Cargos ocupados: Coordenadora de Extensão do Departamento de Antropologia - UFSC

2000-2002: Extensão Universitária, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia

Especificação: Comitê Coordenador do Laudos Antropológicos - ABA

08/1994 – 07/1996: – Extensão Universitária, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia

Especificação: Assessoria Científica

1992 – 1993: Direção e Administração, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais.

Cargos ocupados: Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

1990 –1992: Direção e Administração, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais.

Cargos ocupados: Subcoordenadora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

1986 - Atual: Direção e Administração, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais.

Cargos ocupados: Coordenadora do Nuer - Núcleo de Estudos sobre Identidade e Relações Interétnicas - UFSC

VI - BANCAS DE CONCURSOS, DE MESTRADO OU DE DOUTORADO

Banca Professor Titular

1) Concurso para Professor Adjunto, 2012. Universidade Federal de Pernambuco.

Banca Concurso Público

1) Presidente da banca examinadora de concurso público para Professor Assistente I, 1993. Universidade Federal de Santa Catarina. Áreas do conhecimento: Antropologia

Outras

- 1) Comissão de avaliação do Requerimento de Progressão Funcional da Professor Rafael Victorino Devos. 2016. Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) Comissão de avaliação do Requerimento de Progressão Funcional da Professora Evelyn Martina Schuler Zea, 2016. Universidade Federal de Santa Catarina.
- 3) Prêmio Levi-Strauss, 2014. Associação Brasileira de Antropologia- Avaliadora da comissão julgadora para o Prêmio Levi-Strauss no 29º Reunião Brasileira de Antropologia.
- 4) 22 Seminário de Iniciação Científica - Avaliação de Painéis, 2012 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 5) Comissão de Elaboração de Normas de Credenciamento, 2011 - Universidade Federal de Santa Catarina
- 6) Comissão de Ensino PPGAS, 2011 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 7) Comissão de Ensino PPGAS, 2010 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 8) Comissão Geral para Exame de Qualificação do doutorado, 2010 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 9) Concurso de seleção para doutorado do PPGAS -UFSC, 2009
- 10) Comissão de Publicações PPGAS, 2008 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 11) Comissão de seleção Concurso ANPOCS, 2008
- 12) Emissão de parecer para a FAPESP, 2008- Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- 13) Emissão de parecer para o International Fellowships Program da Fundação Ford, 2008. Fundação Carlos Chagas.
- 14) Membro comissão de afastamento do departamento de antropologia, 2008 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 15) *Membro Comitê Coordenador do GT de Quilombos da ABA, 2008*
- 16) Membro da Comissão PIBIC-UFSC-CNPq, 2008 - Universidade Federal de Santa Catarina
- 17) Membro do conselho Editorial da Revista Ilha, 2008.
- 18) Presidente da comissão de seleção do doutorado, 2007 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 19) Membro da Comissão de Seleção do Mestrado em Antropologia do PPGAS -UFSC, 2007.
- 20) Emissão de parecer para o International Fellowships Program da Fundação Ford, 2005. Fundação Carlos Chagas.
- 21) Membro da Comissão para elaboração da ementa da disciplina Cultura Afro Brasileira, 2005 Universidade Federal de Santa Catarina.
- 22) Membro de comissão de avaliação de processo de progressão funcional, 2004 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 23) Emissão de parecer para Revista Teoria e Sociedade - parecer sobre artigo a ser publicado na revista, 2003 - Universidade Federal de Minas Gerais.
- 24) Emissão de parecer para o International Fellowships Program da Fundação Ford, 2003. Fundação Carlos Chagas.
- 25) Membro da Comissão Científica de Cadernos de Educação da Universidade de Cuiabá, 2002 Universidade de Cuiabá.
- 26) Comissão para o Prêmio Anpocs 2001, 2001 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 27) Membro da Comissão para exame de qualificação para o doutorado - PPGAS/UFSC, 2001 Universidade Federal de Santa Catarina.
- 28) Membro de Comissão de seleção e julgamento de candidatos à bolsa de iniciação científica do Programa Especial de Concessão Interinstitucional - CNPq/UFSC/UEDESC, 1994. Universidade Federal de Santa Catarina
- 29) Presidente da Comissão de seleção do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, 1994 - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 30) Membro da comissão de avaliação para seleção de candidatos à professor substituto, 1993 - Universidade Federal de Santa Catarina
- 31) Membro de comissão de avaliação e desempenho, 1993 -Universidade Federal de Santa Catarina
- 32) Membro de comissão para avaliação do projeto de pesquisa Desenho, imagem e identidade entre os Kaxinawá:na busca de uma teoria nativa da representação, 1993 Universidade Federal de Santa Catarina
- 33) Composição da banca de seleção ao Mestrado na condição de responsável pelo exame de domínio de língua inglesa, 1991 Universidade Federal de Santa Catarina
- 34) Membro da comissão de avaliação de professores do Departamento de Ciências Sociais da UFSC, 1991 Universidade Federal de Santa Catarina

Bancas de TCC – Graduação

- 1) MALUF, Sônia; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Julia Vivanco Bercovich. Narrativas de mulheres encarceradas: agência por trás dos muros, 2018. (Antropologia) Universidade Federal de Santa Catarina
- 2) LEITE, ILKA BOAVENTURA; MALUF, Sônia. Participação em banca de Luis Marcelo Balvoa. Aspectos do alpinismo contemporâneo no Monte Aconcágua: in-versões e transgressões, 2017 (Antropologia) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 3) RIAL, Carmem Silvia; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Tomaz Xavier de Souza. Discursos de identidades (e)m práticas alimentares na praia do Santinho, em Florianópolis, 2017. (Antropologia) Universidade Federal de Santa Catarina
- 4) CASTELLS, Alicia de; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Jonatan Agostinho Cardoso. Pesca artesanal; das experiências sensíveis às práticas econômicas: um olhar sobre a pesca com tarrafa em Laguna-SC, 2017 (Antropologia) Universidade Federal de Santa Catarina
- 5) DOMINGUEZ, Maria Eugenia; LEITE, ILKA BOAVENTURA; VIEIRA, Danielli. Participação em banca de Lorenza Tramontina Bergonsi. Fluxo de Justiça e a construção da verdade jurídica em processos judiciais em casos de indenização por erro médico em Florianópolis, Santa Catarina, 2016 (Antropologia) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 6) LEITE, Ilka Boaventura; OLIVEIRA, Augusto Marcos F; OLIVEIRA, Esmael. A. Participação em banca de Romulo Piconi Bassi. O cinema de Joel Zito Araújo: representações

- 7) identitárias sobre negros e negras no Brasil, 2014 (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 8) LEITE, Ilka Boaventura; MINELA, A.; OLIVEIRA, Esmael. A. Participação em banca de Carolina Becker Peçanha. A presença das empresas brasileiras em Moçambique: O debate dos jornais moçambicanos - 2008-2013, 2013 (Abi - Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 9) LEITE, Ilka Boaventura Participação em banca de Juliana Faleiros Johnson. Indie: rock, moda e suas expressões em Curitiba/PR, 2011 (Abi - Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 10) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Fabiana Gonçalves dos Santos. Manifestos de Coletivos de Mulheres Negras Brasileiras, 2011 (Abi - Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 11) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Julio Bastiani Gothe. Entre o significado e a forma: uma re-leitura do livro Arte Primitiva de Franz Boas, 2010 (Abi - Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 12) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Yudi Rafael Lemes Koike. Narrativas nipônicas brasileiras: uma análise da etnicidade na interação, 2010. (Abi - Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 13) LEITE, ILKA BOAVENTURA. Participação em banca de Marliese Vicenzi Franco. Tata de Inquice Arolegy e comunidade terreiro Abassá de odé: (re) construindo trajetórias, 2010 (Abi - Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 14) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Marliese Vicenzi. Abassá de Odé: trajetória de um líder religioso no Candomblé Angola em Florianópolis, 2009. (Abi - Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 15) MALUF, Sônia Weidner; HARTUNG, Miriam Furtado; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Talita Stephany de Matos. A dança afro no Grupo Mittos: reflexões sobre corpo e raça em grupo de jovens negros na comunidade do Morro do Mocotó - Florianópolis -Sc, 2006. (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina
- 16) CRÓCOMO, Fernando; VOGEL, Daisi; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Alexandra Eliza Vieira Alencar. Cidadão Invisível: territórios Negros em Florianópolis, 2006. (Jornalismo) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 17) LEITE, Ilka Boaventura; RIFIOTIS, Theophilos; SILVA, Hélio Raimundo Santos Participação em banca de João Tadeu Weck. Neo-nazistas e grupos urbanos, 1994. (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 18) Ângela Maria de Souza. Estética e identidade negra entre jovens em Florianópolis. 1994. Curso (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Santa Catarina.
- 19) LEITE, Ilka Boaventura; GROSSI, Miriam Pilar; NAKE, Aneliense. Participação em banca de Rosana Badalotti. Identidade Italiana, 1990 (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.

Bancas de Mestrado

- 1) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Yasser Socarrás Gonzalez. Je est un autre: a construção da invisibilidade negra no cinema cubano produzido pelo ICAIC, 2018 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Carla Brito Sousa Ribeiro. Que Afro é esse no Afro Brasil?, 2018 (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina
- 3) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Santiago Gómez. Uma leitura decolonial de Lima Barreto e Arlt, 2018 (Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina Referências adicionais : Brasil/Português.
- 4) LEITE, ILKA BOAVENTURA; Cesarino, Leticia; JARDIM, Denise Fagundes; HEAD, S. Participação em banca de Willian Luis da Conceição. Brancura e branquitude: ausências, presenças e mergências de um campo em debate, 2017 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 5) SEGATA, Jean; MINELLA, Luzinete Simões; LEITE, ILKA BOAVENTURA. Participação em banca de Larisse Louise Pontes Gomes. Posso tocar no seu cabelo? Entre o "liso" e o "crespo": transição capilar, uma (re)construção identitária, 2017 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 6) LEITE, Ilka Boaventura Participação em banca de Marino Leopoldo M. Sungo. O Reino do Bailundo: Identidade e soberania no contexto do estado nacional angolano atual, 2015 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 7) RIAL, Carmem Silvia; LEITE, Ilka Boaventura; Cesarino, Leticia Participação em banca de Jefferson Virgílio. Travessias Antropológicas do além mar: Póscolonialismos em português, 2015 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 8) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Yersia Souza de Assis. A experiência das ações afirmativas na Universidade Federal do Sergipe: os cursos de Direito e Medicina, 2014. (ANTROPOLOGIA) Universidade Federal de Sergipe.
- 9) LEITE, Ilka Boaventura; SCHMIDT, S. P.; JORGE, S.N.; COSTA, C.J L. Participação em banca de Evellyn Kjellin. À sombra do tamarindo: identidade, tradução cultural e gênero em "O último voo do flamingo" de Mía Couto, 2014. (Programa de Pós-Graduação em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 10) LEITE, Ilka Boaventura; MARCON, Frank Nilton; DEVOS, Rafael Victorino; ÉUGENIA, D. M. Participação em banca de Charles Raimundo da Silva. Remando no mesmo bote: a experiência diaspórica de angolanos e angolanas refugiados/as em Itajaí/SC, 2013. (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 11) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Milena Argenta. Marcas da etnicidade: indumentária e pertença étnica no Sudoeste de Angola, 2012. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 12) GROSSI, Miriam Pillar; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Fernanda Azeredo de Moraes. Pântanos de relações e colchões de cumplicidade: academia e conjugalidade na perspectiva de quatro mulheres intelectuais, 2012. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 13) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Jonatan Mariano Rodaz Gomez. Os estudantes e o mundo da política: análise das experiências políticas entre estudantes da Universidade de São Carlos da Guatemala na perspectiva do drama ritual, 2011. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 14) LEITE, Ilka Boaventura; RIFIOTIS, Theophilos; REIS, Maria José; SAEZ, Oscar Calavia; GROISMAN, Alberto Participação em banca de Nora Epifania Murillo Estrada. Nós continuamos lutando aqui: estudo etnográfico de identidades coletivas e estratégias de luta pelo reconhecimento dos Maya Achi, 2010 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 15) LEITE, Ilka Boaventura; MARCON, Frank Nilton; Cardoso, Vania Z.; MOMBELLI, Raquel Participação em banca de Alexandra Eliza Vieira Alencar. Dançando as novas africanidades: diálogos com os praticantes do maracatu e da dança afro em Florianópolis, 2009 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 16) LEITE, Ilka Boaventura Participação em banca de Barbara Oliveira de Souza.. Aquilombar-se: um panorama historio, identitário e político do movimento quilombola Brasileiro, 2008. (Antropologia) Universidade de Brasília.
- 17) LEITE, Ilka Boaventura; ANDRADE, A. L.; CAMPOS, D. C. F.; MEDEIROS, S. Participação em banca de Rodrigo Lopes Barros. Derrida com Makumba: o dom, o tabaco e a magia negra, 2008. (Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina

- 18) LEITE, Ilka Boaventura; MODESTO, Ana Lucia; GOMES, Nilma Lino; LIMA, Deborah Participação em banca de Carlos Eduardo Marques. Remanescentes das Comunidades de Quilombos: da resignificação ao imperativo legal, 2008. (Antropologia) Universidade Federal de Minas Gerais.
- 19) LEITE, Ilka Boaventura; Valle, Carlos Guilherme O. Participação em banca de Wellington de Jesus Bomfim. Identidade, memória e narrativas na dança de São Gonçalo do povoado Mussuca (SE), 2007. (Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- 20) LEITE, Ilka Boaventura; QUEIROZ, Sônia; ALMEIDA, Maria Inês de. Participação em banca de Aline Cântia Corrêa Miguel. CALUNGA: voz e memória entre os vãos, 2006. (Estudos Literários) Universidade Federal de Minas Gerais.
- 21) LEITE, Ilka Boaventura; SAEZ, Oscar Calavia; BRANDÃO, Carlos Rodrigues; FERNANDES, Ricardo Cid. Participação em banca de André Essenfelder Borges. Caminhos da cultura indígena: o peabiru e o neo-indianismo, 2006. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina
- 22) LEITE, Ilka Boaventura; FERREIRA, Luiz; CARVALHO, José Jorge de Participação em banca de Thais Teixeira de Siqueira. Do tempo da sussa ao tempo do forró. Música, festa e memória entre os Kalunga de Teresina de Goiás, 2006. (Antropologia) Universidade de Brasília.
- 23) LEITE, Ilka Boaventura; MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; AMANTINO, Márcia; LIMA FILHO, Henrique. Espada Rodrigues Participação em banca de Martha Rebelatto. Fugas escravas na Ilha de Santa Catarina, século XIX, 2006. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 24) LEITE, Ilka Boaventura; HARTUNG, Miriam Furtado; FRY, Peter; RIFIOTIS, Theophilos. Participação em banca de Marina Melhado Gomes da Silva. Em preto e branco: estudo sobre representações da propaganda por afro-descendentes em Florianópolis, 2005. (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 25) LEITE, Ilka Boaventura; BARCELLOS, Dayse; JARDIM, Denise Fagundes. Participação em banca de Laura Cecília Lopez. 'Hay alguna persona en este hogar que sea afrodescendiente? Negociações e disputas políticas em torno das classificações étnicas na Argentina, 2005. (Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 26) LEITE, Ilka Boaventura; RIFIOTIS, Theophilos; TASSINARI, Antonella; MALUF, Sônia. Participação em banca de Maria Eugênia Domingues. O Afro entre os imigrantes em Buenos Aires: reflexões sobre as diferenças , 2004. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 27) LEITE, Ilka Boaventura; MALUF, Sônia Weidner; TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Participação em banca de Anna Paula Vencato. Fervendo com as drags: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina., 2002. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 28) LEITE, Ilka Boaventura; CANABARRO, Luis Carlos; REIS, Maria José. Participação em banca de Elzeni Fernandes Camargo. Heranças de Africanidade: Religiosidade Negra.na Grande Florianópolis/SC, 2002 (Mestrado Em Educação e Cultura da Udesc) Universidade do Estado de Santa Catarina.
- 29) LEITE, Ilka Boaventura; SCALA, Sérgio Brasil Nazário; FREIRE, Ermelinda Maria de Lamônica; FREIRE, Maria de Lourdes Bandeira de L. Participação em banca de José Nelson Froehlich. Relações Raciais numa Escola Pública de Tangará da Serra/MT, 2002 (Centro de Pós Graduação e Pesquisa) Universidade de Cuiabá.
- 30) LEITE, Ilka Boaventura; FREYRE, Maria de Lourdes Bandeira Delamonica; TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; RIFIOTIS, Theophilos. Participação em banca de Abel José Abreu de Oliveira. Rinkebysvenska: identidade e linguagem do jovem de origem estrangeira em uma bairro de Stockholm, Suécia, 2002. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 31) LEITE, Ilka Boaventura; SCALA, Sérgio Nazário Brasil; FREIRE, Ermelinda Maria de Lamônica; FREIRE, Maria de Lourdes Bandeira D L. Participação em banca de Sebastião Fortunato Júnior. Homossexualidade no meio docente de uma escola pública da Grande Cuiabá, 2001. (Centro de Pós Graduação e Pesquisa) Universidade de Cuiabá
- 32) LEITE, Ilka Boaventura; GROSSI, Miriam Pillar; LIMA, Nei Clara de; GROISMAN, Alberto. Participação em banca de Bernadette Grossi dos Santos. O Reino da impura sorte: mulheres e homens garimpeiros em Minas Gerais, 2001. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina
- 33) LEITE, Ilka Boaventura; GASPAS, Maria Dulce; SANTOS, Sílvio Coelho dos. Participação em banca de Márcia Regina Calderipe Farias. Pesca e sazonalidade no Camacho/SC: um estudo de modos de vida em deslocamento, 2001 (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 34) LEITE, Ilka Boaventura; RIFIOTIS, Theophilos; LAGO, Mara; GROSSI, Miriam Pillar; MALUF, Sônia Weidner Participação em banca de Victória Regina dos Santos. Práticas policiais nas delegacias de proteção à mulher de Florianópolis e Joinville (SC), 2001 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 35) LEITE, Ilka Boaventura; LANGDON, Esther Jean; PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar Participação em banca de Annemarie Janssen. Uma leitura Antropológica das narrativas de mulheres que passaram pela experiência do câncer ginecológico, 2001. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 36) LEITE, Ilka Boaventura; DICKIE, Maria Amélia Schmidt; MALUF, Sônia Weidner; GROSSI, Miriam Pillar. Participação em banca de Jandira Maria Vasconcellos Dias. Em busca da vida na escuridão: meninas privadas de liberdade numa instituição governamental, 2000. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 37) LEITE, Ilka Boaventura; ANTELO, Raúl; LINS, Vera; CAPELA, Carlos Eduardo. Participação em banca de Jefferson Agostini Mello. Intervenções Insulares: Açores, Santa Catarina e Malvinas Viagens na Revue Des Deux Mondes, 1999. (Programa de Pós Graduação Em Literatura) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 38) LEITE, Ilka Boaventura; SAEZ, Oscar Calavia; DWYER, Eliane Cantarino O; MALUF, Sônia Weidner. Participação em banca de Joseline Simone Barreto Trindade. Nos tempos das águas cheias: memória e história dos negros do Curiaú - AP, 1999. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 39) LEITE, Ilka Boaventura; FONSECA, Cláudia; STEIL, Carlos Alberto. Participação em banca de Maria Patrícia Lopes Sulpino. Ser Viajor, Ser Morador: uma análise da construção da identidade cigana em Souza-PB, 1999. (Mestrado Em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 40) LEITE, Ilka Boaventura; REICHEL, Heloisa Jochims; TRAMONTINI, Marcos Justo Participação em banca de Frank Nilton Marcon. Visibilidade e resistência negra em Lages, 1999. (Programa de Pós Graduação Em História) Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- 41) LEITE, Ilka Boaventura; OLIVEN, Ruben George; DICKIE, Maria Amélia Schmidt; MALUF, Sônia Weidner Participação em banca de Jakzam Dalla Leite Kaiser. Ordem e Progresso - O Brasil dos gaúchos, 1998. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 42) LEITE, Ilka Boaventura; MACIEL, Maria Eunice; SANTOS, Sílvio Coelho dos; LUNA, Luis Eduardo. Participação em banca de Rosana Maria Badalotti. A invenção do Município: o jogo das identidades locais e regionais, 1996. Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.

- 43) LEITE, Ilka Boaventura; MUNANGA, Kabengele; SILVA, Hélio R Santos; BASTOS, Rafael J de M. Participação em banca de Aloísio Luiz dos Reis. Brinca Quem Pode: Territorialidade e (in)Visibilidade. Negra em Laguna SC, 1996. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina
- 44) LEITE, Ilka Boaventura; OLIVEN, Ruben George; BASTOS, Rafael José de Menezes; SILVA, Hélio. Raimundo Santos. Participação em banca de Raquel Mombelli. Mi soi Italian gracia a dio: identidade étnica e separatismo no Oeste Catarinense, 1996. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 45) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Marlene Gonçalves. A mestra sempre viva: mulher e educação em Vila Bela, 1995. (Educação) Universidade Federal de Mato Grosso.
- 46) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Jorge Luis Mattar Villela. A organização espacial do cangaço sob a chefia de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião (1922-1938) ou como produzir território em movimento, 1995. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 47) LEITE, Ilka Boaventura Participação em banca de Nadja Miranda de Carvalho. Arte, etnicidade e educação: o bloco AfroCultural Olodum, 1994. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina. Áreas do conhecimento : Antropologia.
- 48) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Eugênio Pascele Lacerda. As farras de boi no litoral de Santa Catarina, 1994 (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 49) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Josiane Abrunhosa da Silva. Bambas da Orgia: um estudo sobre o carnaval de rua de Porto Alegre, seus carnavalescos e os territórios negros, 1993. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 50) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Márcio Pizarro Noronha. Máscara e metamorfose - representações sociais sobre o corpo masculino em halterofilistas e bailarinos, 1993. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 51) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Roseli Buffon. Encontrando um homem sensível? Reconstrução da imagem masculina em um grupo de camadas médias intelectualizadas , 1992. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 52) LEITE, Ilka Boaventura; PEREIRA, João Baptista Borges; PEDRO, Joana Maria. Participação em banca de Miriam Hartung. Nascidos na Fortuna - O grupo do Fortunato - Identidade e relações interétnicas entre descendentes de africanos e europeus no litoral catarinense, 1992. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 53) LEITE, Ilka Boaventura; MAGNANI, José Guilherme; RIAL, Carmem Silvia. Participação em banca de Lisabete Coradini. Redes de sociabilidade e apropriação do espaço em uma área central de Florianópolis, 1992. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina
- 54) LEITE, Ilka Boaventura Participação em banca de Luis Roberto Martins Pinheiro. Ruptura e continuidade na MPB: a questão da linha evolutiva. 1992. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 55) LEITE, Ilka Boaventura; VIDAL, Lux Boelitz; SANTOS, Silvio Coelho dos. Participação em banca de Pedro Martins. Anjos de cara suja: etnografia da comunidade cafuzo, 1991.(Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 56) LEITE, Ilka Boaventura; FREIRE, Maria de Lourdes Bandeira L; GROSSI, Miriam Pillar Participação em banca de Vera Iten Teixeira. De negros a adventistas, em busca da salvação: estudo de um grupo rural de Santa Catarina, 1990. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 57) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Marilda Rosa C. Gonçalves da Silva Mulheres profissionais: um estado de papéis sexuais e suas implicações no cotidiano, 1988.(Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 58) LEITE, Ilka Boaventura; LANGDON, Jean; FONSECA, Cláudia Participação em banca de Maria Regina Azevedo Lisboa. A Sagrada Família: a questão do gênero em famílias católicas, 1987. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.

Bancas de Doutorado

- 1) TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; LEON, Gloria Anisia Farinas; GUSMÃO, Neusa Mendes de; SARTORI, Ari José; GROISMAN, Alberto; LEITE, ILKA BOAVENTURA. Participação em banca de Alexander Armando Cordovés Satiesteban. Caminantes e caminos que se hacen al andar: trajetórias de professores de ensino médio em Cuba, 201 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2) ALMEIDA, A. B. W.; FARIAS, M. R. C.; LEITE, ILKA BOAVENTURA Participação em banca de Maria Magela Mafra de Andrade Ranciaro. Os cadeados não se abriam de primeira: processos de construção identitária e a configuração do território de comunidades quilombolas do Rio Andirá (município de Barreirinha - Amazonas), 2016 (Antropologia Social) Universidade Federal do Amazonas.
- 3) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Carlos Eduardo Marques. A senzala de pai Benedito e o Quilombé Urbano. MAnzo Ngunzo Kaiango, 2015 (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Fundação de Desenvolvimento da UNICAMP.
- 4) LEITE, ILKA BOAVENTURA. Participação em banca de Mauricio Pardo Rojas. Movimento social negro da região do litoral Pacífico na Colombia, 2015 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 5) LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Fábio Araújo Fernandes. Capoeiragem in between, 2014. (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 6) LEITE, Ilka Boaventura; MOSTACO, E.; SAEZ, Oscar Calavia; CESARINO, L. Participação em banca de Augusto Marcos Fagundes Oliveira. Êxodos e encruzilhadas do sagrado: a missa dos quilombos, 2014;(Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 7) LEITE, Ilka Boaventura; PASSADOR, L.; SOUZA, R.; SOARES, L.; MINELLA, Luzinete Simões. Participação em banca de Esmael Alves de Oliveira. Qualquer semelhança não é mera coincidência: uma análise do HIV/AIDS no cinema moçambicano, 2014. (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 8) LEITE, ILKA BOAVENTURA. Participação em banca de Alexandra Elisa Vieira Alencar. É de baque virado: diálogos com os mestres do Maracatu do Recife (PE) e as políticas de patrimônio do Estado, 2012. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 9) MONTYSUMA, Marcos Fabio Freire; LEITE, Ilka Boaventura Participação em banca de Tereza Almeida Cruz. Um estudo comparado das relações ambientais de mulheres da floresta do vale do Guaporé (Brasil) e de Mayombe (Angola), 2012. (Programa de Pós-Graduação em História da UFSC) Universidade Federal de Santa Catarina.

- 10) TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; ATHIAS, R. M.; GRUNEWALD, R.; LANGDON, Esther Jean; RIAL, Carmem Silvia; LORIS, E. M.; LEITE, Ilka Boaventura; HEAD, S. Participação em banca de Marcos Alexandre Santos. O Regime imagético Pankararu: Tradução Intercultural na cidade de São Paulo, 2011 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 11) LEITE, Ilka Boaventura; SANTOS, J. T.; CARVALHO, José Jorge de; PEREIRA, L. C.; PARÉS, L. N. Participação em banca de Valdério Santos Silva. Rio das Rãs e Mangal: feitiçaria e poder em territórios. quilombolas do Médio São Francisco, 2010. (Estudos Étnicos e Africanos) Universidade Federal da Bahia.
- 12) LEITE, Ilka Boaventura; GROSSI, Miriam Pilar; MALUF, Sônia Weidner; BASTOS, Cristiana. Participação em banca de Rozeli Maria Porto. Aborto Legal e o cultivo ao segredo: dramas, práticas e representações de profissionais de saúde, feministas e agentes sociais no Brasil e em Portugal, 2009. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina
- 13) Brustolim, Cíndia; ANJOS, José Carlos Gomes dos; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Cíndia Brustolim. Reconhecimento e Desconsideração: a regularização fundiária dos territórios quilombolas sob suspeita, 2009. (Programa de Pós-Graduação em Sociologia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 14) LEITE, Ilka Boaventura; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; Chagas, Miriam de Fátima; TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; CASTELLS, Alicia de Participação em banca de Raquel Mombelli. Visagens, Encantes e João Maria: ecos da territorialidade quilombola, 2009. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 15) MALUF, Sônia Weidner; LANGDON, Esther Jean; FASTING, A. L.; BEVILAQUA, Ciméa Barbato; RIFIOTIS, Theophilos; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Simone Becker. Dormientibus Non socorrit Jus! (O direito não socorre os que dormem) Um olhar antropológico sobre ritos processuais (envolvendo o pátrio poder/poder familiar) e a produção de suas verdades, 2008. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 16) ALMEIDA, A. W. B.; Woortmann, E. F.; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Aderval Costa Filho. Os gurutubanos: territorialização, produção e sociabilidade em um quilombo do centro norte-mineiro, 2008. (Antropologia Social) Universidade de Brasília.
- 17) LEITE, Ilka Boaventura; THOMAZ, Omar Ribeiro; QUEIROZ, Sônia; RIFIOTIS, Theophilos; CHAVES, Rita; GROISMAN, Alberto; HARTUNG, Miriam Furtado Participação em banca de Frank Nilton Marcon. Leituras Transatlânticas: diálogos sobre identidade e o romance de Pepetela, 2005. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 18) LEITE, Ilka Boaventura; TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; DWYER, Eliana Cantarino O; CARVALHO, José Jorge de; ANJOS, José Carlos Gomes dos; FERNANDES, Ricardo Cid; HARTUNG, Miriam Furtado. Participação em banca de Osvaldo Martins de Oliveira. Projeto político do território negro de Retiro e as lutas pela titulação das terras, 2005. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
- 19) LEITE, Ilka Boaventura; BARCELLOS, Daisy Macedo de; SANTOS, José Vicente Tavares dos; FONSECA, Claudia Lee Williams. Participação em banca de Miriam de Fátima Chagas. Reconhecimento de direitos face aos (des)dobramentos da história: um estudo antropológico sobre territórios de quilombos, 2005. (Antropologia Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- 20) LEITE, Ilka Boaventura; BLOEMER, Neuza Maria Sens; ARRUDA, Rinaldo; PICCOLI, Jacó César; SAEZ, Oscar Calávia; TASSINARI, Antonella; CASTELLS, Alicia de. Participação em banca de Lais Maretti Cardia. O meu lugar é aqui: trajetórias e memórias de colonos e seringueiros para Rio Branco, Acre uma abordagem antropológica, 2004. (Programa de Pós Graduação em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.

Exame de qualificação de mestrado

1. Oliveira, Amurabi Oliveira; LEITE, ILKA BOAVENTURA. Participação em banca de Liendina Joaquim Chirindza. As outras: trajetórias sobre as estratégias das mulheres que orientam suas ações fora dos rigores da tradição, 2017 (Sociologia Política) Universidade Federal de Santa Catarina
2. LEITE, ILKA BOAVENTURA; SEVERO, C. G. Participação em banca de Ana Claudia Fabre Eltermann. O lugar das africanidades nos discursos sobre a brasilidade linguística, 2017 (Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina.
3. LEITE, ILKA BOAVENTURA; CAMPOS, Nazareno José de; DIAS, Leila Chistina Duarte. Participação em banca de Azbânia Mahin Romão Nogueira. Territórios Negros em Florianópolis, 2017.
4. LEITE, ILKA BOAVENTURA. Participação em banca de Carla Brito souza Ribeiro. Que afro é esse do Afro-Brasil? A concepção curatorial do Museu Afro Brasil, 2016. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina
5. LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Milena Argenta. Marcas da etnicidade: indumentária e pertença étnica no Sudoeste de Angola, 2011. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
6. LEITE, Ilka Boaventura; HARTUNG, Miriam Furtado; MALUF, Sônia. Participação em banca de Marina Melhado Gomes da Silva. Em preto e branco: estudos sobre representações da propaganda por afro-descendentes em Florianópolis, 2004.

Exame de qualificação de doutorado

1. LEITE, ILKA BOAVENTURA; KLUG, J.; OLIVEIRA, Tiago Kramer de Participação em banca de Jose'Nilo Bezerra Diniz. Novos caminhos para o colonialismo português: desmantelando mapas, construindo espacializações no sul de Angola (1875-1908), 2016 (História) Universidade Federal de Santa Catarina.
2. LEITE, Ilka Boaventura; MINELLA, Luzinete Simões. Participação em banca de Eveline Pena da Silva.. Acesso e permanência no ensino superior segundo estudantes negras cotistas: um enfoque interdisciplinar e interseccional de gênero. Qualif. doutorado, 2015 (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Universidade Federal de Santa Catarina
3. LEITE, Ilka Boaventura; RAMOS, C.; BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Participação em banca de Virginia Maria Yunes. Direito à Vida: uma terra chamada Guiné Bissau um tempo de sombras e sobras, 2015 (Artes Visuais) Universidade do Estado de Santa Catarina.
4. LEITE, Ilka Boaventura; ÉUGENIA, D. M.; DEVOS, Rafael Victorino; RAMOS, C. Participação em banca de Alexandra Eliza Vieira Alencar. É de Nação Nagô: o maracatu como patrimônio imaterial nacional, 2014 (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Univrsidade Federal de Santa Catarina.
5. LEITE, Ilka Boaventura; MOSTACO, E.; SAEZ, Oscar Calavia; Cesarino, Leticia Participação em banca de Augusto Marcos Fagundes Oliveira. Êxodos e encruzilhadas do sagrado: a missa dos quilombos, 2014 (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) Univrsidade Federal de Santa Catarina.
6. CORREA, Sílvia Marcus.; NODARI, E.S; LEITE, Ilka Boaventura; KLUG, J. Participação em banca de Simoni Mendes de Paula. O colonialismo espelhado nas águas de Cunene (1884-1975), 2014 (Programa de Pós-Graduação em História) Univrsidade Federal de Santa Catarina.

7. LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Denia Roman Solano. A forma e as aparências: história e vida social dos ulwas de karawala, caribe nicaraguense, 2008. (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.
8. WARREN, Ilse Scherer; MINELLA, Luzinete Simões; LEITE, Ilka Boaventura. Participação em banca de Karine Pereira Goss. Ações Afirmativas no Brasil: o debate sobre cotas para estudantes negros no ensino superior, 2006 (Sociologia Política) Universidade Federal de Santa Catarina.
9. LEITE, Ilka Boaventura; CASTELLS, Alicia de; DICKIE, Maria Amélia Schmidt Participação em banca de Maria Eugênia Dominguez. Projeto de pesquisa da Mestranda Maria Eugênia Dominguez, 2002 (Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina.

Outra

1. LEITE, Ilka Boaventura; GROSSI, Miriam Pillar; NACKE, Aneliese Participação em banca de Rosana Maria Badaloti. Avaliação do plano de atividades apresentado pela estagiária Rosana Badaloti, 1990 (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.
2. LEITE, Ilka Boaventura; NACKE, Aneliese; LISBOA, Maria Regina Azevedo. Participação em banca de Edson de Souza Ferreira. Avaliação do plano de atividades apresentado pelo estagiário Edson de Souza Ferreira, 1990 (Ciências Sociais) Universidade Federal de Santa Catarina.

VII - ORGANIZAÇÃO/OU PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS DE PESQUISA, ENSINO OU EXTENSÃO

1. Participação de eventos

1. 5th the World Conference: Remedies to Racial & Ethnic Economic Inequality em Vitória ES. 26-29/09/2018, 2018. (Congresso)
Africanidades transatlânticas: trajetórias e campos de atuação de lideranças negras.
2. Conferencista no(a) Dialogos Brasil-África: novas abordagens nos estudos e pesquisas, 2018. (Seminário) O Projeto Kadila: diálogos interdisciplinares Brasil-Angola.
3. Simposista no(a) Diversidade e inclusão na Universidade: o enfrentamento do Racismo, 2018. (Simpósio) O enfrentamento do racismo.
4. IUAES -Congresso Mundial da IUAES, 2018. (Congresso) Comunidades de axé e suas ações sociais sob uma perspectiva decolonial.
5. Conferencista no(a) 3 simpósio Sul da ABHR: Educação, Religião e Respeito às Diversidades, 2017. (Simpósio) A diversidade religiosa afro-brasileira vista pelo projeto Territórios do Axé.
6. Conferencista no(a) Congresso Internacional Direitos Humanos e Desenvolvimento da Justiça, 2017. (Congresso) Quais sujeitos, quais direitos, quais territórios?.
7. Conferencista no(a) Diálogos com Moçambique: celebrando o 42º aniversário da Independência, 2017. (Simpósio) A História da África.
8. Conferencista no(a) I Jornada de Estudos Africanos, 2017. (Seminário) "Da ciência colonial à decolonialidade nas ciências sociais".
9. Conferencista no(a) III Congresso Internacional Nuevos Horizontes de Iberoamérica, 2017. (Congresso) Diálogos iberoamericanos: fronteiras geográficas, históricas y culturales transnacionales.
10. Conferencista no(a) Jornadas Antropológicas 2017, 2017. (Simpósio) Diálogos transversais: diásporas, migrações e deslocamentos.
11. Moderador no(a) Ética Ciência e Direitos: por uma sociedade civil soberana, 2017. (Seminário) Antropologia e Direitos Constitucionais.
12. Conferencista no(a) A questão fundiária e as políticas de reconhecimento para indígenas e quilombolas, 2016. (Seminário) A questão fundiária e as políticas de reconhecimento.
13. Conferencista no(a) Antropologia, Poder e Direitos Tradicionais: A CPI que investiga a Funai e o INCRA, 2016. (Seminário) A pesquisa antropológica no estado de exceção.
14. Conferencista no(a) Dialogos com Moçambique: celebrando o 41 Ano da Independência, 2016. (Seminário) Arte contemporânea e as diásporas: contrapontos Brasil-Moçambique.
15. Avaliador no(a) 14ª Semana de ensino de ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC, 2015. (Seminário) Avaliação de Painéis.
16. Avaliador no(a) 25º Seminário de Iniciação Científica da UFSC, 2015. (Seminário) Avaliação.
17. I Encuentro de Africanismo y linguística del Sul, 2015. (Oficina) Tاجر de Africania.
18. Conferencista no(a) IV Congresso Internacional de Culturas Afroamericanas. Travessias: Africa, Brasil e Argentina., 2015. (Congresso) Cartografia e perspectivas artísticas.
19. Conferencista no(a) Seminário Internacional – Linguas africanas e seus deslocamentos: Diálogos entre Brasil, Angola e Moçambique, 2015. (Seminário) Palestra Brasil, Angola e Moçambique: construindo diálogos epistemológicos e políticos..
20. Seminário Raul Antelo, 2015. (Seminário) Seminário Raul Antelo.
21. Conferencista no(a) Visibilizando la Herencia y la Presencia Afro en el sul de Brasil, 2015. (Seminário) Experiencias en educacion, religion y comunidades quilombolas.
22. Conferencista no(a) 25 de maio: O novo lugar da África no mundo, 2014. (Outra) Mesa Redonda 25 de maio: O novo lugar da África no mundo.
23. Conferencista no(a) Conferência na Facultad de Filosofia y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2014. (Outra) Diásporas africanas, poéticas y políticas: las dimensiones del quilombo en el Brasil actual.
24. Conferencista no(a) GEALA, 2014. (Outra) Visibilizando la herencia y la presencia afro en el sur de Brasil.
25. I Encontro de Africanias e Linguísticas del Sur, 2014. (Encontro)
26. II Colóquio Literatura e Margen Silvano Santiago, 2014. (Outra)
27. Conferencista no(a) Disciplina Tópicos especiais em Arte – Arte Africana Contemporânea. Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes, UFMG. 2013. (Outra) Palestra Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora.
28. Moderador no(a) Homenagem ao dia de Angola, 2013. (Outra) Projeto Kadila: Cultura e Ambientes.
29. Conferencista no(a) Palestra Museus das diásporas Africanas, repertórios artísticos e memoriais, 2013. (Outra) I Semana Acadêmica de Museologia..
30. Conferencista no(a) Palestra na Columbia University, 2013. (Outra) Brazilian quilombos: their transhistorical, juridical and post-utopian dimensions.
31. Conferencista no(a) Palestra no Bard College, 2013. (Seminário) Dimensions of the Brazilian Quilombos.
32. Conferencista no(a) Palestra no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social UFRGS, 2013. (Outra) Palestra Pericia Antropológica em debate: uma roda de conversa entre a antropologia e o direito sobre Paiol de Telhas/PR.
33. Homenageado no(a) Prêmio Camélia da Liberdade 2013, 2013. (Outra) Prêmio Camélia da Liberdade 2013. Categoria Instituição de Ensino.
34. Moderador no(a) Seminário Cem anos de Egon Schaden., 2013. (Seminário) Mesa Redonda.
35. Conferencista no(a) Seminário Nacional: Os direitos dos quilombos e o dever do Estado Brasileiro, 2013. (Seminário) Diásporas Africanas e direitos territoriais: as várias dimensões do quilombo no Brasil..
36. Conferencista no(a) Seminário de apresentação da Proposta Pedagógica do Projeto de Licenciatura Quilombola, 2013. (Seminário) apresentação da Proposta Pedagógica do Projeto de Licenciatura Quilombola.
37. Conferencista no(a) Seminário de planejamento do Laboratório de Práticas e Comportamento Alimentares, 2013. (Seminário) Apresentação do projeto Kadila: Culturas, ambiente.
38. Workshop: Ética e Antropologia: Desafios acadêmicos, profissionais e jurídicos, 2013. (Outra)
39. Conferencista no(a) XII Fórum Nacional de Educação e XV Seminário Regional de Educação Básica., 2013. (Seminário) Educação indígena e afrodescendente.
40. Avaliador no(a) 22º Seminario de Iniciação Científica, 2012. (Seminário) Avaliação de Painéis PIBIC UFSC.
41. Moderador no(a) Café Cult, 2012. (Outra) Diferenças, Igualdade: itinerários e vozes anticoloniais.

42. Conferencista no(a) Colóquios João Pacheco de Oliveira: Índios misturados, ética e a atuação do antropológico, 2012. (Outra) Mesa Redonda Sntropologia, Ética e a Regulamentação da Pesquisa.
43. Apresentação Oral no(a) II Seminário SABERES LOCAIS E TERRITORIALIDADES., 2012. (Seminário) Mesa sobre o projeto Nova Cartografia Social.
44. Simposista no(a) Missão de Trabalho SINTER -Secretaria de Assuntos Internacionais da UFSC para assinatura do conveio entre a UFSC e a Universidade Agostinho Neto (Angola), 2012. (Encontro) Reunião na Reitoria e Embaixada do Brasil.
45. Conferencista no(a) Mostra audio visual Homossexualidades Racismo, Educação e Violências, 2011. (Outra) Identidades racismo e homofobias.
46. Conferencista no(a) Neocolonialismo e a dependência africana, 2011. (Seminário) A cultura como elemento de libertação.
47. Conferencista no(a) Seminário Quilombo Vivo, 2011. (Seminário) Promoção e proteção das criações artísticas quilombolas.
48. Conferencista no(a) Ética e Pesquisa: a legislação e o conselho de Ética na UFSC, 2011. (Oficina) Pesquisa em Antropologia e o Conselho de ética da UFSC.
49. Conferencista no(a) Ética, Pesquisa e o Comitê de Ética na UFSC, 2011. (Outra) Aula no PPG Psicologia UFSC.
50. Apresentação Oral no(a) Antropologia em Moçambique- - debate com Luis T. Domingos, 2010. (Encontro) Cosmologia e Arte.
51. Conferencista no(a) Aula no Pós-Lit, 2010. (Outra) Djumbai: Brasil e países africanos construindo outros saberes.
52. Apresentação Oral no(a) Congresso Associação Brasileira de antropologia, 2010. (Congresso) Perícias antropológicas e ética.
53. Conferencista no(a) Djumbai: Brasil e países africanos construindo outros saberes, 2010. (Seminário) Outros saberes, novas epistemologias.
54. Apresentação Oral no(a) Entre-Temas: pedagogia em ação: cultura afro-brasileira, 2010. (Seminário) Educação e diversidade: Cultura Afro-brasileira.
55. Apresentação Oral no(a) I Seminário Comunidades Quilombolas e Unidades de Conservação, 2010. (Seminário) Aspectos sócio-culturais ambientais e inclusão social.
56. Apresentação Oral no(a) II Jornadas Antropológicas: reflexões em formação: campo, teoria, escrita, 2010. (Simpósio) A construção do "objeto": o que levar 9ou não) para o campo.
57. Moderador no(a) Mostra de Cinema Africano, 2010. (Outra) Parte I: A obra de Licínio Azevedo.
58. Conferencista no(a) Oficina Museu Victor Meirelles, 2010. (Oficina) O índio visto pelas artes plásticas no Brasil e América Latina.
59. Apresentação Oral no(a) Semana de Integração do CFH, 2010. (Seminário) Concepções de Prática de pesquisa e ética.
60. Apresentação Oral no(a) Seminário Catarinense do Ministério Público Federal sobre comunidades Remanescentes de quilombos, 2010. (Seminário) Quilombos e reconhecimento constitucional.
61. Conferencista no(a) Terças Poéticas, 2010. (Exposição) Homenagem a Paulo Campos.
62. Apresentação Oral no(a) poéticas em diálogos contemporâneos, 2010. (Oficina) Encontro das águas: poéticas em diálogos.
63. Apresentação Oral no(a) África: diálogos entre história, literatura e artes, 2010. (Seminário) Diásporas e metamodernismos.
64. Apresentação (Outras Formas) no(a) Ciclo de Debates África Contemporânea I, 2009. (Seminário) Trilogia das Novas Famílias.
65. Apresentação Oral no(a) Ciclo de Debates África Contemporânea II, 2009. (Seminário) Junod - debate do filme.
66. Apresentação Oral no(a) Ciclo de Debates África Contemporânea III, 2009. (Seminário) Trilogia das Novas Famílias - apresentação do projeto.
67. Ciclo de Estudos Arte Contemporânea: crítica e curadoria, 2009. (Oficina).
68. Conferencista no(a) Del amazonas al Río de La Plata: I Jornadas Pueblos y comunidades Tradicionales de Brasil Y Argentina, 2009. (Seminário) Reinventando la tradición La resemantización de los quilombos y de la identidad Afro.
69. Conferencista no(a) Dockanema: Festival do Filme Documentário, 2009. (Outra) Novas dinâmicas Familiares: HIV-AIDS.
70. Simposiasta no(a) Encuentro Binacional para Una Teoria Comparada de las Artes, 2009. (Encontro) Proposta de Programa Postgrado.
71. Apresentação (Outras Formas) no(a) IV congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, 2009. (Congresso) Arte Identidade e Poder.
72. Conferencista no(a) Seminário do Centro de Estudos Estratégicos da Presidência da República, 2009. (Seminário) O quilombo como direito constitucional no Brasil.
73. Simposiasta no(a) Teoria Comparada de Las Artes, 2009. (Seminário) Teoria comparada de las Artes.
74. Apresentação Oral no(a) XII ENAPUR -encontro Nacional da ANPUR, 2009. (Congresso) Direitos territoriais e étnicos na América latina face aos conflitos e estratégias de desterritorialização.
75. Conferencista no(a) Diálogos Transversais em Antropologia - Laboratório de Antropologia Social - LAS, 2008. (Seminário) Metamodernismo e Diáspora na Teoria Pós-colonial.
76. Simposiasta no(a) Europe and Black and White, 2008. (Congresso) Cartographies of Europe and The Nation.
77. Conferencista no(a) Fórum Nacional de de Museus, 2008. (Congresso) Museus e o diálogo intercultural.
78. Conferencista no(a) Jornadas Antropológicas- PPGAS-UFSC, 2008. (Seminário) Diálogos entre a teoria e a prática.
79. Conferencista no(a) Seminários do NUQ-UFMG, 2008. (Encontro) Comunidades Quilombolas: a experiência do NUER.
80. Simposiasta no(a) Simpósio 20 Anos da Constituição - 32 Encontro Anual da Anpocs, 2008. (Congresso) Família, Gênero e as Minorias.
81. Conferencista no(a) Simpósio Perícia Antropológica e a defesa dos direitos sócio-culturais, 2008. (Seminário) Laudos antropológicos em debate: desafios da perícia antropológica.
82. Conferencista no(a) Aula Inaugural Ernesto Veiga de Oliveira no ISCTE - Lisboa, 2007. (Outra) Etnografia e perícia antropológica: desafios e dilemas contemporâneos.
83. Conferencista no(a) Conferência Museu Nacional de Arte: Olhares de África: lugares e entre lugares da Arte na diáspora, 2007. (Encontro) Olhares de África: lugares e entre lugares da Arte na diáspora.
84. Conferencista no(a) Conferência na Escola Nacional de Artes Visuais: Diversidade Cultural no Brasil, 2007. (Encontro) Diversidade Cultural no Brasil: cultura africana e indígena.
85. Conferencista no(a) Conferência no Museu Nacional de Arte -Maputo Moçambique, 2007. (Outra) Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora.
86. Conferencista no(a) Conferências do CRIA- Centro em Rede de Investigação em Antropologia, 2007. (Outra) Humanidades insurgentes: o quilombo como direito constitucional e as novas Áfricas brasileiras.

87. Conferencista no(a) Curso de Licenciatura em Estudos Europeus, 2007. (Outra)Políticas de identidade e diferença no Brasil.
88. Conferencista no(a) Rethinking Histories of Resistance, 2007. (Simpósio)The trans-historical, juridical-formal and the pos-utopian quilombo.
89. Conferencista no(a) Seminários de Antropologia Universidade Eduardo Mondlane, 2007. (Seminário)Antropologia e reconhecimento de direitos territoriais no Brasil.
90. Moderador no(a) Simpósio do Projeto "Rethinking Histories of Resistance" da universidade de Manchester, 2007. (Seminário)Simpósio da Universidade de Manchester.
91. Conferencista no(a) 25ª Reunião de Brasileira de Antropologia: Saberes e práticas antropológicas: desafios para o século XXI., 2006. (Congresso)As práticas de perícia antropológica em situações de conflito que envolvem comunidades tradicionais e etnias.
92. Conferencista no(a) Conferencia no Programa de Mestrado em Antropologia – Multiculturalismo e Identidades - Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, 2006. (Outra)Identidade, Cultura e Direitos.
93. Apresentação (Outras Formas) no(a)Laudos Antropológicos, identidade, territorialidade e remanescentes de quilombos, 2006. (Oficina)VIII Semana de Ciências Sociais - UFS - Oficina Laudos Antropológicos.
94. Conferencista no(a) O acesso à terra quilombola: violência e expropriação, 2006. (Encontro)VIII Encontro Regional de História - ANPUHS.
95. Conferencista no(a) Políticas de Identidade na diáspora latino-americana, 2006. (Seminário)VIII Semana de Ciências Sociais - UFS - Conferencia.
96. Conferencista no(a) Populações e Territórios: o global, o nacional e o local no agenciamento de identidades e na diversificação da cultura, 2006. (Oficina)Programa Cultura e Pensamento do MINC - Populações e Territórios.
97. Apresentação Oral no(a) Questões éticas na entrada e saída do trabalho de campo, 2006. (Encontro)Diálogos Transversais em Antropologia.
98. Conferencista no(a) Seminário de Pesquisa: Quilombos no Brasil: organização social e aplicabilidade das leis, 2006. (Seminário)Quilombos no Brasil: organização social e aplicabilidade das leis.
99. Conferencista no(a) Avaliação dos Instrumentos e políticas públicas para promoção do direito à terra, 2005. (Encontro) V Fórum Social Mundial: oficina Garantias e Violações ao Direito à Terra e à Moradia nos territórios étnicos das comunidades afro-descendentes.
100. Direitos Humanos e Globalizações: pesquisas antropológicas sobre dilemas éticos, reconhecimentos sociais e diversidades culturais, 2005. (Seminário)V Fórum Social Mundial - Seminário Etnicidades Emergentes e Situação Quilombola na sessão sobre Direitos Humanos e Globalizações.
101. I encontro de lideranças religiosas de cultos afro brasileiros, 2005. (Encontro)I Encontro de Lideranças Religiosas de cultos afro-brasileiros.
102. Apresentação Oral no(a) Regularização de Terras de Quilombos e o Trabalho do Antropólogo, 2005. (Simpósio)Regularização de Terras de Quilombos e o Trabalho do Antropólogo - reunião de trabalho da ABA..
103. Encontros do SINERGIA, 2004. (Encontro)SINERGIA - palestra sobre Quilombos no Brasil e políticas de reconhecimento.
104. II Seminário Sustentabilidade e Diversidade Sociocultural, 2004. (Seminário)II Seminário Sustentabilidade e Diversidade Sociocultural - lançamento do livro: O legado do Testamento de Ilka B. Leite.
105. Conferencista no(a) Quilombo, a construção de um novo direito, 2004. (Seminário)Quilombo, a construção de um novo direito - Exposição: As comunidades quilombolas hoje.
106. Conferencista no(a) Trajetória dos 25 anos do PPGCS, 2004. (Outra)Trajetória dos 25 anos do PPGCS.
107. VI Encontro Nacional, 2004. (Encontro)VI Encontro Nacional - Mesa Redonda sobre Quilombos.
108. XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, 2004. (Outra)XXIV Reunião Brasileira de Antropologia reunião brasileira de antropologia.
109. Apresentação Oral no(a) XXIV Reunião Brasileira de Antropologia, 2004. (Outra)XXIV Reunião Brasileira de Antropologia - Fórum de Pesquisa Levantar Quilombos: pressupostos, métodos, conceitos e efeitos sociais das experiências de mapeamento de comunidades negras rurais no Brasil.
110. I Encontro de Castro - Escravidão e liberdade no Brasil Meridional, 2003. (Encontro)I Encontro de Castro - Escravidão e liberdade no Brasil meridional - conferência Quilombos no Brasil: pesquisas e laudos para reconhecimento e titulação de terras.
111. Oficina Comunidades Remanescentes de Quilombo: Diálogos, 2003. (Oficina)III Fórum Social Mundial - Oficina Comunidades Remanescentes de Quilombo: Diálogos.
112. Palestra Negros no sul do Brasil, 2003. (Outra)Antropologia Social II - palestra Negros no sul do Brasil.
113. V Reunião de Antropologia do Mercosul, 2003. (Outra)V Reunião de Antropologia do Mercosul - palestra do minicurso Laudos Periciais em Antropologia.
114. VIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2003. (Outra)VIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste - curso sobre laudos periciais antropológicos.
115. 1º Seminário Políticas da Educação para Afro-brasileiros em Santa Catarina, 2002. (Seminário)1º Seminário Políticas da Educação para Afro-brasileiros em Santa Catarina - coordenação do GT Ensino Superior.
116. 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2002. (Outra)23ª Reunião Brasileira de Antropologia - comunicação Escritas Transversais: Casa Grande & Senzala e a literatura de viagens.
117. 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2002. (Outra)23ª Reunião Brasileira de Antropologia - sessão A Carta de Ponta das Canas e o Acordo de Cooperação Técnica ABA/Ministério Público.
118. 23ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2002. (Outra)23ª Reunião Brasileira de Antropologia - coordenação do Fórum Especial da ABA: Laudos Periciais Antropológicos.
119. Apresentação (Outras Formas) no(a)Diagnóstico do Ensino Superior - questões afro-brasileiras, 2002. (Seminário)Diagnóstico do Ensino Superior.
120. Ensino de antropologia: Diagnóstico, Mudanças e Novas Inserções no Mercado de Trabalho, 2002. (Encontro)Ensino de antropologia: Diagnóstico, Mudanças e Novas Inserções no Mercado de Trabalho. Fórum Desafios do mercado de trabalho e regulamentação de assessorias, laudos e perícias.
121. I Audiência Pública sobre Discriminação Racial e Ações Afirmativas em Santa Catarina, 2002. (Outra)I Audiência Pública sobre Discriminação Racial e Ações Afirmativas em Santa Catarina.
122. I Fórum Diversidade na Universidade, 2002. (Outra)I Fórum Diversidade na Universidade. Sessão: Propostas de Ações Afirmativas em Andamento.
123. I Seminário Políticas da Educação para Afro-Brasileiros em Santa Catarina, 2002. (Seminário)Coordenação do Grupo de Trabalho: Diagnóstico da Situação Educacional dos Afro-Brasileiros em Santa Catarina.
124. II Fórum Social Mundial, 2002. (Outra)II Fórum Social Mundial - painel Remanescentes de Quilombo - Luta Permanente.

125. II Fórum Social Mundial, 2002. (Oficina)II Fórum Social Mundial - oficina Territórios Negros.
126. Conferencista no(a) Laudos Periciais Antropológicos, 2002. (Outra)Fórum: Laudos Periciais Antropológicos.
127. Semana da Consciência Negra, 2002. (Outra)Semana da Consciência Negra - palestra.
128. Seminário Especial de Pós-Graduação em Educação Intercultural, 2002. (Seminário)O conceito de raça frente aos desafios das identidades múltiplas.
129. Conferencista no(a) Seminário do Projeto - Secretaria do Trabalho governo do Rio Grande do Sul, 2002. (Seminário)Projeto de Identificação, Reconhecimento, Delimitação e Levantamento Cartorial de Áreas de Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio Grande do Sul.
130. V Encontro Internacional Fazendo Gênero, 2002. (Encontro)V Encontro Internacional Fazendo Gênero - conferência Cultura Negra e políticas de identidade .
131. XXVI Encontro Anual da ANPOCS, 2002. (Encontro)XXVI Encontro Anual da ANPOCS .
132. Antropologia e Cidadania - PPGAS/UFSC, 2001. (Outra)Palestra Direitos Étnicos e Ações Compensatórias.
133. Apresentação (Outras Formas) no(a)Centro Integrado de Cultura, 2001. (Seminário)Encontro de Pesquisadores no Centro Integrado de Cultura - CIC.
134. Educação, diversidade e intolerância, 2001. (Outra)Conferência: Educação, diversidade e intolerância.
135. IV Reunião de Antropologia do Mercosul, 2001. (Congresso)Apresentação de Trabalho: Perícia Antropológica e os Procedimentos de Titulação conforme o Artigo 68..
136. IV Reunião de Antropologia do Mercosul, 2001. (Outra)IV RAM - coordenação do Fórum de Pesquisa: Perícia Antropológica: Paradigmas, Aspectos Técnicos e Ética.
137. Oficina de Direiros Humanos da ABA, 2001. (Oficina)Oficina de Direitos Humanos da ABA.
138. Seminário - Cem anos de Antonieta de Barros, 2001. (Seminário)Eventos alusivos ao centenário de Antonieta de Barros - Paine: Negros, questões para o novo milênio.
139. Seminário Nacional dos Analistas Periciais em Antropologia, 2001. (Seminário)Participação como interlocutora no Seminário Nacional dos Analistas Periciais em Antropologia.
140. VI Encontro Nacional da Rede de Advogados Populares, 2001. (Encontro)VI Encontro Nacional da Rede dos Advogados Populares - palestra Remanescentes de Quilombos: Um direito a ser conquistado.
141. XXV Encontro Nacional da ANPOCS, 2001. (Encontro)XXV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) na qualidade de membro de comissão e/ou comitê acessor da ANPOCS.
142. 22ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2000. (Outra)22ª Reunião Brasileira de Antropologia - coordenadora do fórum Etnografia dos Relatos de Viagem.
143. Africanos e Afrodescendentes na Historiografia brasileira e catarinense, 2000. (Congresso)Africanos e Afrodescendentes na Historiografia brasileira e catarinense - mesa redonda.
144. Oficina de Antropologia e Ética, 2000. (Oficina)Oficina de antropologia e ética. Questões éticas no trabalho de campo.
145. Seminário Interno do Projeto Egbé, 2000. (Seminário)Seminário Interno do Projeto Egbé.
146. 51ª Reunião Anual da SBPC, 1999. (Simpósio)51ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Participação no simpósio Antropologia, Diversidade Cultural e Cidadania.
147. II Ciclo de palestras do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da UNOESC, 1999. (Outra)II Ciclo de Palestras do Departamento de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). Etnicidades Contemporâneas: novas e velhas questões.
148. Inclusão e Reconhecimento no Mundo Multicultural, 1999. (Outra)Apresentação do trabalho Quilombos e Quilombolas: Cidadania ou folclorização .
149. VI Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1998. (Congresso)Produzir o texto, polir o olhar: antropologia e literatura.
150. , 1995. (Outra) Palestra ministrada intitulada Relações Interétnicas no Sul do Brasil.
151. Jornada Antropológica, 1994. (Outra)Palestra ministrada no evento - Jornada Antropológica - intitulada Relações Interétnicas e Identidades Contemporâneas .
152. XIX Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 1994. (Congresso)Reunião da Associação Brasileira de Antropologia.
153. Encontros com a Antropologia sobre identidade, Imigração e Memória, 1993. (Encontro)Palestra intitulada - Invisibilidade étnica e identidade: negros em Santa Catarina - proferida no Encontro com a Antropologia, sobre Identidade, Imigração e Memória.
154. XVII Encontro Anual da ANPOCS, 1993. (Encontro)XVII Encontro Anual da ANPOCS.
155. II Seminário Nacional sobre Sítios Históricos e Monumentos Negros, 1992. (Seminário)II Seminário Nacional sobre Sítios Históricos e Monumentos Negros - Quilombo.
156. IX Seminário de Estudos Latino Americanos, 1992. (Seminário)Participação do IX Seminário de Estudos Latino Americano .
157. XVI Encontro Anual da ANPOCS, 1992. (Encontro)Participação do XVI Encontro Anual da ANPOCS.
158. III Reunião Regional Sul da Associação Brasileira de Antropologia de 1991, 1991. (Outra)As fronteiras do exótico: o antropológico e o viajante.
159. XV Encontro Anual da ANPOCS, 1991. (Encontro)XV Encontro Anual da ANPOCS.
160. 3º Seminário Nacional Mulher e Literatura, 1989. (Seminário)3º Seminário Nacional Mulher e Literatura.
161. Encontro sobre Direitos Humanos, 1989. (Encontro)Encontro sobre Direitos Humanos.
162. XIII Encontro Anual da ANPOCS, 1989. (Encontro)XIII Encontro Anual da ANPOCS.
163. XVI Reunião Brasileira de Antropologia, 1988. (Outra)XVI Reunião Brasileira de Antropologia - Apresentadora comunicação.
164. Conferencista no(a) Encontro Latino Americano de Psicologia, 1987. (Encontro)Pré Encontro preparatório do II Encontro Latino Americano de Psicologia Marxista e psicanálise.
165. Curso Reflexões Acerca da Ciência Histórica, 1985. (Outra)Participação no curso: Reflexão acerca da Ciência Histórica.
166. I Simpósio de cultura e Imigração Italiana, 1985. (Simpósio)I Simpósio de Cultura e Imigração Italiana.
167. Curso: A questão Agrária Brasileira, 1984. (Outra)Curso: A questão Agrária Brasileira.
168. Primeiro Encontro de Arquivos Catarinenses, 1984. (Encontro)Primeiro Encontro de Arquivos Catarinenses.
169. XIII Reunião Brasileira de Antropologia, 1982. (Outra)XIII Reunião Brasileira de Antropologia.
170. XI Simpósio Nacional de História, 1981. (Simpósio)Participação no XI Simpósio Nacional de História - Curso: Metodologia da Pesquisa Histórica (12 Horas).
171. VI seminário de Estudos Mineiros, 1980. (Seminário)Participação no VI Seminário de Estudos Mineiros - Tema: A Revolução de 1930 em Minas Gerais.

172. Seminário sobre História Regional, História Geral, 1979. (Seminário)Participação no Seminário sobre História Regional, História Geral. .
173. Seminário sobre a Cultura Mineira - Período Contemporâneo, 1979. (Seminário)Participação no Seminário sobre a Cultura Mineira - Período Contemporâneo.
174. Seminário sobre a Pesquisa nas Ciências Sociais, 1979. (Seminário)Participação no Seminário sobre a Pesquisa nas Ciências Sociais.
175. X Simpósio da Associação Nacional de Professores Universitários de História, 1979. (Simpósio)X Simpósio da Associação Nacional de Professores Universitários de História -Curso A Formação do Estado Nacional na América Latina.
176. V Seminário de Estudos Mineiros, 1977. (Seminário)V Seminário de Estudos Mineiros - Tema: A República Velha em Minas Gerais.

2. Organização de eventos

1. LEITE, ILKA BOAVENTURA; Cesarino, Leticia; LORIS, E. M.; DARELLA, Maria Dorothea Post Ética Ciência e Direitos: por uma sociedade civil soberana, 2017. (Congresso, Organização de evento)
2. LEITE, ILKA BOAVENTURA; CAMPOS, N. J.; Oliveira, Amurabi Oliveira; SEVERO, Cristine Gorski; GROISMAN, Alberto I Seminário Religiosidades afro-brasileiras, 2016. (Congresso, Organização de evento)
3. LEITE, ILKA BOAVENTURA; CAMPOS, N. J.; GROISMAN, Alberto; SEVERO, C. G. II Seminario Religiosidades Afro-brasileiras, 2016. (Congresso, Organização de evento)
4. LEITE, ILKA BOAVENTURA; CAMPOS, N. J. III Seminário Religiosidades Afro-brasileiras, 2016. (Concurso, Organização de evento)
5. LEITE, Ilka Boaventura. Palestra Boubacar Traoré. Questão afro e arte argentina: história de uma trajetória., 2015. (Outro, Organização de evento)
6. LEITE, Ilka Boaventura. Seminário Internacional – Linguas africanas e seus deslocamentos: Diálogos entre Brasil, Angola e Moçambique, 2015. (Outro, Organização de evento)
7. LEITE, Ilka Boaventura; SEVERO, Cristine Gorski; CAMPOS, Nazareno José de; Cesarino, Leticia Seminário Projeto kadila: Culturas e Ambientes -diálogos Brasil Angola, 2015. (Outro, Organização de evento)
8. LEITE, ILKA BOAVENTURA. Seminário Kadila : Culturas e Ambientes, 2014. (Outro, Organização de evento)
9. LEITE, Ilka Boaventura; SEVERO, Cristine Gorski; CORREA, Silvio Marcus.; MONTYSUMA, Marcos Fabio Freire. Seminário Kadila: Culturas e Ambientes - diálogos Brasil e Angola, 2014. (Outro, Organização de evento)
10. LEITE, Ilka Boaventura; Bassi, Romulo Piconi; Moreno, Saulo Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora, 2013. (Exposição, Organização de evento)
11. LEITE, Ilka Boaventura. Ciclo de Palestras Aratemiolé, 2012. (Outro, Organização de evento)
12. LEITE, Ilka Boaventura; OLIVEIRA, Augusto Marcos Fagundes. Exposição NUER: 25 anos de estudos afrobrasileiros na UFSC, 2012. (Exposição, Organização de evento)
13. LEITE, Ilka Boaventura; Noronha, Isabel; ROJAS, Maurício Pardo; ÉUGENIA, D. M.; Correa, Silvio; ISAIA, Artur Cesar; OLIVEIRA, Osvaldo Martins de; DETURCHE, Jeremy; PAREDES, Margarida; DEVOS, Rafael Victorino; BROWN, Diana - FUNZANA - Ciclo de Palestras NUER 2012, 2012. (Outro, Organização de evento)
14. ACO, Samuel Rodrigues; LEITE, Ilka Boaventura. O Centro de Estudos do Deserto (CE.DO) e as pesquisas etnográficas em Angola, 2012. (Outro, Organização de evento)
15. LEITE, Ilka Boaventura; MOMBELLI, Raquel; FERNANDES, Ricardo Cid Patrimônio Cultural e Políticas Públicas, 2012. (Exposição, Organização de evento)
16. LEITE, Ilka Boaventura; CONCEIÇÃO, William Luis; PEÇANHA, Carolina; LIMA, Roberta C. A.; BRITO, Evandro de Oliveira; GUIMARÃES, Tamar Abreu Exposição Diálogos Afrobrasileiros, 2011. (Exposição, Organização de evento)
- Exposição fotográfica de trabalhos fotográficos de alunos do curso Estudos Afro-brasileiros , disciplina do curso de Ciências Sociais da UFSC
17. LEITE, Ilka Boaventura; ALMEIDA, Marcos Farias; ALENCAR, Alexandra; OLIVEIRA, Esmael. A.; ARGENTA, Milena; MOMBELLI, Raquel; ALMEIDA, Sonia Vespeira de; QUEIROZ, Sônia FUNZANA - Ciclo de Palestras do NUER 2011, 2011. (Outro, Organização de evento) Ciclo de Palestras mensal com a presença de pesquisadores do NUER e público universitário, entrada livre.
18. LEITE, Ilka Boaventura. Oficina Fotográfica com Ayrton de Magalhães, 2011. (Outro, Organização de evento)
19. LEITE, Ilka Boaventura; ALMEIDA, Sonia Vespeira de; QUEIROZ, Sônia; ANTELO, Raúl PALESTRAS NUER 25 ANOS, 2011. (Outro, Organização de evento)
20. ALMEIDA, Sonia Vespeira de; LEITE, Ilka Boaventura. Seminário Cultura Popular, construção da nação e pós-colonialismo, 2011. (Outro, Organização de evento)
21. LEITE, Ilka Boaventura. XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais – CONLAB. Diversidade e (Des)Igualdades, 2011. (Outro, Organização de evento)
22. LEITE, Ilka Boaventura; MOMBELLI, Raquel. Seminário Comunidades Quilombolas e Unidades de Conservação: aspectos ambientais e socioculturais, 2010. (Outro, Organização de evento) Seminário com a participação de Associações Quilombolas, MPF, INCRA, entre outros.
23. LEITE, Ilka Boaventura; OLIVEIRA, Esmael. A. Minicurso SEPEX "HIV/AIDS e Cinema", 2010. (Outro, Organização de evento)
24. LEITE, Ilka Boaventura; MOMBELLI, Raquel. Minicurso SEPEX OFICINAS NUER -"Comunidades e Povos Tradicionais do Sul do Brasil", 2010. (Outro, Organização de evento)
25. LEITE, Ilka Boaventura; SOARES, Felipe; CAPELA, Carlos Mostra de Cinema Moçambicano III: arte, cultura e poder, 2010. (Outro, Organização de evento)
26. LEITE, Ilka Boaventura. Ciclo de Debates África Contemporânea - projeto ProÁfrica, 2009. (Outro, Organização de evento)
27. LEITE, Ilka Boaventura. HIV/SIDA e novas dinâmicas familiares, 2009. (Festival, Organização de evento)
28. LEITE, Ilka Boaventura; ALMEIDA, Sonia Vespeira de Painel Arte, Identidade e Poder, 2009. (Congresso, Organização de evento)
29. LEITE, Ilka Boaventura; Mabuki -Tali Jean Michel; MARCON, Frank Nilton; Rodrigues Filho, Enrique. Espada. I Ciclo de Debates sobre África Contemporânea, 2008. (Congresso, Organização de evento)
30. LEITE, Ilka Boaventura; MOTTA, Flavia de Mattos. Diálogos Transversais em Antropologia, 2006. (Outro, Organização de evento)

31. LEITE, Ilka Boaventura; FERNANDES, Ricardo Cid; MOMBELLI, Raquel; ALENCAR, Alexandra. II Seminário Quilombos no Sul do Brasil, 2005. (Outro, Organização de evento)
32. LEITE, Ilka Boaventura; FERNANDES, Ricardo Cid; MOMBELLI, Raquel I Seminário Quilombos no Sul do Brasil, 2004. (Outro, Organização de evento)
33. LEITE, Ilka Boaventura. Curso de Extensão: Políticas da Diferença (Coordenadora), 2002. (Outro, Organização de evento)
34. LEITE, Ilka Boaventura. Fórum: Etnografia dos Relatos de Viagem - XXII Reunião Brasileira de Antropologia, 2000. (Congresso, Organização de evento)
35. LEITE, Ilka Boaventura. Oficina sobre laudos antropológicos, 2000. (Congresso, Organização de evento)
36. LEITE, Ilka Boaventura. Pluriétnicidade e intolerâncias: relações interétnicas no Sul do Brasil, 1996. (Congresso, Organização de evento)
37. LEITE, Ilka Boaventura. IV Reunião Regional da ABA, 1993. (Congresso, Organização de evento)
38. LEITE, Ilka Boaventura. Antropologia às 6:30 - Ciclo de Palestras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, 1992. (Congresso, Organização de evento)
39. LEITE, Ilka Boaventura. Encontro Intermediário da ANPOCS: territorialidade, identidade e cidadania de negros no Brasil 1990. (Congresso, Organização de evento)
40. LEITE, Ilka Boaventura. Grupo de Trabalho: Territorialidade Negra e Cidadania de Negros no Brasil - XVII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 1990. (Outro, Organização de evento)
41. LEITE, Ilka Boaventura. Mostra Fotográfica: Territórios Negros em Área Rural e Urbana - XVII Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, 1990. (Exposição, Organização de evento)
42. LEITE, Ilka Boaventura. Seminário Escravidão e Racismo, 1988. (Congresso, Organização de evento)

Créditos

Organização dos Apêndices e do Anexo: Juliana Okawati

Bolsistas de Apoio: Nayara Lima e Gabriela Tertuliano

Design e Diagramação: Thabata Pinheiro

Capa: Arte sobre fotografia de Rodrigo Venzom

UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina

